

Diario de Lisboa

Edição Mensal

Numero avulso: 2350 ESCUDOS Administrador e editor MANZONI DE SEQUEIRA ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 37, 2. ^o Endereço Telegrafico: DIBOA	DIRECTOR JOAQUIM MANSO	Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA Redacção, composição e impressão RUA LUZ SORIANO, 48 TELEFONES—2 6371, 2 6372 e 2 6373 Endereço telegrafico: DIBOA
--	----------------------------------	---

N.º 4 **1 a 30 de Julho de 1933** 1.º ANO

Artigos.— Noticias.— Informações.— Gravuras, desenhos, caricaturas, fotografias.— O que vai pelo mundo.— O que se passou em Portugal.— A Politica, a Economia, o Direito, o Comercio, a Industria e a Agricultura.— As Ciencias.— A Historia e a Geografia.— As Letras e as Artes.— A vida social, a vida feminina, a vida religiosa.— O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro.— A moda.— Os "sports".—

Os livros que se conferencias que melhores artigos ram. As leis.— As exposições.—

— Os que triunpharam.

fez.— O que

O que se

O que se

A vida de

SUMARIO

DE ALGUNS ARTIGOS

Filosofia de todos os dias para uso de toda a gente por *Mariana*.

A conferencia monetaria e economica de Londres por *Antonio Filomeno Lourenço*.

Bolsas e Cambios por *A. F. S.*

Espanha Economica Mundial por *Roque da Fonseca*.

Estudo do tabaco pelo dr. *D. Antonio Forjaz*.

Fibromas naso-faringeos. Novo processo de os operar pelo dr. *João Santana Leite*.

Pharmacia. A sua separação da medicina por *Adolfo Teixeira*.

Os descobrimentos dos portugueses pelo almirante *Gago Coutinho*.

Humanismo pelo dr. *Joaquim Manso*.
Prescura do bundo pelo dr. *Ricardo Jorge*.

Sport e educação fisica por *Mario Rosa*.

Magia do silencio por *Joaquim Leitão*.

publicaram. — As se fizeram. — Os que se escreve-

prémieres. — As Os concertos.

fam. — Os que

— O que se se disse.—

pensou.—

viveu.—

um mês.

ÍNDICE DAS DIVISÕES DO "DIÁRIO DE LISBOA", MENSAL

I-- Ciências sociais e políticas. Direito

- a) **Sociologia**
- b) **Política internacional**
- c) **Economia nacional: A vida do Estado**
a) Política interna. Governo e administração pública e civil. Funcionalismo. — b) Economia e finanças: Riqueza pública. Bancos, moeda, bolsa, crédito. Países: Exportação e importação. Estatística. — c) A acção social: O capital e o trabalho. — d) Previdência social: Assistência. Seguros. Desemprego. Cooperativismo. Mutualismo, Lotarias. — e) Pedagogia e educação: Psicologia. Vida escolar. Movimento professoral. — f) Higiene e Sanidade. — g) Ciências militares. A guerra e a ciência da guerra. Exército e Marinha. Vida militar.
- d) **Direito: Jurisprudência. Legislação. Crime e repressão. Tribunais. Vida forense** *Diário do Governo.

II-- Comércio, indústria, tecnologia. Agricultura

- A) **Organização e métodos. Ensino técnico**
- B) **Comércio**
a) Produção. — b) Transportes e comunicações: Aviação, Caminhos de ferro e camionagem. Portos. Marinha mercante. Estradas. Correios, telegrafos, telefones. — c) Mercados e feiras. — d) Comércio externo. Relatórios consulares. — e) Publicidade. Exposições.
- C) **Indústria: Industrias varias, Exposições**
- D) **Tecnologia**
- E) **Agricultura**

III-- Ciências

- A) **Matemáticas**
- B) **Físico, químicas, naturais**
a) Física. — b) Química. — c) Naturais.
- C) **Medicas. Medicina, Cirurgia, Especialidades. Farmacia. Arte veterinária**

IV-- Historia e Geografia

- A) **Historia e Ciências auxiliares: Pre-historia. Antropologia. Arqueologia. Cronologia. Epigrafia, etc.**
- B) **Geografia: Ciências auxiliares. Viagens, guias, turismo.**
- C) **Portugal**
- D) **Colónias**
- E) **Brasil**

V-- Letras

- A) **As letras e os letrados: Instituições culturais. Prêmios e estimulos literarios**
- B) **Bibliotecas e arquivos: Biblioteconomia. Paleografia. Cronologia. Diplomática. Selos e gravuras. Numismática. Filatelia, etc.**
- C) **Bibliografia:**
a) **Bibliografia. Dicionarios. Obras gerais. — b) Historia literaria. Biografia. Memorias, cartas, etc. — c) Romanços. Contos. Novelas. — d) Poesia. — e) Obras para crianças. — f) Diversos. — g) Literatura estrangeira e traduções.**
- D) **O Livro: Artes graficas. Decoração do livro. Ex-libris.**

VI-- Arte

- A) **Belas Artes**
a) **Arquitectura. Urbanismo. — b) Pintura, escultura, desenho. Artes decorativas. Diversas. — c) Museus. Exposições. Vendas de Artes. Gremios e Sociedades. Os artistas.**
- B) **Theatro. Cinema. Musica: Canto e dança. Telefonía e discos. Os artistas**

VII-- Vida Social

- A) **O homem e a mulher: Festas e reuniões.**
- B) **Sports e educação física: Caça, pesca, gymnastica, jogos, equitação, natação, esgrima, automobilismo, foot-ball, toareio, corridas, etc.**
- C) **A moda: Artes femininas. Economia domestica. Culinaria e gastronomia.**
- D) **Vida religiosa**
- E) **O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro**

Diário de Lisboa

Edição Mensal



<p>Numero avulso: 2550 ESCUDOS Administrador e editor MANZONI DE SEQUEIRA ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º Endereço Telegrafico: DIBOA</p>	<p>DIRECTOR JOAQUIM MANSO</p>	<p>Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA Redacção, composição e impressão RUA LUZ SORIANO, 48 TELEFONES—2 0271, 2 0272 e 2 0273 Endereço telegrafico: DIBOA</p>
---	--	--

FILOSOFIA DE TODOS OS DIAS PARA USO DE TODA A GENTE

NABOR.—Bons dias, minha musa preguiçosa! Durante um mês, não me dirigiu sequer uma palavrinha acerca do assunto que versámos. A sua curiosidade derivou para outros rumos, ao sabor da sua fantasia e da sua frivolidade—abelha de azas douradas.

NATALIA.—Engana-se, meu grande censor: meditei, li um pouco, a fim de pisar a terra proibida da filosofia, errei pela biblioteca de meu tio e abri varios livros que me gelaram de terror.

NABOR.—Terror de quê? Acaso encontrou nelas aquilo que um escritor francês denominava o «prazer de vasar os olhos da esfinge para se livrar do silencio que os ensombra?»

NATALIA.—Empalideci sobre uma pagina na qual se lia o seguinte:

—«O sabio que pretende conservar-se no campo rigorosamente científico limita-se a estudar e compreender a realidade das cousas na sua relação com as necessidades humanas: o misterio, se existe, mantem-se impenetravel.»

Como deve calcular, todo o meu ser fragil, mas sedento de curiosidades, de profundas enigmáticas que interessam: o meu corpo, a minha alma e o meu espirito, sofreu um rude golpe. Benzi-me para afastar o Inimigo!

NABOR.—Que levandade lançar-se assim á aventura no país de Socrates, Descartes e Nietzsche, onde cada passo levanta uma nuvem de pó, através da qual se presente — lá muito ao longe — o Bem e o Mal!

NATALIA.—Mas eu imaginava que a Verdade se deixava descobrir ou adivinhar, levantando-lhe o ligeiro veu que a cobre...

NABOR.—Quem se dedica á filosofia ha de ser humilde e paciente, aliás mudará em cinzas o fruto das suas vigílias e das suas inquietações.

NATALIA.—Custa-me muito a moderação, a disciplina, quando o meu sentimento arde na febre das conquistas e das descobertas...

NABOR.—Não ha mais remedio! E vale a pena esperar... Quem noutros tempos entrava para o claustro sabia que renunciava ao mundo, a troco de gozos espirituais que impunham previamente duríssimos sacrificios.

NATALIA.—Estou pronta para a iniciação. Diga-me, porém, antes de mais nada: — Não será inútil a prova a que vou sujeitar-me? Encontrarei resposta para as interrogações que irresistivelmente formula — ora o meu pensamento ora o meu coração?

NABOR.—Houve em Atenas um mancebo chamado Diótimo que se aproximou de Socrates e lhe pediu para ser um dos seus discipulos. — Que desejaste conhecer? perguntou-lhe o filosofo. — Tudo que os homens ignoram e os deuses sabem. — Pois então vai consultar o oraculo de Delfos, se antes disso a demencia te não privar do pouco juizo que tens.

NATALIA.—Compreendo que, além de paciente e humilde, tenho de ser razoavel...

NABOR.— Isso mesmo; desistir de idelias loucas e de ambições superiores ás suas forças. As borboletas morrem na luz, por não resistirem á tentação que as convida, capciosamente. Não lhes siga o exemplo...

NATALIA.—Aqui tem as minhas mãos: ate-as uma á outra para que eu não faça criciâncias!

NABOR.—Vamos então ao que importa: acredita que na vida existe alguma cousa de mais alto que a materia que nos circunda como um nevoeiro ou nos arrasta como um tufão?

NATALIA.—Devo mesmo confessar-lhe: é a unica atmosfera em que respiro desafagadamente. Em certas horas, quasi todo o reino dos meus sonhos. Mas se abro os olhos, logo se desvaneca a maravilha! Como poderei amarrar a minha barca nessa praia longínqua?

NABOR.—Não confunda, a poesia com a filosofia. Uma cousa é o que dita a emoção e outra o que busca a razão. Desde que o primeiro homem indagou: — Quem sou? Em que sentido caminho — para a vida ou para a morte? — a religião e a filosofia apareceram abraçadas na mesma esperança e na mesma duvida.

NATALIA.—Mas hoje estão separadas, não é verdade? Creio até que algumas vezes se portam como irmãs desunidas e rivais...

NABOR.—Traçaram os seus limites e, como geralmente acontece, não são respeitadas. Spinoza, num momento de profunda sinceridade, declarou:

—«Deus está todo em tudo, mas ha quem pretenda dividi-lo.»

Referia-se aos filosofos que aspiram á gloria de clausurar o Infinito, nos seus orgulhosos *in-folios*.

NATALIA.—Desvie-me desses temeracosos empreendimentos. Poderei eu, sem sair da modestia e do temor do meu sexo, aventurar-me um pouco adiante dos contos de fadas que deliciaram a minha infancia?

NABOR.—Sem sombra de receio. Por mais voltas que dê e por mais horizontes que transponha,

convença-se disto—viajará constantemente em seu mundo interior. E' lá que fica a verdadeira terra de Prestes João. Se alguém a quiser convencer do contrario, responda:—O misterio está dentro de mim e a materia fora. A sua consciencia é um milagre permanente—um arrebatamento igual ao da estrela

que se desenha e fulge nas alturas—o seu inconsciente um pelago sem fundo que a integra no universo. Qualquer cousa de parecido com a formação da flor: raizes no solo e crescimento para o azul.

NATALIA.—Começo a entender e a confiar...

MATIANA

O MEZ DE JULHO na tradição popular

(Mez de S. Tiago)

Em Julho

Reina o gorgulho.

— Quem trabalha em Julho
Para si trabalha.

— Em Julho
Ceifo o trigo e o debulho,
E em o vento soprando
Vou limpando.

— Deus ajudando
Vai em Julho mercando.

— Julho quente, seco e ventoso.
Trabalha sem repouso.

— Quem em Julho are e fia
Ouro cria.

— Junho, Julho e Agosto
Senhora não sou vosso.

Em Espanha:

Em Jullo, ni mujer, ni caracol.

— A geira de Maio
Vale os bois e o carro;

A de Julho

Vale os bois e o jugo.

— Por Santa Marinha
Vai ver tua vinha,
E qual a achares
Tal a vindima.

— Pela Madalena
Recorre tua figueira.

— Pelo S. Tiago
Cada pinga vale um cruzado.

— Em dia de S. Tiago
Vai á vinha acharás bago,
Se não fôr mauro, será inchado.

— Por S. Tiago
Na vinha pinta o bago.

Em Espanha:

Por Santiago
Pinta el vago.

— Por Sant'Ana
Limpa a pragana.

Os santos advogados

Dia 5— Bemaventurado Miguel dos Santos, adv. contra os cancores e tumores.

Dia 22— S. Platão, adv. e libertador de captivos.

Dia 23— S. Apolinario, adv. contra as quebraduras; S. Liborio, adv. contra a dor de pedra.

Dia 25— S. Cristovão, adv. contra o fastio; S. Tiago, adv. contra os perigos de guerra.

Dia 28— S. Ana, adv. contra a esterilidade dos casados.

Dia 29— S. Marta, adv. contra a lagarta e pulgão das vinhas.

Dia 31— S. Ignacio de Loyola, adv. contra os partos perigosos. Pelo S. Tiago

CROQUEMITAINE ENTRE OS CANIBAIS

(A Alemanha reclama colonias)



Vamos menino! Senão, vens depressa vou chamar o Hitler!

Der Goetz von Berlichingen, Viena.

A Estação

Calor brutal, acontecimentos sem grande importancia visto que toda a gente nesta epoca sai da capital em demanda ou do fresco ou do descanso. Política nacional caracterizada por decretos varios, politica internacional só ressaltada pela attitude digna de Sanjurjo no tribunal de Madrid e pelo fracasso da conferencia economica mundial, que de resto toda a gente esperava que desse o resultado que deu. Aviação, intensidade plena a ponto de podermos dizer que esta é a epoca da aviação, a quinta arma que todos temem e em que todos põem esperanza. Nós contentamo-nos com a chegada do Vouga, continuador do Gonçalo Velho na missão revivescedora da nossa marinha de guerra e até já possuímos uma bateria anti-aerea. E até Outubro a vida portuguesa decorrerá sem grandes animações.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

I-- Ciências sociais e políticas. Direito

Sociologia — Política internacional — Economia nacional: A vida do Estado — Direito

Política internacional

A CONFERENCIA MONETARIA E ECONOMICA DE LONDRES

RESUMO DOS TRABALHOS REALIZADOS

Os discursos de abertura da conferência proferidos pelo rei Jorge V e por Ramsay MacDonald, chefe do governo inglês e presidente da conferência

No passado dia 12 de junho, perante os representantes de 63 países, o rei Jorge V, de Inglaterra, proferiu o seguinte discurso ao abrir solenemente a Conferência Económica Mundial, sendo escutado de pé, debaixo dum silêncio profundo:

«Senhores, nestes tempos de crise económica, que por toda a parte se faz sentir, é com o sentimento de profunda responsabilidade que vos desejo boas-vindas a este país. Creio que é esta a primeira vez na história que um soberano preside à abertura duma Conferência de todas as nações do Mundo. Sinto-me contente que uma tal reunião se tivesse podido fazer. Este esforço comum levará a resultados benéficos. Desejo as boas vindas aos representantes dos Estados membros da S. D. N. Tenho sempre seguido os trabalhos da S. D. N. com apreço e o maior interesse. E graças à preciosa actividade do «comité» dos peritos que a S. D. N. convocou a Conferência e abriu o caminho. Sem a Sociedade, sem ideais, duvido muito que esta assembleia se tivesse podido reunir. Desejo não menos cordiais boas vindas aos representantes dos Estados que não são membros da S. D. N. Apraz-me reconhecer o espirito de cooperação e mutuo auxilio que os levou a tomar parte nestas discussões. Desejo ainda dar especial boas vindas aos representantes dos meus domínios e do meu império da Índia.»

Chegado a esta altura do seu discurso, o soberano, que se exprimia em inglês, acrescentou, em francês: «Senhores delegados: E com profunda emoção que vejo em volta de mim esta augusta assembleia que parece tão vasta — e que representa a concepção, infinitamente mais alta, da esperança e desejos do Mundo inteiro. O Mundo encontra-se num estado de inquietação. Para V. Ex.ª, que hoje iniciam uma obra de restauração, a tarefa é pesada. Só será levada a cabo à força de muito boa vontade e de sincera cooperação.»

Terminadas estas afirmações, e voltando a falar em inglês, Jorge V prosseguiu: «Senhores delegados: Estendovos a mão e desejo-vos de todo o coração que os vossos esforços dêem aquelle feliz resultado que é esperado com impaciência por todos os povos do Mundo. Não me dissimulo a grandeza da missão que a Conferência tem perante si. Contudo, ha uma coisa que me dá esperança: é o desejo real de se chegar a um accordo. As nações sciem do mal

comum a todas. As estatísticas crescentes do desemprego são desse mal a prova mais que eloquente. O significado dessas estatísticas e tudo o que implicam de sofrimento humano foram nestes ultimos anos objecto das minhas constantes preocupações. Em presença da crise de que todos se dão conta e de que todos reconhecem a acuidade, peço-vos que unais os vossos esforços para bem do Mundo inteiro. Não posso crer que o homem seja incapaz de utilizar os vastos recursos do Mundo de maneira a assegurar o progresso material da civilização. Esses recursos não sofreram qualquer diminuição; pelo contrario, as descobertas, as invenções multiplicaram a utilização da abundancia de produção. Foi esta mesma abundancia que suscitou novos problemas. Ao mesmo tempo que se constata este extraordinario progresso material, registava-se este facto novo: a interdependencia das nações tornando preciosa a sua colaboração. E agora a altura de pôr ao serviço da humanidade este novo principio.

O rei terminou o seu discurso fazendo votos por que os trabalhos do Congresso reponham o Mundo no caminho da prosperidade e do progresso ordenado.

O rei retirou-se, momentos depois, do edificio da Conferência com o mesmo ceremonial da entrada.

Macdonald, como presidente da Conferência, resumiu em seguida as causas que contribuem para a crise económica mundial e expôs os motivos da reu-

não estão em condições de ser equi-

«A vida económica do Mundo ha anos que vem atravessando uma grande crise que obrigou a fechar as fabricas, a limitar o numero de operários e a reduzir os salarios. Este facto levou certos Estados quasi à beira da bancarrota. Os orçamentos desses Estados não estão em condições de serem equilibrados. Desde 1929 que os preços têm caído e se têm conservado muito abaixo do custo dos productos. Essa quebra de preços deu-se irregularmente e tem sido a origem de grandes desordens nas relações económicas normais. Essa queda de preços veio tornar ainda mais pesado o fardo das dividas mundiais. Em 1932, a produção de materias primas, comparadamente com 1929, caiu cerca de 30 por cento e as trocas entre a cidade e a provincia sofreram um tragico decrescimento. As receitas caíram consideravelmente em toda a parte e em alguns países essa diminuição varia entre 40 e 50 por cento. A crise geral foi agravada pelas restricções, pelas pautas aduaneiras, por quotas e pela fiscalização de cambios. Estas medidas, no seu conjunto, contribuíram para uma consideravel diminuição de comercio que entre 1929 e 1932 foi de menos de três quartas partes, comparadamente com os anos anteriores e o que é ainda pior, por cerca de metade do preço. Como consequencia deste estado de coisas o numero de desempregados foi aumentando, até que hoje ele anda por volta de 30 milhões em todos os Estados. Ora, isto não pode continuar.»



Inflacção: Vinho reconfortante, marca americana.

Do «Daily Express», Londres

As vantagens da substituição dos nacionalismos económicos por uma política de cooperação mundial

Proseguindo nas suas considerações, Macdonald declarou: «Além de tudo que ficou referido ha ainda um assunto de capital importancia: «As dividas da guerra».

A Conferencia Economica não está constituída de maneira a poder resolver este momentoso assunto, mas a questão tem de ser resolvida sem demora pelas nações, para que a obra começada em Lausana seja completada. Tem de ser resolvida de uma vez para sempre, tomando em consideração as actuaes circunstancias em que o Mundo se encontra. Esta Conferencia é uma sequencia do trabalho efectuado em Lausana o ano passado, quando, por meio dum accordo condicional sobre a maneira como devia ser tratada a questão das dividas e das reparações, a Europa pôde ser salva de uma imediata catastrophe financeira. O Mundo não pode ser equilibrado sem um accordo internacional. Os ultimos anos tinham provado que uma politica economica puramente nacional empobrecia tanto as outras nações como as que seguissem essa politica. Quanto mais as nações adoptarem como sua a politica economica mundial melhor será para cada nação. Devo frisar que a rapidez no accordo é essencial para assegurarmos o

exitto. É absolutamente necessario que esta Conferencia dê os resultados que dela se esperam. Damos ao Mundo como nota da nossa primeira reunião que estamos resolvidos a ver os nossos esforços coroados de exitto.

Macdonald, concluindo o seu discurso, disse: «Julgo ter exprimido os pontos de vista do conjunto dos delegados dizendo que não viemos para aqui para discutir simples theorias, mas para apresentar propostas praticas tendentes a levar remedio ás necessidades imperiosas. Por isso convindo cada delegação a apresentar as suas propostas em termos precisos, a fim de podermos abordar sem perda de tempo o seu exame. Faço votos sinceros para que esta Conferencia dê ao Mundo a coragem e a confiança e que ella possa marcar o fim dos anos de incerteza. Desejo que ella ponha um termo ás politicas que provocaram a grande crise em que o Mundo se debate actualmente.»

II

A nomeação de uma comissão de verificação de poderes

É nomeada, por proposta do presidente da Conferencia, uma comissão de verificação de poderes, composta por um delegado de Portugal, que é o sr. dr. Augusto de Vasconcelos, que assume a presidencia, e por um delegado do Egipto e outro da Venezuela.

III

A constituição da mesa da Conferencia

Macdonald propõe, sendo aprovado, que a Mesa da Conferencia seja formada por um delegado de cada um dos seguintes países: Alemanha, Argentina, Reino Unido, Canadá, China, Espanha, Estados Unidos da America, França, Hungria, Italia, Japão, Mexico, Países Baixos, Suecia, Tchechoslovaquia, União das Republicas Sovieticas Socialistas e que promova a constituição de duas ou três comissões, entre as quais se reparta todo o trabalho da Conferencia e o estudo dos relatorios dos peritos.

IV

A discussão geral dos problemas economicos e monetarios. A proposta da tregua aduaneira. A nomeação das comissões de estado

Feitos os discursos de abertura da Conferencia pelo rei e por Macdonald, os chefes das delegações dos diferentes países focaram depois os varios aspectos da crise e as suas graves consequências internas e externas, esboçando as soluções que julgam mais aceitaveis.

Entre elles o chefe da delegação portuguesa, dr. Caetano da Mata, proferiu um notavel discurso, que foi recebido com vivo interesse.

O presidente da Conferencia comunicou á assembleia que foi estabelecido um accordo para uma tregua aduaneira entre os 8 Estados que formaram o «comité» organizador da Conferencia: Estados Unidos da America, Reino Unido, França, Alemanha, Italia, Japão, Belgica e Noruega.

Essa tregua durará todo o tempo que funcione a Conferencia, ficando, porém, reservado a cada Estado o direito de denunciar o accordo, em qualquer data, a partir de 31 de julho, bastando para isso avisar a Conferencia com um mês de antecedencia.

Foram convidados todos os países que acceitem esta medida a dar a sua adesão até ao dia 16 de junho. Até ao final da Conferencia aderiram 61 países, no numero dos quais se conta Portugal.

A Mesa da Conferencia propôs a nomeação de duas comissões, nas quaes terão representação todos os Estados participantes da Conferencia.

Uma occupar-se-á das questões economicas, a outra das questões monetarias e financeiras.

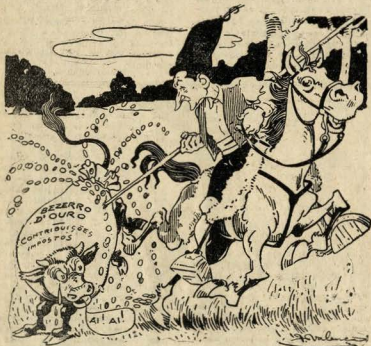
Ambas terão poderes para constituir as sub-comissões que forem julgadas necessarias para o estudo de assuntos de caracter especial.

A *Comissão Economica* será presidida por Colln, delegado dos Países Baixos. A *Comissão Monetaria e Financeira* por Cox, delegado dos Estados Unidos da America.

A — Comissão Economica. Assuntos de que se occupou. Projectos de resolução apresentados

Ficaram assim agrupados os assuntos sujeitos ao exame da *Comissão Economica*:

EM CAMPO LARGO



Como está de riba, derriba como os de Ribatejo.

Do Sempre Fixe.

—Política Comercial abrangendo:

a) Normalização do comércio, aproximação de divisas estrangeiras para as importações, supressão progressiva das proibições e dos contingentes, etc.

b) Problemas da política pautal e contratual, incluindo a cláusula de nação mais favorecida e as suas derrogações eventuais.

2—Outras medidas com repercussão no comércio internacional, além dos direitos aduaneiros e das proibições.

São as que se prendem com as questões veterinárias e fitopatológicas, os prémios directos ou indirectos concedidos em especial à navegação, as marcas de origem, etc.

B—Coordenação da produção e da venda

Abrangendo: as questões do trigo e outros produtos alimentícios, as matérias primas e os cartéis industriais.

C—Obras públicas

Para o estudo de todas estas questões foram criadas duas sub-comissões:

A Sub-Comissão para o estudo da Política Comercial, presidida por Krogmann, delegado da Alemanha;

A Sub-Comissão para o estudo da coordenação da produção e da venda, presidida por Le Breton, delegado da Argentina.

Sub-comissão I para o estudo da política comercial. Resumo dos seus trabalhos

O delegado da República dos Sovietes, logo de começo, apresentou um projecto de protocolo de não agressão económica, mas a sua discussão foi relegada para o final dos trabalhos.

Dois grupos de propostas foram apresentadas pelo delegado britânico para orientação dos trabalhos da sub-comissão.

As propostas do 1.º grupo dizem respeito à balança de comércio e a acordos de compensação e assistência:

1.º—em que a opinião pública deve ser esclarecida quanto à significação da balança comercial e igualmente quanto ao facto de um país credor só muito difficilmente poder ter uma balança comercial favorável;

2.º—em que o comércio internacional não poderá ser restaurado à custa do equilíbrio absoluto das trocas entre dois países determinados;

3.º—em que os acordos de compensação e os acordos de trocas directas se devem abolir na medida do possível.

As propostas do 2.º grupo visam a abolição das proibições e dos contingentes, nos seguintes termos:

1.º—todas as proibições de importações serão abolidas, com excepção das que se resolverem por acordo internacional;

2.º—estabelecer-se-á uma rigorosa distinção entre contingentes de importação arbitrariamente fixados para fins proteccionistas e contingentes de pro-

Ao povo alemão
(Os conselhos fascistas)

Os chefes fascistas recomendam ao povo alemão que "aperte mais um furo no cinto".

(Dos jornais.)



Aperte a cintura!...



Aperte a garganta ou por outra: Enforque-se!

Desenho de Rosé Pravda

dução ou de venda estabelecidos por um acordo internacional que tenha em vista uma elevação dos preços;

3.º—dar-se-á a maior importância à abolição dos contingentes de importação fixados arbitrariamente

Sobre proibições e restrições insiste ainda o delegado dos Estados Unidos, Cordell Hull por que a sub-comissão aceite os quatro princípios seguintes: a) Prejudicam o interesse comum quer a política dum nacionalismo económico externo, quer novas elevações das barreiras aduaneiras ou as discriminações pautais;

b) Os embargos, os contingentes de importação e outras restrições arbitrárias devem ser abolidas o mais depressa possível;

c) As barreiras aduaneiras devem ser reconduzidas rapidamente por meio de acordos recíprocos bilaterais ou plurilaterais, a um nível que permita que as trocas se façam livremente e normalmente;

d) Quando da conclusão de acordos bilaterais ou plurilaterais evitar-se-á introduzir discriminações que, ainda que vantajosas para os contratantes, vão prejudicar o comércio internacional no seu conjunto.

Estas propostas provocam viva discussão da parte dos delegados da Alemanha, da Hungria, da Argentina, da Polónia e da Itália, sendo apresentadas outras que divergem das em alguns pontos.

O presidente propõe, por isso, a nomeação dum sub-comité que se encarregue de condensar as diversas opiniões expandidas num projecto de re-

solução em cujas bases a sub-comissão se firmará depois para, por via bilateral ou plurilateral, conseguir a assinatura duma convenção sobre este problema.

Do sub-comité fazem parte delegações dos seguintes países: Reino Unido, Noruega, Suíça, Estados Unidos da America, França, Polónia, Bélgica, Itália, Hungria e Alemanha.

Com o fim de facilitar a discussão dos problemas relativos à Política das Pautas e dos acordos comerciais, compreendendo nestes o regime da cláusula de nação mais favorecida e as suas derrogações eventuais, o presidente Krogmann julga conveniente dividir as tarifas aduaneiras em quatro categorias, a saber:

a) Pautas destinadas a proteger a industria;

b) Pautas destinadas a proteger a agricultura;

c) Pautas fiscais;

d) Pautas destinadas a facilitar o pagamento das dividas.

Assim—afirma ele—mais depressa se podem escolher os meios que conduzam à sua redução.

O delegado da Bélgica, Van Langeheve, cre não suficiente, para activar as relações economicas mundiais, a supressão das proibições e das restrições aduaneiras. Em sua opinião a politica das tarifas comporta duas etapas. Na primeira, deve atingir-se a suspensão de todo e qualquer agravamento de tarifas. Na segunda, a redução das que vigoram.

Só com a garantia prévia de que se não farão novos agravamentos de tarifas é que se poderá evitar que os Estados elevem os seus direitos aduaneiros para se compensarem de reduções ultteriores.

Nestas condições, submete ao exame da sub-comissão uma proposta nos seguintes termos:

1.º—Que se prolongue a tregua aduaneira pelo tempo indispensavel para dar ás trocas comerciais as garantias de estabilidade necessarias ao exito completo da conferencia.

2.º—Que haja uma acção combinada dos Estados tendente a produzir um abaimento progressivo dos direitos aduaneiros exagerados, quer por meio de negociações colectivas, quer bilaterais.

3.º—Que se derogue a cláusula de nação mais favorecida em convenções internacionais feitas para melhorar o regime das trocas internacionais e extensivas a todos os Estados.

Produziu-se uma larga apreciação desta proposta, divergindo muito as opiniões dos diferentes países.

Em visto de a Mesa da Conferencia haver decidido que as sub-comissões organisassem desde já relatorios contendo as idelas e os pontos de vista manifestados nas assembleias—isto ccm o fim de se não perderem os frutos das discussões já travadas e par além disso, servirem de base de estudos das questões, quando, de futuro, voltarem a ser apreciadas—o presidente Krogmann propôs a nomeação dum Comité de redacção formado de representantes, em numero igual, de duas correntes de opinião que se observaram nos debates e que foram p-

um lado a Bélgica, a França e a Itália e por outro o Japão, a Noruega e os Estados Unidos da America.

Foi aprovada esta proposta.

Sub-comissão II para o estudo da condenação da produção e da venda. Resumo dos seus trabalhos

São indicados para fazerem parte desta sub-comissão os principais países produtores e consumidores dos produtos em discussão.

Portugal não era escolhido, mas o dr. Caserio da Mata, chefe da delegação portuguesa, require e justifica a sua inclusão, que é, por fim, aprovada.

Os trabalhos preliminares desta comissão recaem sobre princípios postos e defendidos pela delegação inglesa.

Verifica-se a necessidade de dividir a sub-comissão em duas secções, uma para se ocupar da agricultura e dos generos alimentícios, outra das materias primas.

Sub-comissão do açúcar

A delegação de Cuba aponta, como remedio para resolver a crise de super-produção de açucares, a constituição duma liga formada pelos países exportadores, os quaes se comprometeriam a não aumentar a produção e a não criar fabricas.

Envia para a mesa uma proposta contendo as bases dessa tregua.

Para uma apreciação larga desta questão é nomeado o *Sub-Comité do Açúcar*, que elegue para seu presidente o dr. Caserio da Mata. Dele fazem parte a União Sul-Africana, a Alemanha, a Austrália, a Bélgica, o Brasil, o Reino Unido, a China, Cuba, os Estados Unidos da America, a França, a Hungria, a Índia, a Itália, o Japão, a Nova Zelandia, os Países Baixos, o Peru, a Polonia, Portugal, a União das Republi-

cas Sovieticas, a Tchecoslovaquia e a Jugoslavia.

Depois de ouvida uma exposição do presidente do conselho internacional do Açúcar, sobre as negociações entabuladas, o sub-comité aprovou o relatório desse mesmo conselho e resolveu que a Mesa da Conferencia mantenha com elle o necessario contacto para proseguirem essas negociações.

Sub-comité do Vinho

O Sub-Comité encarregado de examinar as questões que se prendem com a produção e o consumo do vinho é composto de representantes da Bélgica, do Reino Unido, da Espanha, da França, da Hungria, da Italia, de Portugal e da Jugoslavia.

Foi nomeado presidente Sarraut e vice-presidente Lima Santos, delegado de Portugal.

Sarraut, em nome da França, depois de, num suggestivo exordio, proclamar todas as vantagens que ha no consumo deste producto, entra na apreciação da crise da superprodução e afirma que ella é provocada, principalmente, por um alargamento da superficie da cultura da vinha, a que se entregaram os países do hemisfério sul, que afinal não reúnem as condições naturais mais proprias, e pela redução dos consumos causada por medidas prohibitivas e por campanhas abolicionistas que fecharam, por largo tempo, alguns dos mais vastos mercados.

O remedio para resolver esta crise está, a seu ver, no acrescimo do consumo, que se poderá conseguir por meio duma intensa propaganda feita com vinhos de primeira qualidade e pela abolição das barreiras aduaneiras que se opõem á sua entrada em muitos mercados.

Referre-se, por fim, ao memorando apresentado pelo *Office International*

du Vin, em que esse organismo defende, para a solução da crise, a limitação da produção por meio da limitação da superficie de cultura.

Em seu entender, essa medida correspondia a uma tregua que se podia observar até ao momento em que o consumo atingisse um determinado aumento.

Aponta as medidas que, nesse sentido, a Grecia, Portugal e a Romania já seguiram e declara que em França tambem foi apresentado um projecto de lei que visa o mesmo fim da restrição da area de cultura.

Por Mr. Douache, director do Office International du Vin, é elaborado um ante-projecto de resolução, sobre o qual recal uma profunda discussão, assentando-se, por fim, na ultima redacção do projecto de resolução.

O sr. Lima Santos, delegado de Portugal, envia para a Mesa varias emendas a este projecto, que o sub-comité aprecia detidamente.

A. F. L.

(Continua)

LOTARIAS

OS MAIORES PREMIOS DO MÉS

Dia	400 contos	40 contos	10 contos
1	1069	1568	9174
8	2541	2036	5848
15	9291	1303	5582
22	8687	5487	7625
29	4027	6346	2508

b) Economia e finanças. — c) A acção social. — d) Previdencia social

BOLSA E CAMBIOS

BENGUELA ainda. Vamos ver como a especulação se mantém, desde ou sobre nos papéis da moda. Benguela abriu a 990 e arrastou-se até 1090 na 1.ª semana, chegou a 1105, na segunda para voltar a 1085, á roda da qual mandou na 3.ª semana e descendo na 4.ª a 1035. Se pensarmos como elle subiu de 990 a 1105 e como desceu a 1035 veremos que elle teve um angulo de oscillação de 115 pontos o que nos mostra que papel de altibaixos, demasiado flutuante elle não serve para construir a renda tranquilla e descansada, quasi inalteravel que constitui o papel ideal.

Fundos do Estado são hoje, e com razão o papel de mór procura. O *Racico* 6 1/2, 1923 andou de 1090 para 1094, de 1094 para 1096, de 1096 para 1102 e voltando para 1096,5, 1095 e á sua volta, firmou-se. O de 5 1/2 foi de 960 a 976 lenta mas firmemente. O dos Portos 6 3/4, de 558 foi a 582, ponto acima ponto abaixo, o Portug., 1.ª serie a, juro da 1295 andou até 1302, a 2.ª de 1360 subiu a 1310 e a 3.ª de 1340 inflou, passe o termo, até 1360 para voltar aos 1340 donde partira. Fundos do Estado certos e por certos se podem dizer fundos sem grandes oscillações e garantidos por uma base qualitativa.

Des bancos o Commercial subiu para 410 e não desceu em sala em calão bolsista, manteve a sua posi-

ção. O Lisboa & Açores mantem-se. Ultramarino desce 1 ponto. O Banco de Portugal sendo aberto a 928 fechou a 970.

Depois dos Bancos as Companhias. A das Cervejas Estrela tendo aberto a 140 fechou a 132. A das Aguas sobre para 421. Credito Predial 12,5, 12,4. Gás e Electricidade, muita procura. De 252 a 258, subindo e descendo, movimentado. Portugal e Colonias de 52 51, com muito movimento, sem maiores subidas ou descidas que um escasso ponto. A Nacional de Navegação de 60 a abrir e 64,5 a fechar, Tabacos andou á volta de 219, 223.

Obrigações o mesmo, sem oscillações.

Brasileiro: o de 5 0/0 1895, 3900, 3850; o de 5 0/0 1903 abre a 5,600 e fecha a 5,200; o de 5 0/0 de 1913 abre a 4,000 e fecha a 3,500. O *funding* 1914 que abriu a 8,500 fecha a 7,900. O Brasil é longo e os seus homens não consagram a sua atenção aos que no estrangeiro possuem os seus titulos de credito.

Cambios: O deiar desce perdendo a confiança dos povos. Desce devagar mas desce. A libra firma-se, reconquista a confiança. E foi assim no mês de julho, do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1933.

F. S.

II -- Comercio, industria, tecnologia. Agricultura

Organização e metodos. Ensino tecnico - Comercio - Industria - Tecnologia - Agricultura

Expanção economica mundial

1—Razões historicas

Da primeira dinastia com seus «feirantes», até aos meados do seculo XV

Este trecho é da conferencia realizada a 12 na sala nobre da Associação Commercial de Lisboa (Camara de Comercio).

Presidiu o sr. sub-secretario de Estado das Corporações e Previdência, que representava o sr. dr. Oliveira Salazar, secretariado pelo sr. prof. Francisco Antonio Cor-

reia, director geral dos Negocios Comerciais, e Julio de Macedo, presidente da Associação Commercial de Lisboa.

Entre a assistencia que enchia completamente a vasta sala encontravam-se os srs. conselheiro Ernesto Schroeter, João Pereira da Rosa, dr. Barbosa de Magalhães, professores Lima Basto, Antonio

Augusto Curzon, Beirão da Veiga, Ferreira da Costa, Gonçalves Pereira e M. Azevedo Gomes, José Maria Alvares, dr. Veiga Simões, dr. Carlos Nazareth, dr. Delfim de Almeida, dr. Abel de Andrade, major Mendes do Amaral, dr. Sousa Pereira, engenheiro Carlos Santos, Ribeiro Salgado, Alvaro de Lacerda, etc.

PODE afirmar-se que o Comercio Português é tão antigo como a propria nacionalidade. O mesmo pode dizer-se do Comercio Exportador, de que, mais especialmente, nos propomos tratar nesta conferencia.

Logo no berço da monarquia enquanto os reis batalhadores adiantam a passos agigantados as conquistas do sul, o povo da primitiva provincia portuguesa, desenvolvendo os seus conhecimentos geográficos, nauticos e mercantís, vai fazer o primeiro ensaio de navegação, lançando-se no commercio marítimo internacional. (1).

Assim ha noticia de em 1189 comerciantes da península visitarem Marselha e Montpellier; (2) em 1194 haver naufragado no mar do Norte, na costa flamenga, um barco português com carregamento; (3) e sabe-se que a Inglaterra iam os mercadores portugueses, autorizados desde 1203 a negociar nos domínios britannicos, por decreto do rei João-Sem-terra (4).

Todo o commercio de Portugal com o estrangeiro tinha por base a agricultura que fornecia os productos a exportação, visto as industrias existentes serem caracterizadamente domesticas, e essas mesmo relacionadas com a terra. Constava o commercio externo de: azeite, cera, cortiça, mel, peles e vinho.

O desenvolvimento economico de Lisboa é assinalado no feral que D. Afonso Henriques lhe deu, desenvolvendo bem relativo visto que a cidade tinha então 15.000 habitantes. (5).

O commercio interno que, a avallar pelas disposições de certos forais, é de supor fosse bastante activo, era principalmente movimentado pela criação de mercados e feiras, que mais tarde haviam de tomar um incremento extraordinario e realizar-se em quasi todas as povoações de importancia.

As feiras são de facto antiquissimas. O primeiro vestigio das feiras em Portugal, egual de que ha noticia documentada, como refere o professor Amzalak, encontra-se, no feral de Ponte de Lima em 1125 no qual «se estabelece uma multa de sessenta soldos a quem cause dano ás pessoas que de qualquer lugar concorrerem á feira quiz na virida, quer no regresso». No feral de Evora de 1166 aos frequentadores da feira dão-se regalias especiais, tais como: «a concessão aos mercaderes, cristãos, judeus ou mouros, em que se proiba que se lhe embargue os seus haveres selvo tendo responsabilidade por fiança ou divida» (6). Em 1205, D. Sancho I, dando feral aos povoadores do reguengo de Vila Nova, determinou que al houvesse feira, ao domingo, de quinze em quinze dias, estabelecendo ainda varias imunidades aos que a ela concorressem.

D. Afonso III, regressando de França com novas concepções economicas, poudo imprimir ao pais orientações mais modernas, desenvolvendo o commercio de madeira a, pelas reformas postas em pratica

e pelas providencias tomadas de protecção aos commerciantes, nos levar á convicção de que foi nessa época que principiou a ver-se no commercio um dos mais poderosos elementos da riqueza e prosperidade da nação.

O impulso dado por D. Afonso III ás feiras e mercados existentes e a multipla criação de tantos outros foi de grande auxilio para o commercio.

Quasi sem estradas para o transporte e circulação dos productos e com o perigo constante de assaltos de toda a ordem, a instituição de mercados e feiras, onde vendedores e compradores se juntavam defendidos pela associação e pela autoridade que fazia policiar tais reuniões, foi de uma extraordinaria utilidade, permitindo que a função commercial se realizasse da melhor forma, naqueles tempos em que as transacções eram bem dificeis pela falta de segurança.

Alem das feiras semanais, instituiu ainda D. Afonso III as feiras francas, isto é aquelas em que as transacções eram livres de impostos, e que se realizavam nas terras mais importantes, durando de oito a quinze dias.

De tal modo foi reconhecido o proveito publico das reuniões a que acabamos de nos referir, que, em certas localidades se obrigava a ir á feira, sob pena de multa, quem tivesse mantimentos para vender, muitos ou poucos. Em outras se chegou a estabelecer que uma pessoa de cada casa havia sempre de ir, *tivesse ou não que mercadejar* (7).

O grande rei que foi D. Diniz, homem de muita cultura para o tempo, compreendeu bem a conveniência de, a par dos seus disvelos com a terra, tratar do desenvolvimento da pesca e da navegação costeira, visto que sendo o pais uma orla occidental da península, estava naturalmente fadado para a navegação e commercio marítimo.

D. Diniz criou uma esquadra propositadamente para proteger o commercio exportador contra os ataques dos piratas, e na povoação de Paredes, que fundou, estabeleceu a obrigação de se manterem, pelo menos, seis caravelas, para desenvolvimento da industria da pesca.

O facto de se haverem estabelecido bastantes portugueses no estrangeiro, especialmente na França e na Flandres, muito concorría para um maior incremento do nosso commercio exportador, que era ainda animado por varios privilegios, como o que dizia respeito ao fero de cavaleiro concedido aos mescaadores de grosso trato e aos armadores de navios. (8).

Foi tambem o rei D. Diniz, em cujo reinado se intensificaram as relações commerciaes com a França, quem celebrou em 1293 o primeiro tratado de commercio com a Inglaterra, de que resultou os portugueses obterem barcos para transporte de mercaderias. No mesmo ano confirmou o regulamento de commercio

dos comerciantes do Porto, segundo o qual estes contribuíam com um imposto sobre as importações e exportações, destinado a um fundo ou bolsa que tinha por fim conceder pensões aos comerciantes caídos na miséria. Por esse fundo ou bolsa, cuja criação demonstra bem a importância dos interesses dos comerciantes da época, estes estabeleciam uma caixa de assistência mútua.

E' de salientar que, em 1293, D. Diniz autorizou a criação de uma associação ou bolsa de 100 marcos de prata, na Flandres—o que é um indicador do desenvolvimento ao nosso commercio exportador—a fim de ocorrer ás despesas provenientes dos pleitos, embargos e apresamentos, então tão frequentes no commercio marítimo.

A 20 de Outubro de 1353, no reinado de D. Afonso IV, realizou-se um novo e mais importante tratado entre a Inglaterra e Portugal. Nesse tratado cuja duração era fixada em 50 anos, as clausulas de protecção mútua ao commercio de ambos os países tinham notavel relevo.

O commercio externo continuou em crescente actividade até ao fim da primeira dinastia. No reinado de D. Fernando, cujos frequentes erros de administração provocaram naturais perturbações economicas, deram-se factos que devem ser postos em relevo. O fraco rei a quem a Historia cognominou de Formoso soube, contudo, dar um impulso notavel ao nosso commercio marítimo.

Verificando que a maior parte dos fretes das mercadorias portuguesas aproveitavam a estrangeiros por falta de marinha mercante nacional, concedeu grandes vantagens para a construção de navios, vantagens que iam desde a isenção de impostos, direitos de sisa, fretagem e outros até ao fornecimento gratuito de madeiras das matas reais. Dum tal auxilio se soberam tornar dignos os construtores portugueses, visto que, dentro em pouco, eram considerados os primeiros do mundo. Tambem D. Fernando, no intuito de proteger o commercio portuguez, impôs determinadas restrições aos comerciantes estrangeiros.

Lisboa era ao findar a primeira dinastia, uma das mais importantes praças commerciaes e o seu porto um dos mais notaveis. Chegavam a juntar-se no Tejo 500 navios de carga, muitos deles empregados na exportação de vinho e de sal, tendo havido um ano em que—segundo refere Fernão Lopes—«carregaram 12 mil toneis afora os que levaram depois na segunda carregação» (9).

Começada a segunda dinastia pelo reinado do mestre de Aviz, que o povo com tão feliz inspiração fizera rei, logo a 9 de maio de 1386 celebra, com a Inglaterra, um tratado de *liga, amizade, confederação e união firme e perpetua*, em que as clausulas commerciaes a tudo sobrelevam. Aos mercadores de uma nação é concedido, na outra, o tratamento a que tem direito os nacionais; os soberanos respondem pelos danos ou injurias feitas aos mercadores.

No mesmo ano os portuguezes, que já no fim do seculo XII tinham feitorias em Bruges, estabeleceram-se já definitivamente, instituindo a Casa de Portugal.

D. João I fundou em Lisboa, em 1387, uma bolsa de commerciantes, no genero da que no reinado de D. Diniz fora erlado no Porto, embora com objectivos um tanto diferentes.

Em 1390, e depois de 1412, a Holanda concede varios privilegios aos negociantes portuguezes, o mesmo se dando com a Alemanha, em 1411.

E cabe agora referencia mais larga a um dos mais illustres vultos da historia patria—o Infante D. Henrique.

O Infante D. Henrique começou por sentir que este povo aventureiro e impulsivo não podia resignar-se a continuar eternamente comprimido entre a Espanha e o Mar. Por isso procurou através dos oceanos realizar um grande sonho, que havia de effectivar-se assombrando as gentes e trazendo glo-

ria imorreidora á raça portuguesa. Gloria tanto merecida quanto é certo na realização desse sonho, Portugal ter sido, mais do que a si proprio, util á civilização e ao Mundo!

Tantas vezes justamente lembrado como o egrejo iniciador dos nossos descobrimentos, raro o gigante de Sagres tem sido celebrado sob um dos aspectos mais notaveis da sua individualidade, e do seu genero mercantil.

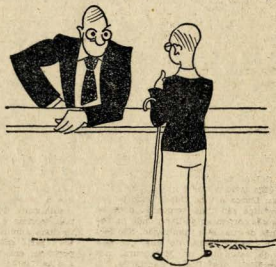
Pode dizer-se que no Infante D. Henrique os planos de viagens maravilhosas jamais deixaram de harmonizar-se com ideias utilitarias e economicas. Obstinado de que o mar traria a Portugal fama e riquezas ampliou e aperfeçoou os seus conhecimentos geográficos, cosmograficos e astronomicos, e instituiu a escola de Sagres, que serviu de modelo para toda a Europa e lhe permitiu realizar o seu plano genial que consistia, como bem diz Schaefer, em: «glorificar-se e á sua Patria, pela descoberta de novos países; obter para Portugal maiores possessões e dar-lhe novas fontes de receita; alcançar para o commercio mais vasta amplitude e diversidade». (10)

Assim conseguiu que os navios enviados em exploração da costa occidental da Africa dobrassem os cabos Não e Bojador e descobrissem as ilhas do Porto Santo e da Madeira, para onde naus de particulares, com fins exclusivamente commerciaes, singravam depois com autorização do Infante, que assim demonstrava a feição pratica das descobertas.

E se duvida restasse, bastava dizer-se que 10 anos depois de dobrado o cabo Bojador, em 1444, já se haviam organizado companhias para explorar o commercio entre Portugal e a Costa Occidental da Africa, tendo a primeira sido formada sob a direcção do Infante D. Henrique, em Lagos, com o fim de prosseguir nos descobrimentos e de explorar a pesca nos mares da Guiné.

Em Arguim, para onde organizou outra companhia, attingiu o commercio tal importancia que o Infante mandou construir uma fortaleza para o proteger. O desenvolvimento da aludida companhia foi tão rapido, que, em 1448, já o commercio dominava todos os lugares descobertos, até Cabo Verde.

Aos portuguezes ainda por intuição extraordinaria do Infante—estava reservado, por efeitos das navegações e sua industria, o popularizarem o consumo de um dos produtos mais justamente apreciados o açucar, que até ao tempo da intervenção dos portuguezes, no seculo XV, era, como a pimenta, droga



—Eu queria camizas como usam os nazis.
—Ah, já sei, quer camizas de onze varas..

de luxo, acessível a poucos e usada somente dos benemeritos da fortuna», (11).

Foi o Infante D. Henrique quem, clarividentemente, mandou vir as canas da Sicilia e mestres habéis na preparação do açúcar, produto que dentro em pouco constituiu a grande riqueza da ilha da Madeira, passando a ser exportado em larga escala, principalmente para a Flandres.

Figura das mais gradas da Historia Portuguesa, bem hajam aqueles que neste momento—mais vale tarde que nunca—procuram perpetua-la condignamente fazendo erigir na Ponta de Sagres um monumento grandioso que, sendo uma apoteose á alma marinha de Portugal, fale eternamente aos navegadores das glorias deste povo, que não morrerá enquanto viver no seu coração a memoria sagrada do Infante D. Henrique!

ROQUE DA FONSECA

- (1) Alberto Sampaio Estudos.
- (2) Abel de Andrade Lições de Economia Política.
- (3) *Portugalia Monumenta Historica, Leges et Con-suetudines*—Conf. J. Lucio de Azevedo «epocas de Portugal economico».
- (4) *The commercial relations of England and Portu-gal*—Conf. id.
- (5) J. A. de Oliveira Mascarenhas *Portugal e Possessões*.
- (6) Moisés Bonssabat Amzalak *Mercados Comerciais*.
- (7) Gama Barros *Historia da Administração publica em Portugal*.
- (8) Francisco Antonio Correia *Historia Economica de Portugal*.
- (9) Fernão Lopes *Cronica de El-Rei D. Fernando*.
- (10) Henrique Schaefer *Historia de Portugal*.
- (11) J. Lucio de Azevedo *Epocas de Portugal Economico*

A pavimentação das ruas da cidade o trabalho municipal e a Camara Municipal de Lisboa

Na ordem do dia da sessão da C. M. L. o sr. Gaspar de Oliveira declara que era sua intenção submeter hoje, á apreciação da Camara, uma proposta para a pavimentação, por empreitada d'um grupo de ruas. E declara:

«Não é segredo, para ninguém que os serviços da Camara Municipal de Lisboa, embora dispondo, na sua maioria, de funcionarios tanto quanto possível zelosos e competentes, se achavam, sob o ponto de vista administrativo e de orientação superior, na mais completa e, direi até, perfeita desorganização administrativa, desorganização burocratica, indisciplina de serviços e de pessoal, desorganização tecnica, reflexo de todas as desorganizações, dando origem á desorganização geral cujas consequências nós estamos suportando e vamos corrigindo. E o grande problema que tem sido a liquidação do passado, dessa passada e formidavel herança que, por muito tempo ainda, ha de preocupar-nos e absorver grande parte das já precarias receitas camarárias, precisa de ser encarada com alguma coragem, muita fé e toda a verdade. Eu sei, eu sinto que aqueles a quem não agrada esta maneira de administrar dinheiros publicos, sentem, como eu, que é esta a politica necessaria. Mas como os *empetinhos*, a bem ou a mal devem ser removidos, é a politica da verdade, aquela que necessariamente temos que seguir. E é para os outros, para os sinceros, para aqueles de quem é isto tudo, para aqueles que dia a dia são obrigados a utilizar-se dos serviços da Camara, é para aqueles que nós representamos, que eu falo. (Aos outros, a quem se já fora o cá dentro tentam desvirtuar a nossa acção, hei de, por todos os meios, procurar destruir-lhes o ambiente proprio ás suas habilidades e manigancias e que tanto procuram manter.

«Em tudo o que vemos ha deficiencias. Lisboa é uma cidade onde os pavimentos são uma vergonha, onde os egotos correm ao ar livre, onde ha dezenas de ruas sem iluminação. Não falo já no abastecimento do leite, que está sendo estudado; no Matadouro, nos Mercados, nos Postos Sanitarios, no material de limpeza, nos quartels de bombeiros, etc., etc., e em que tudo

está quasi por fazer. Planos por mais que os procurasse nunca os encontro!! Mas... ediante!! Foram os três primeiros problemas, isto é, egotos, pavimentação e iluminação, aqueles que esta Comissão Administrativa resolveu enfrentar como lhe competia; mas ainda aqui o nosso esforço obteve fracos resultados: trabalhámos todos de forma a canalizar o maior numero de verbas para esse fim, cortámos e reduzimos despesas, evitaram-se tanto quanto possível novas e varias construções, mas os encargos eram tantos que apenas nos foi possível reunir nove mil contos!! E sabem V. Ex.^{as} bem, que, só para fazer desaparecer o macadame, necessitáramos de cerca de cinquenta mil contos, para cobrir apenas algumas regueiras, e já não falo no Caneiro de Alcabala, seriam precisos quatro a cinco mil contos, para iluminação, dois mil contos, etc., etc. Não desejo fustigar V. Ex.^{as} com numeros que já conhecem, nem pretendo fazer um relatório do muito que precisamos, embora os numeros se prestassem a interessantes e variadissimas considerações sobre o que está feito, o que se deveria ter feito e o que está por fazer!! Basta, porém, dizer que a verba para apropriações já resolvidas é tão importante que nem me atrevo a falar nela. Desejo apenas chegar a um fim: justificar. Com o orçamento equilibrado no semestre findo, com uma melhor (mas ainda imperfeita) contabilização das verbas orçamentais, a Comissão Administrativa resolveu que no presente ano economico se seguisse tanto quanto possível o regime de empreitadas.

Não preciso apontar a ninguém quais as vantagens deste sistema sobre qualquer outro, para que a sua adopção se justifique; desaparecem as obras comecadas e não acabadas, as ruas com material e sem pessoal, e até as ruas com pessoal e sem material, os remendos á pressa, as protecções, os sentimentalismos, todo esse espectáculo que nos deprime e que tão fraca nota dá de uma administração. Não vejo nisto só a parte economica que é bem importante: encaro ainda o da disciplina e o da facilidade das contas em dia e em ordem: uma casa onde se não sabe o que se gasta dia a dia e em que

gasta, abre falcia por muitos que sejam os balões de oxigenio dos empre-timos; basta olhar para trás. Disse eu que seguiríamos, tanto quanto possível, o regime de empreitadas e porque, de facto, não o podemos seguir inteiramente devido aos encargos com o pessoal efectivo e ainda para evitar maiores perturbações do que aquelas que necessariamente vamos sentir e se sentem sempre que se moralizam serviços ou se morigeram costumes. Estudou-se, no entanto, o problema de forma a serem o menos profundas possível aquelas perturbações e, assim, para as empreitadas j. abertas e para as que se vão abrir, o empreiteiro obriga-se a admitir 2/3, pelo menos, do pessoal assalariado dos Serviços da Camara Municipal; além disso e por intermedio do Commissariado do Desempego, proseguiremos com alguns egotos e pavimentações de ruas onde já ha material e ainda com reparações dos pavimentos onde o material é minimo. Devo acrescentar que as perturbações a que me estou referindo, poderão ser exploradas por um ou por outro e até julgadas um mal; eu direi a V. Ex.^{as} que, se assim fór, trata-se de um mal absolutamente necessario, um mal que tem por fim debelar um outro maior, acabando com a desordem administrativa e com a indisciplina; é um mal tranzitorio. O tempo, e não será longo, provar-nos-á que estamos dentro de boa doutrina».

O sr. Presidente, depois de se referir á exposição feita pelo sr. Gaspar de Oliveira, acha oportuno, a este respeito, referir-se a varias criticas produzidas acerca da administração, e de que tem conhecimento.

«A critica pode, diz, talvez, dividir-se em duas categorias,—a critica ligeira e a critica pesada.

A ligeira é aquela que se faz nos centros de «cavaco», em que se aprecia tudo e todos, com a maior liberdade de espirito, mas sem a menor consciencia.

A critica pesada é a praticada, muitas vezes apoiando-se na politica, para efeitos de propaganda e sempre com o objectivo derrotista, isto é, com o intuito da destruição.

III -- Ciências

Físico-químicas

Estudo sobre o tabaco

Na Academia das Ciências de Lisboa o sr. dr. D. Antonio Forjaz tratou do estudo do tabaco. E porque seja novo o estudo e interesse a todos damos o resumo da sua interessante comunicação:

No recente livro de Bernheim e Guyot, sobre os raios ultra-violetas filtrados, não se faz referencia ao tabaco. Por outro lado as reacções de Arnold (com acido fosforico), Beckurts (com soluto decinormal de permanganato), Frohde (com soluto de molibdato alcalino), Roussin (com soluto etéreo de iodo), Sanchez (com soluto clorídrico de vanilina) e tantas outras não permitem uma diferenciação facil das diversas marcas comerciais.

A luz de Wood, que empregámos no estudo dos azetes e que vemos preconizada com o mesmo fim no estrangeiro (of. *Amgewandte Chemie*, 46, 17, 29 de abril de 1933, art.º de Lunde e Stiebel "Über fluoreszenz von Olivenolon, p. 243) e que utilizámos na caracterização dos produtos coloniais portugueses (XI Congresso de Chimie Industrielle) dá alguns subsidios interessantes para a identificação das principais marcas comerciais de tabacos.

As observações, feitas com a estagiaria sr.ª D. Alzira Lopes dos Santos, foram executadas colocando o tabaco em infusão alcalina, observação directa, tratamento subsequente com éter, seguido de evaporação do soluto etéreo e estudo fluoroscópico do respectivo residuo.

As fluorescencias observadas foram referidas á escala de cores de Robert Ridgway, (*Color Standards and Nomenclature*), sendo óbvio que a caracterização

foto-electrica maiores diferenciações permite. Eis o registro dos principais resultados obtidos, com tabacos das marcas Duque, Tip-Top, Três vintes, Cuf, Odaliscas, Cubano, Giralda, Gaulês, Egipcios, Virginia, Paris, Melro, Definitivos, Abdullas, Khedivas e Spud, parecendo-nos que a sua divulgação poderá, desde já, prestar alguns serviços na repressão das fraudes e na defesa das marcas:

Tabacos nacionais	FLUORESCENCIA	
	Em infusão alcalina	Residuo etéreo
Duque	Deep Bluish Glauous	Dull Opaline Green
Tip Top	Lumiere Blue	Palo Amparo Blue
Três Vintes	Pale Nile Blue	Etain Blue
Cuf	Pale Grayish Violet Blue	Microcline Blue
Odaliscas	Light Lumiere Green	Pale Blue Green
Cubano	Lumiere Blue	Light Sky Blue
Giralda	Bremen Blue	Light Sky Blue
Gaulês	Nile Blue	Persian Blue
Egipcios	Variçite Green	Light Fluorite Blue
Virginia	Nile Blue	Pale Nile Blue
Paris	Nile Blue	Pale Kings Blue
Melro	Variçite Green	Pale Fluorite Green
Definitivos	Turquoise Green	Light Fluorite Green

Fluoroscopia dos tabacos

Tabacos estrangeiros	FLUORESCENCIA	
	Em infusão alcalina	Residuo etéreo
Abdulla	Beryl Green	Chalcedony Yellow
Khedivas	Bremen Blue	Pale Chalcedony Yellow
Spud	Turquoise Green	Dull Green Yellow

PROF. PEREIRA FORJAZ

Medicas

Fibromas naso-faringeos

novo processo de os operar

O dr. João Santana Leite descobriu ha muito um processo operatorio que é corrente na sua clinica oto-rino-laringologica, official e particular, mas de que nunca havia dado conta ao mundo científico. F-lo agora e com muito brilho. E' mais uma valiosa aquisição da ciencia portuguesa.

QUANDO em 1910, sob a presidencia do professor Cabeça tivemos occasião de nos referir na Sociedade de Ciências Medicas de Lisboa a um processo pessoal de operar fibromas naso-faringeos por nós julgado muito superior a todos os processos que se empregam, por termos apenas cinco casos operados e entendermos não ser numero sufficiente para conclusões definitivas preferi guardar silencio e esperar a reunião de maior numero de casos que me permitisse conclusões seguras e absolutamente lucidas.

Vão passados 23 anos, o numero não aumentou consideravelmente, mas ainda assim conseguimos reunir doze casos entre doentes hospitalares e par-

ticulares o que nos determinou dar aos colegas a noticia dumha técnica que quanto a nós nos parece um passo largo na chirurgia destes tumores.

O numero de portadores destes tumores parece ir rareando, tanto entre nós como lá fora.

O que mais interessa ao pratico saber é tudo que lhes diz respeito mas muito principalmente a sua inserção.

1.º—São tumores de puberdade masculina.

2.º—São tumores densos, de base muito aderentes.

3.º—São tumores invasores que comprimem, distendem, gastam as paredes das cavidades em que se desenvolvem, mas não penetram nem nessas paredes, nem nos órgãos com que estão em contacto e com os quais não estabelecem adherencias.

4.º—São tumores locais que se não generalizam nem recidivam, não se ulceram, sendo portanto formações de evolução benigna.

5.º—São tumores que sangram frequentemente.

6.º—São tumores em que, parece, a idade impõe parcial e momentaneamente uma evolução regressiva.

Na naso-faringe podem aparecer outros tumores benignos ou malignos que nada têm que ver com os fibromas e cuja distincão não é difficil a quem está familiarizado na clinica, não esquecendo que

o mais facil pode tornar-se difficil conforme a oportunidade da observação.

Nos tempos de Nelaton era classico o conhecimento de que estes fibromas se inseriam á apophyse basililar do occipital e mesmo á columna vertebral.

Hoje está assente e parece que com razão, que o fibroma naso-faringeo tem a sua inserção nasal, na porção latero-vomeriana do corpo do estenóide, no recesso estenóide-ethmoidal, aos contornos das asas do vomer e na parte mais alta da asa pterigóidea interna.

Estes tumores enviam por vezes prolongamentos para as fossas nasals, fossa perigo-massillar, região jugal ou arbitraria e fazem perfurações do craneo.

Na sintomatologia figura principalmente a epistaxis, obstrução nasal, anosmia, coriza muco-purulenta, alterações do ouvido, etc.

Diversos processos têm sido empregados para operar estes tumores:

1.º—Pelas vias naturais.

2.º—Pela via artificial.

Pelas vias naturais intervem-se pela fossa nasal male ou menos auxiliada pela via bucal.

Ha quem empregue a ansa fria, forte e resistente cortando e arrancando assim a inserção do tumor.

Ha quem empregue ruginas que têm a pretensão de ir desinsirir o tumor e liberta-lo da sua prisão pedicular.

Auxiliado por estas ou isoladamente, tambem ha quem se sirva somente das pinças de dentes de Escat ou de Loubet-Barbon, ou ainda das pinças cortantes naso-faringeas de Doyen ou de Loubet-Barbon.

Temos a respeito destes instrumentos, ruginas, pinças de dentes ou cortantes, a ideia de nao corresponderem hoje, nem corresponderem nunca ao fim á que se destinam, e com isto não queremos significar desmerecimento pelos seus autores, na sua quasi totalidade cirurgiões eminentes de notavel nomeada.

Temos a suposição de que o emprego destes instrumentos faz de uma intervenção simples, uma operação complicada e extremamente grave e perigosa, agravada ainda por não conseguir, num grande numero de casos, o seu objectivo, isto é, a extracção completa do tumor.

Não falamos da electrolyze, por insufficiente, do radio roentgentrapia, electro-coagulação, que são processos que ainda estão em experiencia.

Pela via artificial faz-se ou a rinotomia superior (prelatero-nasal) operação de Huguler-Moure, ou a rinotomia inferior operação de Rouge-Denker, prelatero-nasal baixa, incidando a mucosa gengivo-labial e alargando a abertura piriforme procurando assim campo operatorio largo.

Alguns cirurgiões têm mesmo reunido as duas operações na intenção de maior campo operatorio como o faz Kahler (de Viena).

Quer se opere pelas vias naturais, quer pela via artificial a circulação não se modificou sensivelmente, pois que o tumor não mudou de sitio e, embora a via de acesso seja mais larga, a acção cirurgica val passar-se como que se fosse no fundo de um po-

ço donde sobem ondas de sangue que dão ao acto operatorio um aspecto verdadeiramente dramatico porque a onda do sangue domina, não poucos vezes, o cirurgião que é forçado, pela boa prudencia a tamponar forte e a adiar para outra sessão, que, não se sabe porquê, possa ter resultado diferente.

Memos ha pouco num jornal de maior publicidade a noticia da extracção dum fibroma naso-faringeo pela operação de Rouge-Denker; com laqueação das duas carotidas externas. A intervenção fez-se em dois tempos separados pelo intervalo de 4 dias; no primeiro tempo, laqueação previa das duas carotidas e preparação da via de acesso; no segundo tempo arrancamentot do tumor.

A laqueação destes vasos temporaria ou definitiva mostra bem o receio que o cirurgião tem das formidaveis hemorragias que é frequente darem-se e por isso mesmo ha quem faça a traqueotomia e tamponamento da faringe ou simplesmente empregue este tubo de Kunt com anestesia geral a distancia.

Porque se produzem estas hemorragias?

E' suposição nossa que ellas resultam das manobras operatorias da ruginação, arrancamento e mesmo ansa fria.

Para dar bem a medida, conservando-lhe todo o sabor e elegancia de estilo traduzi literalmente uma passagem de Sebileau quando tratou deste assunto no Congresso Francés de Oto-rino-Laringologia de 1923.

«Mundo de ruginas e forceps, o cirurgião em alguns movimentos, e no espaço de alguns segundos, empregando uma grande força fisica, e tendo por objectivo desinsirir uma parte do pediculo do tumor, manobra que nem sempre é facil nem seguida de bom resultado, mas que quando acerta facilita a extracção do neoplasma; depois quer tenha ou não empregado a rugina, mantendo solidamente com as duas mãos os dois ramos da pinça forceps, exerce o movimento de torção, não de tracção, até que o arrancamento se dê e segundo é mais ou menos feliz, realiza assim uma erradicação completa ou parcial.»

E comenta Sebileau:

Na verdade não ha all mais do que um esboço, e modesto, de ruginação.

Foi imaginada por Alphonse Guérin em 1865, e não teve longa vida havendo por isso quem diga que este metodo nascera morto. Em 1897 Doyen resuscitou-o, apreguou com todo o vigor do seu braço e a fama do seu nome as maravilhas do processo, fazendo mesmo construir ruginas de curva engenhosa e de que ele se servia. Não lhe faltaram partidarios, que o seguiam e escitavam. Os insuceosos porrem, foram muitos e não tardou a ficar isolado, como não podia deixar de ser, pois o processo mais não valia.

O arrancamento ou erradicação é considerado por alguns autores como excelente. Realiza-se exercendo o movimento de torção combinado com a tracção. Deve ser lento, progressivo, poderoso.

Se o forceps de qualquer dos autores citados foi applicado no seu sitio, o tumor é erradicado na

Um predicador nazi legado do seu partido, em uma pequena vila da Baviera:

— Que todos aqueles que tenham nas veias a minima gota de sangue judeu deixem imediatamente a Igreja.

... ..

(Ceske Slovo)



totalidade e a hemorragia que sae em borbotões pela boca e nariz para como por encanto. Mas esta presa ideal do tumor e pelas possantes pinças está longe de ser a regra e o tumor não é arrancado mas sim dilacerado e então o sangue golla, borboateia e ondas sem cessar, tornando a situação a cada instante mais grave. Se não ha a decisão rapida de adiar a terminação da operação e tamponar, facil é supor o resultado.

Que especie de cirurgia é esta de ir pescar no fundo dum poço anfractuoso, donde saem ondas de sangue, a porção rebelde do tumor?

Desde sempre nos desagradaram estes processos de cirurgia ás cegas e o acaso veio favorecer-nos maneira de nunca o empregar.

Apareceu-nos uma vez na consulta uma doente, uma rapariga de 18 a 20 anos, afflittissima queixando-se de que estando a brincar com um gancho de cabelo, o tinha deixado escapar para dentro do nariz, com as pontas para fora. Era um desses ganchos grossos que as mulheres usavam no cabelo e nada se parece com os finísimos actuais que se confundem com os fios do proprio cabelo. Tinham já sido feitas varias tentativas infructíferas. Nada mostrava a

observação mas, insistindo na rinoscopia posterior, pareceu-nos distinguir um ponto escuro numa das coanas, que o toque naso-faringeo veio confirmar ser a extremidade da volta do gancho.

Com um tenaculo rombo encostado ao indicador direito voltamos a tocar, tocamos a volta do gancho e sempre guiados pelo dedo, enfiámos o tenaculo no gancho que saiu com a maior facilidade quando retirámos o dedo.

Este caso em si tão simples, fez-nos reflectir sobre a possibilidade, facilidade e segurança de operar na naso-faringe pelas vias naturais aproveitando a sensação nítida e perfeita que se obtém no contacto do dedo na naso-faringe com um instrumento introduzido na fossa nasal. Passava-se isto em 1901.

Daqui nasceu o processo. Pouco depois apparecia o primeiro fibroma.

Tivemos então occasião de ensalar essa concepção cirurgica do nosso espirito que foi coroadada neste primeiro, como em todos os outros casos do maior e mais completo exito sob todos os pontos de vista.

DR. SANTANA LEITE

Farmacia A sua separação da Medicina

Na antiguidade, a arte de curar andava intimamente ligada á religião, supondo-se que as enfermidades eram manifestações da colera divina. Poucos medicamentos eram usados, e os doentes, abandonados ás vontades sobrenaturais, permaneciam dependentes dos caprichos dos deuses, na crença de que nada havia no mundo que as salvasse se não se arrendessem das faltas que tinham cometido, arrependimento que traduziam em sacrificios de toda a ordem. Desconhecendo-se os processos racionais de atacar as molestias, quando não era aos deuses que attribuiam tais custilhas, era aos espiritos maus que assacavam as desgraças. Quantos sofrimentos foram attribuidos á velha *Nirriti*, a celebre divindade feminina, personificação da perdição!?

Com o andar dos anos, muitos sacerdotes foram descobrindo certas propriedades beneficas de determinadas drogas, o que lhes valeu o conseguirem uma notavel influencia sobre os seus contemporaneos. O *Soma*, planta com a qual se preparava a *bebida sagrada* e que, segundo Hesler, devia ser o *Sarcostemma viminalis*, deu poderio e força á liturgia indica, o mesmo acontecendo á *Tulasi*, que os historiadores affirmam ser o *Ocimum santissimum*.

Se observarmos os persas, verificamos que, da mesma forma que os indios, attribuiam a causas sobrenaturais as enfermidades humanas, deixando que as mais insignificantes feridas provocassem a morte. Como em outros povos, reinava ali a superstição, como o confirma o proprio Plinio na sua *Historia Natural*. Contudo, não ha duvida que empregavam já com certo exito o *A'loes* e o *Benjoim*, que em nossos dias têm ainda largo consumo em toda a parte do mundo.

E o que dizemos da Persia e da India, podemos repeti-lo a respeito da China, da Fenicia e da Babilonia.

Unidas a Filosofia e a Medicina, confundidas, mesmo, durante toda essa epoca fabulosa e heroica, só mais tarde, com Hippocrates, elas tornaram uma feição particularment distincta. Entretanto, os medicamentos, eram preparados pelos proprios medicos, ministrando-os, em seguida, aos doentes.

A epoca da separação da Farmacia da Medicina, não pode estabelecer-se ao certo, apesar de alguns historiadores lhe fixarem o seculo III antes de Christo, provocada pelo enorme desenvolvimento da Escola da Alexandria, tão celebre nesse tempo, que bastava a um medico ter estudado nela, ou simplesmente ter permanecido na Alexandria durante el-

gum tempo, para ter fama de sábio. Sprengel admite essa hypothese, naturalmente apoiada numa passagem de Celso, autor romano, inserta no *Tratado da Medicina*. Celso de pois de citar Herófilo e Erasistrato, diz: «a Medicina foi nesta epoca dividida em duas partes: uma que empregava o *regime* nas curas; outra que utilizava os *medicamentos*; e uma terceira que recorria ás operações». Segundo Andreu, os gregos chamavam: á primeira, *dietética*; á segunda, *farmaceutica* e á terceira, *cirurgia*. Todavia, enquanto Daniel Le Clerc, Sprengel, Choulant, admitem uma separação material da Medicina em três ramos, que serviam de occupação a três ordens de medicos ou três especies de pessoas, outros, como Schulze e Weber, creem que se trata de um desdobramento da Medicina em todos os seus ramos.

Por outro lado, Jacobson, demonstra que Celso quiz falar do ensino e não da pratica, e Rosebaum interpreta a passagem de Celso como se este quizera indicar com os nomes de *dietetica* e *farmaceutica*, não duas partes da Medicina, mas, sim, dois sistemas medicos como consequencia das doutrinas de Herófilo e Erasistrato.

Pela falta de clareza e pela dificuldade de interpretar a passagem de Celso, é por muitos autores posta de parte a opinião de Sprengel, no que diz respeito á separação da Farmacia da Medicina nos tempos alexandrinios.

Andreu refere que o *Intaryon* era a officina do medico e do farmacoutei. A palavra *apoteke*, derivada do verbo *apotitenai* (guardar) não tinha o significado que actualmente tem hoje a *botica*, que indubitavelmente deriva daquela; designava, segundo o mesmo autor, o lugar onde se guardavam varios objectos para venda. E' assás curiosa a contestação da teoria de Sprengel, baseada no erro de tomar como sinonimas as palavras *pharmaceutica* e *pharmacopolia*. A *pharmacopolia*, como a *rhizotomia* eram então profissões em geral exercidas por charlatões. Nem uma nem outra podem ser comparadas á Farmacia actual. Os medicos nunca formulavam uma prescrição para que fosse aviada pelo *pharmacopola* ou pelo *rhizotomo*. E' possível que estes alguns medicamentos vendessem aos doentes por incuria dos medicos, á maneira dos droguitas e ervanarios de hoje, que, contra a lei exercem ilegalmente a profissão farmacaceutica. A sua missão era, porém, vender plantas medicinaes a medicos, a farmacuticos e não ao publico.

Não deve, em vista do exposto, fixar-se a data da

separação nesta época, aliás notável para a historia medico farmaceutica.

Ha razões para crer que a profissão farmaceutica continuou a ser exercida pelos medicos através de quasi toda a Idade-Média, até seculo XIII.

O documento mais antigo que se conhece, onde se fale das duas classes absolutamente distintas é uma ordem de Frederico II, datada do ano de 1224, no qual se dispunha o seguinte:

Proibição de toda e qualquer sociedade entre medicos e farmaceuticos; e proibição de qualquer medico em exercicio ter ao mesmo tempo farmacia.

Resalta destas duas determinações a necessidade de moralizar a profissão, e quem sabe mesmo se seria essa necessidade que conduziu á separação absoluta da Medicina e da Farmacia.

O certo é que, salvo melhor opinião, é no *Seculo XIII* que nós temos de fixar a data da separação de medicos e farmaceuticos, data que marca nitidamente a emancipação d'este ramo scientifico que depois deu homens, tais como: Nicolas Lemery (1645), autor de uma *Farmacopeia Universal*, um *Tratado de Quimica* reimpresso vinte vezes em França e traduzido em todas as linguas europeias; um *Biccionario de Drogas* e um *Tratado de Anatomia*; Baumé, criador do areometro conhecido pelo seu nome, e autor de um tratado de *Quimica Experimental*; Scheele (1742) o identificador dos acidos *acetico, tartarico, oxálico, málico, gállico, cítrico, mucico e urico*; definiu a composição da glicerina (óleo doce de Scheele); descobriu a *molibdena, o acido tungstico, o cloro e o bórto*; a industria deve-lhe a criação do *arsenito de cobre*, denominado *verde de Scheele*; Vauquelin, que descobriu o *chromio* e foi o primeiro que preparou o *acido cianídrico, o acido benzoico*; Proust (1755), que isolou o açúcar da uva e a quem se deve

a *lei das proporções definidas, ou lei de Proust*; Bouillon Lagrange, o primeiro que isolou a ureia da urina dos animais, falecido em 1844; Dobereiner, criador da *maquina estática*, falecido em 1849; Courtois, descobridor do *Iodo*; Humphry Davy (1778), criador da *Electro-quimica* e da lampada Davy contra o grisu; Serturner, descobridor em 1815, da *morfina* e do *acido mecónico*; Pelletier (1788), que com Caventon descobriu a *estricnina, a brucina, a veratrina e a quinina*; Soubeiran, que descobriu o *cloroformio*; Dumas (1800), criador da *teoria atômica*, descobriu o *acido tricolorácetico*, desenvolveu extraordinariamente a concepção dos *homólogos* em quimica organica e foi o autor d'uma grande obra sobre a *Filosofia da Quimica*. Foi, ali m, disse o guia escutado do grande Pasteur; Fehling, criador do metodo de análise do açúcar por meio do *reagente cupro-potássico*; Parmentier, que consultado pela Academia de Besançon sobre os meios de aumentar o rendimento do solo francês em productos alimentares, fez o exame quimico da *batata* (1773), para provar a inocuidade deste tuberculo (a que attribuíam a propagação da lepra) e a sua riqueza alimentar excepcional, tendo publicado cento e sessenta e cinco obras quasi todas tratando da quimica alimentar; Nestlé, inventou a *farinha lactica* a que pôs o seu nome e que hoje disfruta de renome mundial; e tantos, tantos outros que á causa do Progresso prestaram o seu brilhantissimo concurso, alguns illustrando a sua historia com o producto do seu génio criador.

ADOLFO TELXEIRA

Presidente da Associação dos Farmaceuticos Portugueses

PELO MUNDO

Difícil operação cirurgica

Numa das sessões da convenção annual da Associação Médica da America do Norte foi lida uma comunicação do doutor W. James Gardiner jovem cirurgião da famosa clinica de Cleveland, de que é director o eminente samio doutor Jorge W. Crille, em que se relata uma extraordinaria operação feita ha vinte e dois meses Nessa operação foi extraída a metade direita da massa encefalica de uma mulher de trinta anos, que padecia dum tumor cerebral. Desde então a operada tem estado submetida a observação, tendo chegado os medicos á convicção de que mantem o pleno uso de todas as suas faculdades mentais.

Como demonstração da operação realizada, e dos resultados obtidos, foram apresentadas numerosas fotografias e pelliculas cinematograficas, em que se segue minuciosamente a historia deste curioso caso.

O doutor Gardiner declarou durante a sua exposição:

—A ultima vez que observamos esta mulher foi em 17 de maio do corrente ano. Mostrava-se feliz e optimista. Estava imensamente agradecida pela operação que lhe tinhamos feito, graças á qual pudemos cura-la de um tumor cerebral. Observa-se apenas ligeiras normalidades no braço e perna esquerdos. Além disso não sente as picadas que lhe fazem com um afinity nem o calor nesta parte esquerda do pescoço para baixo. Mas todas as suas faculdades mentais continuam intactas. Lia e escrevia correctamente durante a convalescença.

O microbio da lepra

BOGOTA, 10. —O professor Frederico Lieras Acosta fez uma comunicação á Academia de Medicina acerca dum importante trabalho seu, no qual annuncia que, depois de porfidadas experiencias, conseguiu levar a cabo o cultivo do microbio da lepra. —(U. F.).

Varias

La Presse Médicale publica no n.º 52 um curioso artigo de Georges d'Henqueville, *Les assassins du Médecin. Comment le protéger contre eux?* e nos numeros 53 os de R. Caussé, *Sémiologie des vertiges*; J. Legendre, *L'hygiène du sous-sol ou l'urbanisme contre l'hygiène*; no n.º 54 os de B. A. Marfan, *Le Médecin éducateur des meres*. Em c. n.º 55, de 12, publicam Egas Moniz, Almeida Lima e Diogo Furtado um estudo sobre as *Troubles circulatoires du cerveau produits par des tumeurs cérébrales dans le voisinage du siphon carotidien* (9 fig.). Também nesse numero J. Couturat publica um artigo, digno de ler-se, sobre *Les nouveaux hôpitaux de Paris*. No n.º 57 insere o estudo de L. Lebourg, *Traitement préventif des stomatites médicamenteuses spécialement mercurielles et bis-muthiques*. Também este numero publica uma carta d. Dr. Roux ao professor Marfan, sobre *L. défense du latin*, e uma nota sobre Portugal, onde se noticia a morte do Prof. Silvio Rebelo e a nomeação do Dr. João Porto para reitor da Universidade de Coimbra. No n.º 5: F. Lebeuf, H. Mollard et D. Popovitch publicam um estudo sobre *Syphilis et Auro-résistance*, e um resumo da conferencia do coronel medico francês Abbatucci, sobre *Nego-*

l'on est-il mort d'un cancer ou d'une hépatite suppurée?

—No hospital Cochin, em Paris, foi inaugurado um monumento ao professor Fernand Widal.

Livros novos

BIBLIOGRAFIA — RICARDO JORGE
—*Summa epidemiologica de la Peste, Epidémies anciennes et modernes*. — O trabalho do Prof. Ricardo Jorge, presidente tecnico do Conselho Superior de Higiene, delegado de Portugal, é a nota apresentada ao Comité permanente do Office International d'Hygiene Publique na sua sessão de outubro de 1932, e um trabalho superior sob qualquer ponto de vista por que se encare. Ricardo Jorge é um mestre, gloria da nossa terra e do nosso tempo, e os seus trabalhos são sempre benvidos.

GRAVURAS, PARA A HISTORIA DA MEDICINA — Coleção de Davis & Geck (Cat-Gut). — O Instituto Pasteur de Lisboa tem em distribuição da casa Davis & Geck, americana, uma nova série de gravuras respeitante á Historia da Medicina. A que temos presente é referente a Larrey, Avicenna, Dalla Croce, Acquapendente, João de Niga, Sushruta, Bertapaglia, Paulo de Aegina e Trotula. São quadros curiosos que constituem uma historia da medicina pela imagem.

BIBLIOGRAFIA — A. Deschamps et J. Vinchon — *Les maladies de l'énergie*, 420 pag. (Alcan), 40 fr.; Molinry — *Jardins d'enfants. Médecins et jardiniers*. 28 pag.; René Thuillier — *La vie malade de Moliere* (Jouve et C.e) 12 frs.

IV -- História e Geografia

Historia e ciencias auxiliares — Geografia — Portugal — Colonias — Brasil

OS DESCOBRIMENTOS DOS PORTUGUESES

"A propósito do dia dos Cortes Reais,

Na investigação das famosas viagens dos Corte-Reais, mais uma vez se esbarra na falta de documentação, consequência do segredo em que se pretendeu envolver as derrotas para as terras *novamente descobertas*.

Neste caso dos Corte-Reais a reserva publicava, porque as suas navegações foram feitas, na maior parte, no hemisfério que o Tratado de Tordesillas reservava à Espanha.

Os cronistas, como Damião de Góis e Antonio Galvã, foram vítimas daquele natural sigilo, e limitam-se a contar que, em 1500, Gaspar Corte Real, «de sua fazenda» armou navios e descobriu, «em cinquenta graus de altura, uma terra muito fresca e de grandes arvores», a que pôs o nome de Terra Verde. E, no «Esmeraldo», Duarte Pacheco apenas faz uma referência vaga à parte ocidental do mar Oceano, onde D. Manuel teria, em 1498, mandado descobrir, ao «Occidente» da Europa, Asia e Africa, uma «terra firme com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela», a qual se estende desde «latitudes altas» de latitude norte, até muito ao sul, além da actual baía do Rio de Janeiro.

Além disso, em cartas escritas em Lisboa, em outubro de 1501, os italianos Pasqualigo e Cantino referem, por o ouvir contar, uma navegação confusa entre Oeste e Noroeste dos Açores, enlaçando as duas viagens de Gaspar Corte Real — a de 1500 e a de 1501 — da ultima das quais, ele mandou a Lisboa dois navios, trazendo uns cinquenta índios. Contam que, em uma viagem anterior, fora descoberta uma terra defendida por bancos de gelo, tendo na ultima viagem abordado a outra terra, continuação daquela, onde havia frutas e muitas arvores, o que lhes deu a impressão de ser o continente, em ligação com as terras descobertas por Colombo e com o Brasil.

Como é sabido, Gaspar Corte Real nunca mais voltou; e seu irmão Miguel, que o foi procurar — não de certo a um largo mar, mas a uma terra que já muito bem se sabia onde ficava — também lá desapareceu.

Um outro documento, mais concludente, nos dá informações sobre as viagens de Corte Real: é um grande planisfério de 2 metros de comprimento, ainda existente, o qual foi desenhado em Lisboa em 1502, e enviado por Cantino ao Duque de Ferrara. Outros mapas, todos mais ou menos de origem portuguesa, atestam que naquela época já em Lisboa se sabia da existência da parte continental da America do Norte, ao norte das Antilhas, descobertas por Colombo antes de 1506.

De facto naquele planisfério, ou «carta de navegar», identificam-se pela primeira vez algumas terras, que são: a Península da Florida, a continuação da costa para o Norte, a ilha da Terra Nova e a Groenlandia. Estas duas ultimas terras têm legendas que as declaram descobertas portuguesas, e nelas está desenhada a bandeira das quinas; nas outras duas não ha esta bandeira portuguesa, mas tão pouco as ha espanholas. A nova nomenclatura da costa é em grande parte portuguesa; a ponta sul da Florida é chamada Cabo do fim do abril, nome que conservou até que a Florida foi, em 1512, pela primeira vez visitada pelos espanhóis. Não havendo conhecimento de outras viagens anteriores até lá, não iremos longe da probabilidade attribuindo a descoberta das quatro novas terras áqueles mesmos navegadores que se mostram capazes de, sem navios do Rei, irem descobrir terras tão longinquas: os Corte-Reais.

Enfim, na carta de doação, pela qual D. Manuel, em 1500, concede a Gaspar Corte Real jurisdição sobre as «ilhas ou terra firmes», que ele venha a descobrir, reconhece-se que ele já anteriormente navegara

para «descobrir e achar» algumas terras, trabalho em que quer continuar.

Daqui se infere que, já antes de 1500, houve outra, de cujos resultados se tomou incentivo para prosseguir. Da combinação desta carta do Rei com o mapa de Cantino infere-se que essas terras visitadas tinham sido abandonadas, por pertencerem ao hemisfério espanhol.

Eis os documentos de que dispomos para poder deduzir quais teriam sido as viagens de Gaspar Corte Real.

Nessa orientação teremos de adoptar o criterio já seguido por outros investigadores, criterio que, por exemplo, permittiu conjecturar a tão falada viagem de Vasco da Gama com mais verosimilhança do que a da versão dos que publicaram o seu «Roteiro», ou mesmo daqueles que desenharam a sua derrota em uma das paredes da Sociedade de Geografia de Washington, onde, de resto, os Corte-Reais, prováveis descobridores daquela terra, apenas mereceram uma referencia no Canadá, como se eles tivessem ido a essa parte da America do Norte, saltando por cima do mar de avião!

O processo acima referido, de que me servi, foi o de me imaginar, como official do mar, a bordo dos pequenos navios de vela do tempo dos descobrimentos, sem dispôr dos recursos modernos, como sextante, cronometros, cartas de ventos, frigorifico, etc., mas limitado aos escasos elementos da época, e só contando com aquilo que uma prolongada experiencia de alto mar tinha ensinado aos navegadores portugueses do seculo XV.

As conclusões tecnicas a que assim se chega não podem repugnar ao leigos da Arte Nautica.

Pouco antes de 1500, possuido do mesmo desejo que — sem conhecermos os resultados praticos — muitos outros navegadores já antes tinham manifestado qual era o de desvendarem o misterio das terras orientais, chamadas as Sete Cidades, donde as correntes e os ventos traziam detritos vegetais aos Açores, um acoreano, Gaspar Corte Real, empreendeu, á sua custa, uma viagem ao Occidente.

Ignorando-se ainda então o regime de ventos a Oeste dos Açores, mas sabendo-se que de lá sopravam temporais frequentes, mais uma vez os navegadores portugueses adoptaram o seu criterio — que tão bem os tinha servido e até aproveitara a Colombo — qual era o de estudar os caminhos dos seus navios de vela, antes de buscarem as terras. Assim, Gaspar Corte Real, para se libertar dos ventos de Oeste, dominantes no mar dos Açores, que lhe tornariam incerta a sua derrota para Oeste — e que hoje afrontam os proprios aviões — desceu, naturalmente, á latitude das Canárias, onde se começa a encontrar ventos entre Norte e Leste, que permitem rapidamente fazer caminho para o poente.

A sua partida teria sido no fim do inverno, para poder dispôr da primavera e do verão, a melhor época para as navegações do mar descanhecido, a Oeste. Assim foi avistada terra ao Norte daquelas que, no fim do seculo XV, exploravam Colombo, Pínsen e outros navegadores espanhóis — a costa norte do Novo Continente em 1498, mas ainda não crismado do nome sonoro de America.

A primeira terra avistada por Corte Real teria sido a península da Florida, que ele, julgando-a ilha, foi contornar por Oeste; e assim lhe ficou a nomenclatura das duzentas léguas de costa, desenhadas no mapa português de Cantino, pelo Golfo do Mexico dentro. Mas a costa tornava-se, por assim dizer, cada vez mais espanhola; de modo que Gaspar Corte Real

desistiu e, voltando atrás, contornou a ponta sul da mesma Flórida, a que dera o nome de *Cabo do fim de abril*. Algumas léguas ao Norte, a costa começava a tomar a direcção de Nordeste, e Corte Real foi-a seguindo, na esperança de a ver entrar pela zona que o Tratado de Tordesillas deixou a Portugal. Assim teria navegado até ao actual *Cabo Breton*—que se chamou *costa do mar bravo*—ou talvez mais ao Ocidente, até á ponta Sueste da Terra Nova, na qual ele já se poderia julgar nas proximidades da *raya*.

A' volta, no verão, tivera Corte Real ocasião de reconhecer a parte do Atlantico Occidental, na qual, apesar de dominarem os ventos de Oeste, teria notado, como se sabe, outros ventos variáveis e sudoestes, que lhe haviam de permitir, no verão também, a viagem directa para aquella terra que ficava a Noroeste dos Açores, da qual, desta ou de outra viagem, segundo a legenda do mapa de Cantino, ele foi o descobridor.

Velo então a Lisboa, relatar o que se passara: o Rei, longe de o censurar, mas respeitando—como aliás o Rei de Espanha respeitava também—a ballisa de Tordesillas, teria dado a Gaspar Corte Real a *carta de doaçam*, sem contudo lhe fornecer navios, visto que então o dominava a preocupação do caminho da Índia, e esse, ainda que pelo Ocidente apparecesse mar livre até lá, era já sabido dever ser o do Cabo da Boa Esperança, e não o de Oeste, que Colombo ainda então tenazmente procurava.

Ficou assim desvendado o mysterio das *Sete-Cidades*, essa terra donde aos Açores chegavam vestígios flutuantes. Por elle estava, sim, a Oeste, mas embora descoberta por portugueses, era terra espanhola. Só nos restava a ponta da Terra Nova, e para lá insistia Corte Real em navegar.

Da segunda viagem, já senhor do regime dos ventos ao largo dos Açores, Gaspar Corte Real, em 1500, partiu em malo, como fazem hoje os lugres da pesca do bacalhau. Uma insistencia de ventos do Sudoeste, vulgares ao largo dos Açores no verão, tẽo-lhe ia feito descair muito para Norte: assim foram descobertos os gelos e a terra da Groenlandia, de accordo com a legenda do mapa de Cantino e as cartas que este e Pasqualigo remeteram para Italia, em 1501. Como a Groenlandia ficava a Leste do meridiano de Tordesillas, era de facto portugesa. Por esta razão se teria Gaspar Corte Real demorado a contorna-la, talvez impedido pelos gelos de desembarcar, aproveitando estes apenas a agua doce, que o sol do verão derreteria. Corridas 300 léguas de uma costa árida e desolada — as desenhadas no mapa de Cantino — e vendo que a terra se afastava para o Noroeste, tornando-se inhabitavel e talvez espanhola, Corte Real teria abandonado a sua exploração. Levando nas velas os ventos variáveis, all dominantes, depois de navegar ao sudoeste as poucas dezenas de léguas do Estreito de Davis, ou canal, teria ido de novo avistar terra, aquella que depois recebeu o nome de *Labrador*. Acompanhava-a para sueste, aproximando-se da *raya*, da qual a sua *estima* o não devia marcar muito longe.

Esta navegação teria levado Corte Real á ponta mais occidental da actual America do Norte a *Terra Nova* (da qual não ha razão para duvidarmos ter sido ele o descobridor) encontrando lá a gente, os rios, a abundancia de pelixe e os *mastos*, a que se referem os documentos antigos. Hoje sabemos que aquella ponta fica a pouco mais de 50 léguas do meridiano de Tordesillas; mas no principio do seculo XVI, era acceitavel tão pequeno erro em longitude, e Gaspar Corte Real podia acreditar ter descoberto terra go hemisferio português.

Assim, a sua viagem de 1501, como a de seu irmão Miguel Corte Real em 1501 — já com *carta* de D. Manuel — e a de 1503, em que os foram procurar, todas estas viagens tiveram já um objectivo conhecido, a Nova Terra, que então recebeu o nome de *Terra nos Corte-Reais*.

Porque, é sabido que nenhum dos dois irmãos voltou a Portugal. Possivelmente por naufragio, ou por tentado o reconhecimento da costa da actual Nova Escocia, parece que Miguel se veio estabelecer em

clima mais temperado, cerca de trinta léguas ao Nordeste da actual capital dos Estados Unidos, *New York*, onde a sua presença como chefe de um reino, talvez vassallo de Portugal, teria ficado registada na inscriçãõ da *pedra de Dighton*, que só, ha poucos anos, um americano, o professor Delabarre, conseguiu decifrar, partindo da data gravada na mesma pedra — 1511 — que exclui os navegadores espanhols, os quaes só em 1512 visitaram aquella costa.

Mas, por motivos diplomaticos, ou outros, a acção portugesa não se podia fazer sentir para Oeste da *Terra dos Corte Reais*, tanto na *Terra do Labrador*, Canadá, como na *Nova Escocia*, terras essas que foram com toda a probabilidade visitadas por Gaspar Corte Real.

Eis como, applicando uma critica nautica aos estudos e documentos, publicados pelo português Ernesto do Canto e pelo norte-americano H. Harrisse, se podem reconstituir as viagens de Gaspar Corte Real, deduzindo, embora indirectamente, que elle foi, cerca de 1500, o descobridor, não só da Terra Nova, como também da Flórida, da Nova Escocia e da Groenlandia. Nas suas navegações não se aproveitou elle da experiencia de outros navegadores norte-atlanticos anteriores — se os houve, escandinavos ou venezianos — porque dessas problematicas viagens não ficaram mapas, nem outras informações nauticas, que permitissem voltar ás terras visitadas. Ao contrario, das viagens dos Cortes Reais á America do Norte ficaram mapas geograficos, como o de Cantino e varios outros, cuja hydrografia traduz viagens reais dos portugueses ao Oeste; e ficou, entre os pilotos, o conhecimento dos ventos do Atlantico Occidental que garantiram uma continuidade de relações maritimas. Por isso, durante um século, o Rei d'Aquem e d'Além Mar em Africa não foi só senhor do Brasil, de Angola, da Guiné fol-o também da *Terra Nova*.

Não correm estes tempos favoráveis a monumentos individuais, de importancia correspondente á grandeza das figuras das nossas navegações. Zarco, Eanes, D. Cam, Bartolomeu Dias, Gama, Cabral, Corte Real. Estamos mesmo longe de nos preocupar com aquelle monumento utilitario que lhes poderiamos erigir, como seria o *Museu dos Descobridores*. Mas, enquanto esse momento lucido não chega, nós, admiradores das obras dos nossos antepassados, e revoltados com as injustiças que por vezes lhes fazem — tal a modestia com que, no mapa mural da Sociedade de Geografia de Washington (embora desqualificado por ter inscrita uma viagem de Vespuccio) está escrita apenas a palavra *Corte-Real*, nome do unico navegador que pode disporar a fama de ser o descobridor da grande terra, hoje designada apenas pelas simples initials U. S. A. — nós, portugueses, ao menos, contantar-nos-iamos em poder contemplar em Lisboa, todos os dias, alguma lembrança da nossa grandeza geografica de outros tempos... de quando, nos quatro quadrantes do Atlantico, os mapas antigos ostentavam o desenho das *quinas de Portugal*: na Guiné, que embora pequena, é ainda portugesa; no Brasil, onde se conserva a nomenclatura geografica em portugês; em Angola, cujo grande rio Zaire foi primeiro navegado pelo português Diogo Cam, te ás queidas do *Yelala*, onde ainda hoje se lê a inscriçãõ que lá deixou; e, enfim, na America do Norte, onde os irmãos Corte-Reais foram morrer, depois de ensinarem as rotas para lá se ir, deixando perduravel testemunho na *pedra de Dighton*.

Essa lembrança do Passado, a documentar suggestivamente a capacidade da gente da nossa terra, poderia estar simbolizada no local mais frequentado de Lisboa, como seriam os dois thalhões da avenida da Liberdade dedicados aos descobridores maritimos. All, em uma posição semelhante aquela que occupam nos quatro quadrantes do Atlantico, seriam collocadas quatro reproduções, em pedra, de seriam inscrições referentes ás navegações portugesas. A' semelhança do que aconteceu na Exposição Colonial de Paris, com os fac-similes das pedras de *Yelala* e de *Dighton*, aqueles monumentos estranhos, despertando

a atenção dos passantes nacionais e estrangeiros, recordariam que os trabalhos ultramarinos dos portugueses não são *ad omnia laenda*, embora por vezes a nós proprios portugueses eles nos pareçam fantasticos.

Se das nossas viagens de Descobrimento da America, desde a sua preparação para Colombo, fala pouco a Historia, esse silencio é devido a que os maiores descobridores portugueses, como Bartolomeu Dias, Corte-Real, Solis, Magalhães, não sobreviveram as navegações grandes que fizeram para nos-las vir contar em cartas ou diários. Mas, se as estudarmos com olhos de technicos do mar, ressaltará a convicção

de que foi da obra formidável das navegações que resultou a importancia mundial de Portugal, um país que, apesar de tão pequeno, encheu o vasto mar com as suas navegações. A'quele obra devemos, pois, o poder ser hoje dirigidos por homens da nossa raça, que falam uma lingua ainda muito conhecida na America, a mesma em que o nosso *romance marítimo* está immortalizado nos «Lusiadas», livro que não é uma novela de ficção como tantos outros poemas, mas um espelho da realidade historica, escrito na lingua portuguesa.

GAGO COUTINHO

QUINZE ANOS DEPOIS DO GRANDE CONFLITO MUNDIAL

As revelações do general von Letow ácerca da guerra de Africa

Está agora a merecer bastante leitura, em Portugal, a tradução francesa do livro da Coleção de Memórias da Grande Guerra «A guerra nos Matos do Este Africano» (1914-1918) da autoria do general Letow-Vorbeck. Esta obra já é conhecida, e as declarações de Letow não são novas para nós, tendo até sido já objecto de réplicas que em muitos passos se impõem.

Mas vamos ao encontro do interesse publico, e ponhamos em extracto alguns comentarios sótos, ou simples narrativas desse livro, e que dizem respeito aos portugueses—vítimas varias vezes de injustiça ou de pouca atenção por parte do general Letow,

Os portugueses não juram...

O inimigo é para Letow o português ou o inglês indifferenteamente.

Logo no começo antes de Ngomano, numa fuzilaria, Letow desconfiou que as tropas inimigas proximas eram portuguesas «pela ausencia de canhões de trincheiras», e i'aque se distinguiu bem a detonação forte da arma portuguesa, de um calibre superior a 6 mm.

Em Ngomano tomaram material sanitario português, «excelente, devido á» conhecimento secular que os portugueses têm das necessidades colonias». As tropas alemãs foram providas de armas modernas «portuguesas, desta vez».

Classifica de extraordinario que os portugueses, em obediencia ás ordens dos seus aliados ingleses, de impedir a todo o transe a passagem do Rovuma, tivessem chegado a tempo. Deprehende-se que foi a pressa de chegar a combat que, aos portugueses e ingleses, em menor numero, ocasionou a derrota. «Era impossivel aos portugueses executar a ordem inglesa «de os não deixarem passars».

Diz que os pretos locais portugueses já tinham fugido antes, com medo d' crueldade portuguesa—o que não é verdade. Sabe-se que foi exactamente o contrario.

A 2 de dezembro as guardas avançadas alemãs entraram de surpresa no posto português de Nangwale, e os poucos dos nossos que ali estavam renderam-se.

Entretanto—diz—o destacamento do chefe alemão Whale, que avançava por outra região, a do rio Chitulei,

batera um destacamento de muita companhia portuguesa, em posição fortificada.

Os combatentes portugueses brancos, feitos prisioneiros até ali, recusaram-se absoluta e dignamente a retomar a liberdade a troco do juramento «de que não ambateriam mais contra os alemães».

Os chefes alemães, admirados, deixaram-nos ir embora, mas para lá do Rovuma, onde não lhes fizessera guerra.

Rendidos pela sede

Letow diz depois que o seu capitão Stermerman sitiou o forte de Chao, que se defendeu encrignicamente. Assaltos não deram resultado. Os portugueses faziam daquele inglorio sitio um ponto de honra. Ao cabo de muitos dias os alemães cortaram-lhes a agua. Só então os sitiados de Chao capitularam.

As tropas de Goering sofreram varias reveses, e este destacamento esteve em posição critica. Um radio recebido por Letow (donde?) dizendo ter reconhecido em França a grande offensiva alemã (março de 1918—deu-lhes coragem).

Depois relata Letow:

«As patrulhas do nosso destacamento Koehl deixaram a região Medo-Namoni, atreveram-se mais para o litoral (Porto Amélia estava proximo) e tomaram de assalto muitos postos portugueses, muitos canhões, muitas espingardas, e aprovisionamentos». Eram razias, sem «provetamento».

Eram «razias» em utilidade de occupação.

«Os indigenas mostravam-se acobhedores, vendo em nós os libertadores do jugo português. Não é isto verdade: vendo chegar um novo senhor os indigenas aproveitavam a situação para se encherem de tertulário e de bugalgangas.

Deve dizer-se, para elucidação do leitor, que portugueses e ingleses combatiam muitas vezes juntos, e que o plano era quasi sempre inglês. O general Deventer, chefe britânico, occupado no Leste Africano, preocupava-se menos, na ausencia de Smuts, em dar guerra de guerrilhas a Letow e aos seus cabos.

Alude Letow a escaramuças varias, em que ora levavam a melhor, ora não, tirando toda a importancia. As

acções em que era obrigado a ceder. Eri todo o caso confessava successivas mortes de officiaes graduados.

Conta que tendo os ingleses sido envolvidos em Kanene (tropas de 1.4 King's African Rifles) estes desatarem a beber tudo quando tinham nas garrafas, e foram aprisionados «muito alegres, quasi indifferenteamente. Releta combates em que ingleses foram vencidos, e. num...

maça mais rija, em que a resistencia inglesa foi mais tenaz ele viu com surpresa que entre os mortos havia... muitos portugueses.

A colonização portuguesa

Em 23 de maio de 1918 as tropas alemãs avançam para o sul, e entram na região do Luitio.

Malema foi tomada por Müller. O meio batalhão inglês retira de noite, e foi substituído por tropas portuguesas, de patrulhas. Mais mortos portugueses no campo de combate, com surpresa do capitão Müller, que não dera pela saída dos ingleses.

«Era tão rica e abastecida de tudo esta região, como outras, que Letow e os seus homens, arrelivavam-se por não poderem consumir tudo, pois não queriam deixar nada ás tropas que porventura os perseguissem. Estragavam, mas mesmo assim ficavam lá muito: gados, cereais, vinhos, etc.»

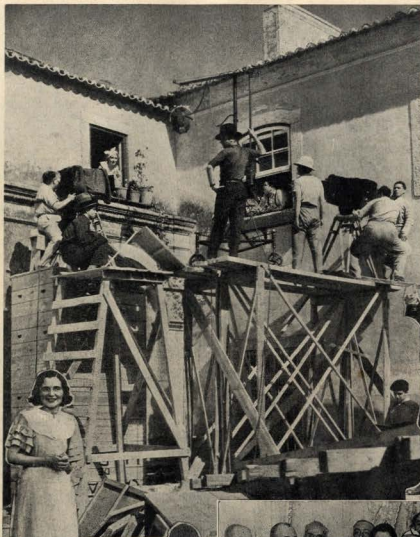
A 16 de julho os alemães entraram no Alto-Molone, importante localidade portuguesa. Os nossos lograram levar todas as munições.

Grupos portugueses isolados continuaram a dar combates, mas—diz Letow—como eram «tiranos» para os pretos, estes denunciavam a sua presença. Não era assim...

O cabo de guerra alemão continua a referir-se á colonização portuguesa, mas fazendo-o incidentalmente, sem dar conta de que traça o elogio do nosso genio colonizador. Tudo é rico, tudo é bom, tudo está bem montado e bem explorado. Nampepo valeu-lhe algumas linhas de exaltação.

Este artigo que o «Diário de Lisboa» publicou deu lugar a dois artigos de refutação, um do coronel Augusto Tav'ra e outro do capitão Bastos dos Reis. São depoimentos interessantes d' uma época historica ainda não historizada entre nós.

— O Mês Artístico —



O cinema por dentro é por vezes tão interessante como aquele que a gente vê a perpassar no pano iluminado. E se não vejamos os leitores o que, para uma simples conversa entre Vasco Sant'Ana e Ana Maria no novo *film* A CANÇÃO DE LISBOA,

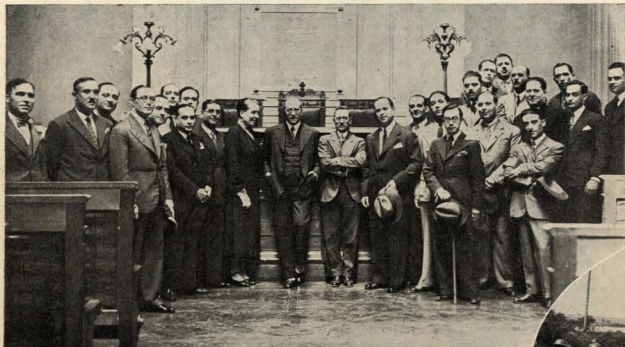
conversa breve e simples, foi necessario construir a valer. O cinema! Muita gente julga que é chegar, apontar a maquina e prompto!... Todavia quanto de drama às vezes se mistura na comedia e quanto de drama a comedia não encerra. O Cinema! ou ele não fosse filho do teatro, o seu filho dilecto e amado!

Os tres alunos da Escola da Arte de Representar, Gloria Meireles, José Carracho e José Manuel de Carvalho que terminaram com distincção o seu curso.



Casamento de artistas: Jorge Grave-Maria Salomé, Beatriz Costari e toda a gente está alegre como os noivos.

O Mês Gráfico Nacional



O curso medico de 1918-1923 que ultimamente se reunia. Os seus componentes com os professores Dr. Sobral Cid, director da Faculdade, Dr. Celestino da Costa e a colega Dr.ª Maria Carolina Ramos.

O mês grafico nacional nem por isso, nesta estação em que tudo se derrete com calor, teve um relevo notavel. Faltaram-lhe os grandes acontecimentos, os acontecimentos que marcam, ficando apenas poeira, resquício, notas á margem. Todavia como migalhas tambem são pão, tomemos esses e esperemos pelos outros. E des virão, com a season. Até lá suêmos. Para os obter e porque o calor aperta...



Roque da Fonseca lendo a sua conferencia sobre a Expansão Economica de que reproduzimos um trecho interessante.



O capitão Maia Loureiro inaugurando a nova sede do Sporting Club de Portugal.



O Sr. Ministro da Guerra (s) acompanhando os ultimos exercicios militares em que tomaram parte 2.000 homens, para instrução dos officiaes do curso de informações da Escola Central de Caxias.



Em cima. Um combate quasi a serio nos campos de Alferregade. Em baixo: O Almirante da esquadra italiana depondo um ranho de flores no monumento aos mortos da guerra.

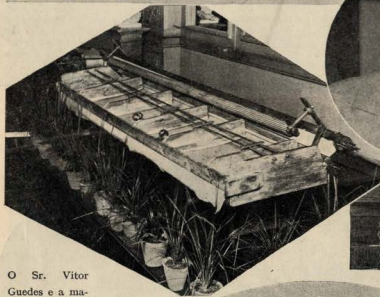


O rancho: Tropa previdente que luta e trabalha, precisa de comer. E se o inimigo o toma, lá se vae pelo menos o bom humor da tropa, que acha que aquilo como partida é forte.

Sport, Vida & Ciencia



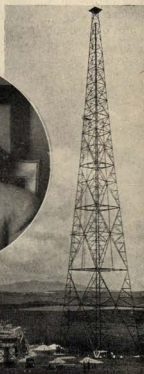
Aspecto do enterro das victimas do incendio ocorrido na Alegria, Lisboa, do deposito de *films* cinematograficos de Castelo Branco Lopes, onde encontraram a morte em circunstancias tragicas alguns empregados.



O Sr. Vitor Guedes e a maquina de calibragem dos frutos proprios para Exportação, exposta no Palacio do Comercio, recente em Portugal, devendo constituir uma das grandes fontes da riqueza publica.



Aspecto dos corredores nas provas ciclistas promovidas pelo jornal *A Bola* e pelo *Campo de Ourique*.



Um aspecto das construções e de uma das torres da nova Emissora Nacional. As obras estão, como se vê, bastamente adeantadas esperando-se para o fim do ano corrente a sua inauguração.

V -- Letras

As letras e os letrados — Bibliotecas e Arquivos — Bibliografia — O Livro

HUMANISMO

Na Academia das Ciências de Lisboa, o nosso director occupou-se de um assunto que merece especial atenção da hora que passa — para que ela não perca o seu equilibrio.

Nas épocas de crise, como esta que vamos atravessando lentamente, pondo em cada passo uma duvida e uma certeza, o homem, como os passaros presos nas galoias, imagina livrar-se da sua tortura, suspirando, avançando para o mais tenue fio de luz que o visita, através das grades do seu carcere.

Vai-se de extremo a extremo — da creença á descreença, do espiritalismo ao materialismo, do idealismo ao realismo, do passado ao futuro, da aurora ao crepusculo — na illusão de que existe, na experiencia dos avós ou na ciencia dos profetas, um remedio para as nossas enfermidades.

Quando se dissolve uma civilização, reproduz-se fatalmente a mesma cena que se passou no Paraíso, depois da Queda: os nossos proto-parentes, ao verem-se nus e culpados, correram em todos os sentidos, á busca dum tronco ou duma gruta onde escapassem ao olhar de Deus. De nada lhes valeu a pálida inquietação: realizaram a sua vida, á custa de pavores e sofrimentos, sujeitando-se a uma série de provações que dolorosamente se fixaram em ensinamentos que cada geração retocava e acrescentava com novas aquisições e conquistas.

Quando, nos fins da idade média, a consciencia dos povos se turvou, ardo no desejo de alargar os seus limites — que é como quem diz: ser mais universal, mais justo e mais tolerante — o mundo greco-latino surgiu nas locubrções dos sábios e dos artistas, como á India ou á America na ansiedade dos navegadores. Que se julgou descobrir?

O conhecimento total do homem e a arte de o conduzir e governar, segundo methodos experimentados nas duas penínsulas mediterraneas, onde o pensamento se fez lei e a lei o saboroso fruto da sabedoria. Os humanistas podiam, talvez, supór que os movia sómente o estudo das linguas máis, o sabor paciente da filologia e da arqueologia, o amor das belas letras, o culto da filosofia e tambem a amavel ficção de que a vida se repete na paixão da beleza, como as aventuras na perspectiva do teatro.

A febre que os inflamava, o interesse que os impellia e a fraternidade que os aproximava, familiarizando-os no convívio da cidade europeia — maior e mais nobre que a cidade de cada um — seria, quando muito, um acontecimento litterario, brilhante é certo, mas destinado a perecer, no ritmo contraditorio das idades.

Por que não foi assim?

O humanismo, que na sua essencia, traduzia a necessidade de renovação que nós sentimos agulhoadamente, quando a decrepitude se instala nos nossos habitos, era um caso de juventude, um instinto ardente de curiosidade, o romper violento da humanidade fatigada pela repetição dos mesmos textos e gestos.

A idade media soube extrair da barbarie a exaltação da cruz — a redenção pela graça divina na miseria do peccador. A oração ascendeu da terra ao ceu, qual perfume místico exalado das almas libertas do jugo das tentações. Mas Deus não condenou o homem á imobilidade: ofereceu-lhe a terra inteira para laboratorio e campo de observação. Não lhe disse:

— Sê com as pedras ou as cavernas abandonadas! Pelo contrario recomendou-lhe que progredisse no bem, escolhendo o melhor sitio para a sua casa, a melhor virtude para o seu coração, a melhor esperança para o seu porvir.

E porque a essas palavras se tenha dado especial relevo na integra as transcrevemos, crentes de que ellas serão lidas com o interesse que merecem.

A Renascença appareceu, no alvor das suas promessas, como a revelação destinada a interromper com um milagre — o milagre greco-latino — o derivar greco-latino — o derivar exangue das formas, o murmurar mecanico e senil das bocas votadas a privações inhumanas.

Não esqueçamos, pois, que, graças a ella e muitas vezes contra ella, cresceu o reino do homem no dominio da natureza e a natureza se transfigurou na luz do espirito. Mas o que a tornou uma das revoluções mais fundas e duradouras, dando uma volta completa á nossa sensibilidade e á nos a razão, foi o arrojio de penetrar, com o facho do helenismo e do latinismo, na treva em que se occultavam as velhas fatalidades implacaveis.

Erasmo, que exerceu a realiza incontestada do humanismo, não cingia a sua acção ás calmas meditações livrescas em que no-lo mostra o celebre perfil que lhe traçou Holbein. Deliciava-se, incontestavelmente, com as paginas imortais de Sófocles, Platão — além de Luciano de Samósata, de quem elle se declarou discipulo — de Cicero, Cergilio e Tacito, mas cmungava na doutrina salvadora de que o erro é favoravel ao triunfo dos tiranos, dos astutos e dos hypocritas. A beleza antiga enviava-lhe o seu sorriso peregrino e soberano, mas a iniquidade moderna merecia-lhe satiras e sarcasmos.

Visitou em companhia de John Collet a catedral de Canterbury dedicada a S. Tomaz Becket assassinado por ordem de Henrique II, o primeiro dos reis «anglicanos». Servia-lhes de guia um risonho frade que atenciosamente os acompanhou. Como ultima maravilha, levou-os ao tesouro dos paramentos sacerdotais — casulas, ornamentos, estolas cravejadas de pedraria, mitras e baculos, capas bordadas a ouro, etc. Collet não se pôde conter:

— Diga-me, bom padre, se o Santo Martir amou realmente os pobres e os humildes.

— Não ha hesitação possivel, a respeito da sua exemplar caridade.

— Se acaso a mulher de qualquer trabalhador, sem lar e sem pão, aqui viesse implorar auxilio, S. Tomaz ofender-se-lá, se lhe dessem uma parcela de tamanha riqueza?

A pergunta não obteve resposta, mas Erasmo depós uma moeda no gazoiliceo e, virando-se para o seu amigo, disse-lhe:

— Devagar, devagar, companheiro! Porque desasossegas uma consciencia timorata? Não proponhas questões graves a criaturas timidas, mas desconfiadas.

Em politica, apesar da sua intimidade com reis e imperadores, manifestou-se republicano; em filosofia, abraçou o ceticismo, mas suavemente, sem forçar a nota; defendeu a paz contra a guerra, a liberdade contra a tirania; a verdade contra a superstição, a clemencia contra a violencia torva. Repugnava-lhe, sobretudo, a grosseria, a incultura, a intolerancia e a paixão sectaria que fulmina e mata.

Com o seu fino e avisado senso, percebeu que se avizinhava a revolução de que o humanismo seria simplesmente o elemento moderador e informador. Lutero chamou-o para si, mas elle recusou-se, collocando-se do lado da Igreja, principalmente quando notou que o protestantismo abdicava do fermento greco-latino, fugindo das elites para a plebe.

Erasmo publicou a *Diatribe sobre o livre arbitrio* que feria em pleno a doutrina litterana da predestina-

ção. Em resposta, Lutero atirou-lhe o seu *De servo arbitrio*. A polémica formidável emocionou a Europa: dois homens que pareciam caminhar, sob o mesmo signo, definiram as suas posições — o humanista batia-se por Cristo e por Sócrates; o teólogo herético pugnavia pela fé, na sua expressão arrebatada e inestética.

Entre as feições inconfundíveis de Erasmo, está o seu sagrado terror do crime, mesmo em nome da razão do Estado. A vida humana, no seu entender, não é objecto de presa, porque, pelo corpo e pela alma, pertencemos à terra — propriedade de todos os mortais — e a Deus — suprema garantia de todos os direitos.

A carta em que, por intermédio de John Faber, se dirige a Henrique VIII, pedindo benevolência para o seu querido Tomaz More que não aceitara o «Acto de Supremacia» — o que o levou ao cadafalso — ainda hoje encerra um pungentíssimo grito de piedade e de justiça contra o desvario sangrento.

Derradeiro sorriso malicioso de Erasmo: o papa Paulo III, ao subir ao solio pontifício, mandou-lhe oferecer o chapéu de cordão.

Teria respondido:

— Nem tanto nem tão pouco!

A monte rondava-o e ele queria rebê-la tranquilamente, na sua morada do «Lirio Branco», deixando escorregar os dedos sobre paginas venerandas, impressas nas oficinas de Aldo Manuzio, Froben ou Amerbach.

Vanitas vanitatum...

O humanista que percorrerá demoradamente a Holanda, sua pátria, a França, a Inglaterra, a Itália,

a Suíça e a Alemanha acreditava como ninguém que a antiguidade classica era o molde perfeito da civilização que se anunciava, no fragor das controversias e das lutas. Atenas e Roma renasciam de poeira imortal que as velava.

Numa coisa, porém, se enganava Erasmo: a Europa não podia resolver a crise que a despedaçava, pelo encanto academico das viagens eruditas e simbolicas ao Párthenon ou ao Capitólio.

Por imitação ou copia, fabricam-se mascaras, mas não se acalmam angustias. Uma coisa é a inspiração que nós podemos alcançar, invocando as Musas, e outra, bem diferente por sinal, a obra em que cada época marca os relampagos da sua inspiração, os vestigios da sua passagem.

Roma e Atenas designam atitudes, fornecem indicações indispensaveis na descoberta do homem, quem ousará negá-lo?

O latim e o grego não perdem a sua feição propria — instrumentos de construção estetica e racionalista, disciplinas magistraes, na ordenação e hierarquia das nossas faculdades. Não lhe atribuíamos valores que lhes não cabem: o humanismo, para se enraizar e fecundar a gleba, necessita que o homem o converta em vontade de dominio, completando-o com o seu esforço e o seu genio inventivo. O mundo é o que nós formos — a vibração intensa dos nossos sonhos.

As grandes crises historicas só se deixam domar, quando nós as subjugamos com os nossos braços, na alta confiança de que o homem caminha no tempo e na eternidade.

JOAQUIM MANSO

FRESCURA DO BUNDO

Ao ex.^o sr. Vicente Ferreira

Dou-me ao infeliz desporte de esgaravtar com unha matutina os rebentos quotidianos do neo-bundo. É um louvar a Deus olhar para esta prole, vingada, crescida e multiplicada; nunca se viram aléjões tão prosperados. Há bastante tempo que tinha dado de mão à sua divulgação; não é tarefa grata a exposição desta galeria, e occupaões instantes me demandaram a atenção e a caneta. — sobretudo os assuntos do officio de epidemiologista que dou a lume em outras plagas, sem que me façam perder o amor à fala de berço. Deus me livre que as epidemias que verso, fôsem da raça deste praguedo que caiu sobre o dicionario, a sintaxe e o estilo da que foi outrora a vigorosa lingua portuguesa. Tenho o desgosto de declarar que, passado ano e meio sobre o rompimento desta empresa, a molestia, em vez de dar mostras de abater, está cada vez mais florente e maligna. Aos que semelam, lavram e colhem esta seara de escarachos, adubada a fezes

de tinteiro, daqui endereço parabens a eles, e pesames a mim como áqueles que ainda sonham na conservação do mais valioso império de Portugal! — o idioma que se falou e escreveu ros seus dominios.

Neste pescar nas aguas turvas da lagarada, há dias em que o lanço da rede vem a abarrotar. Ai val algo do que saiu na cambulhada dum dia só. Ponho de lado o *ser* e o *tendo*, solta-os numa escorrenca fétida a que não sel como ha narizes que resistam. Conselme apontar o canhão e o daninho deste *ser—são—foi—sendo—tr ser—ter sido*, desta *gerundiada* de tineta, deste *tendo sido*, desta *tendorreia* instantavel, a sujarem e a corroerem o génio da lingua — delicto o mais grave de lesa-idioma, lesa-locução e lesa-sentido. Tudo isso continua a ostentar-se com o maior desgarrar. Era de esperar: como havia de importar-se com tais clamores quem propositadamente não cura de saber que a pena tem deveres technicos a cumprir?

— Contam os arames a abertura solene da famosa

O MOMENTO POLITICO

A coleção das insignias nacional-sindicalistas, alemãs

- 1—Membros do partido.
- 2—Funcionarios do partido.
- 3—Membro das tropas de assalto.
- 4.º Membro dos escalões de protecção.
- 5—Membros femininos do partido.
- 6.º Formações de novos



- 8—Federação das raparigas alemãs.
- 9—Vítimas da guerra nacional-sindicalista.
- 10—Estudantes nazis.
- 11—Membros das celulas operarias.
- 12—Formações motorizadas.
- 13—Aviadores nazis.
- 14—Capacetes de aço.
- 15—Novos de capacetes de aço.
- 16 e 17 e 18 simpatizantes.

conferencia mundial das 66; na sala, os milhares de delegados dos dois hemisférios «todos vestem a jaqueta negra da etiqueta inglesa». Está-a a ver: onde se lia *jaquette noire*, pós-se, sem mais, «jaqueta negra» — erro grosseiro no substantivo e defeito no adjectivo. Além de «negro», o português tem «preto», e os dois nem sempre se empregam indiferentemente; diz-se «roupa preta», «gravata preta», «vestir de preto», etc. Jaqueta é, entre nós, a vestia popular, usada do Minho ao Guadiana; não tem abas. É traje da gente do comum — e daí o dito pejorativo de «homem de jaqueta». Que preparo o do rei-imperador Jorge V, a tronear de jaqueta nos ombros?! «Jackets» (ing.), «jaquette» (franc.) quer dizer em vulgar corrente — «fraque» — termo de procedência estranha, mas de raiz desconhecido. Entre nós parece já usado no século 18. Os francezes ainda no tempo do Império chamavam fraque ao que hoje designam por «jaquette». Tudo isto é sabido e corriqueiro.

Quem sabe se os alfalates das elegancias já trocaram também o antigo fraque pela jaqueta da aldeia, «Vestons», em vez de «jaquetão», já por aí ciruela. Também ouviríamos «redingote», em vez de «sobrecasaca», levita ou labita», se a moda a não fosse abolido. Era da praxe em tempo para as pessoas graudas da capital; não havia ministro ou director geral que a despegasse das costas. Ainda em Paris a trazem as personalidades politicas e outras. Por sinal que ocorreu em Londres com o fraque. Não me espantará que daqui amanhã também a casaca seja «habit» («habit») e dos encasacados se façam frades. Este mudar de nomes á indumentaria leva as lojas de modas a venderem *culottes* ás madamas. Temos «calças, calcinhas e calçotas», mas isso é para brancos; temos até «calções» — correspondente exacto das «culottes», em tempo privilegio do sexo macho, agora vitoria do feminismo nas roupas de baixo.

— O rei enjaquetado «deu então *inicio* ao discurso». Inicio e iniciar tornaram-se palavras bombasticas de

estribilho — especie de monolalia obsessa e fixa, a tal ponto que deu cabo de «começo e principio, começar e principiar, dar começo e dar principio»; quanto ao excelente «encetar», desconhecido. Dou um doce a quem encontrar ainda «começo e principio» na letra de fôrma. É um caso cômico de preciosismo, porque o bundo tem inclinação para a garridice e despreza, como as «Preciosas Rídiculas», do Mollere, as locuções mais habituais e genuinas; desta sua propensão oratoria havemos de trazer bastos exemplos.

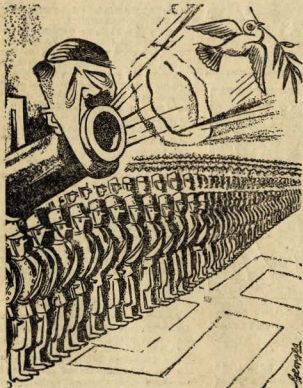
Toda a gente está a «iniciar» — o orador o discurso, o comensal o brinde, o academico a comunicação, o governante as providencias, o engenheiro a obra, o juiz a audiencia, o presidente a sessão, o desportista o futebol, o picador a toirada, o festeiro o foguetorio, etc., etc. Ninguém começa e nada se principia. Estou a ver que o próprio sacerdote, ao ler no final da missa o Evangelho, em vez de — «In principio erat verbum» — emendará para «In initio erat verbum». E' ou não o bundo um cancro destruidor da lingua?

O verbo «iniciar» tem significados peculiares que pautam a propriedade do seu emprego. Iniciavam-se em tempos os neofitos nos mistérios das religiões e iniciam-se hoje nos ritos da maçonaria; inicia-se quem entra nos segredos do Estado ou de negociações reservadas; inicia-se quem bebe os primeiros conhecimentos, principios ou noções de ciencia ou de tecnica — uma *iniciação*. Iniciação na teologia, na mathematica, na filosofia, etc. Iniciar applica-se também áquele que primeiro descobriu, empreendeu, propôs, executou qualquer coisa ou dela primeiro teve ideia e procurou propagá-la ou realizá-la; cabe-lhe a primazia da *iniciativa* que teve ou tomou.

Não vale a pena estar a exemplificar estas e outras accepções proximas. Pedirei tão somente caridade para os enjeltados — começar, principiar, etc. — e outro jeltito para o emprego de «iniciar» e de «início». Será muito pedir para nada obter? Nada faz mais calo do que o erro. E' de notar que nestes desrezamentos a culpa não vem propriamente do francez, que tem «iniciar» mas não «inicio», e não se serve de tal verbo senão a preceito. Aqui a macula pinga directamente da pena dos escreventes por seu bel-prazer. Recomecem a dizer «começar» como toda a gente.

— Outra mania, e essa também de invenção interna. Não ha hoje, entre tantos bordões, nenhum mais berante e arrelfante do que *fracasso* e *fracassar* — buzinnados a toda a hora fora de propósito. Um fracassamento que dos prelos abala o orbe, do chão aos ceus; se os Titans bradassem com tanto fragor contra o Jupiter Tonante, não haveria ralo que os partisse. Não ha nada que não esteja fracassado ou para fracassar — pensamentos, palavras ou obras. Fracassa a famosa conferencia terraquea de Londres, mais agora que nunca terra de gaitas — fracassa o plano quinquelha da fouchinha e do martelo — fracassam as especies metalicas do oiro e da prata, fracassa o papelorio do dinheiro dirigido, fracassam as materias primas e secundas — fracassa a cruz gamada na Austria e a cruz catolica na Alemanha — fracassa o judeu, que os nazis põem abaixo de pão e laranja — fracassa a freguesia dos Alhos na sua freima de passar para o concelho do Alfoze — fracassa o Calcinhas ao tentar gatunar um armazem de bacalhau — fracassa a mosca na telma de furar a vidraça com a cabeça... Felizes os nossos avós que não tiveram o touthico martelado por tal zum-zum — piar agourento, prenuncia do fracasso geral do dia de juizo ou da vinda do Ante-Cristo, se este for capaz de arribar, sem fracassar, á terra do fracasso. Também nos chega o fracasso ao punho nesta arremetida contra tanta fracassice.

Mas porque seria, ousou preguntar, que o linotipo se fincou neste termo e não sabe conapôr outra coisa? «Malograr, gorar, frustrar, baldar, falhar, falir, abortar, quebrantar, ir-se abaixo, não ir ávante, não vingar, não ter exito», etc. — para onde atrim esta fatura? Para o cesto dos papeis velhos, e ficaremos a ler e a ouvir perpetuamente com a tenacidade docen-



A carranca da Paz
(The Nation, New-York).

tia de certos desarranjos alalicos—fracasso! fracasso! Até parece o cacarejar das pintadas.

Fracasso é vocabulo existente, mas sem a amplitude abusivamente dada; corresponde ao italiano «fracasso» de que os franceses fizeram «fracas». Tem por significado o barulho que uma coisa faz ao quebrar-se de repente; este quebrar subito com estrondo é o «fraccassare» e o «fraccasser». Palavras pois de sentido objectivo determinado. Por analogia as applicam tambem aos ruidos do mundo e ás explosões de cólera, assim como ao estrondo da nomeada e á voga estrepitosa—acepção por sinal oposta á dos nossos fracassistas. Em português autorizado, «fracasso» e «fraccassar» são vocabulos de uso muitissimo raro, com serventia identica á dos seus parelhos das outras linguas, onde tambem se empregam discretamente. O fracasso duma derrocada, o estrondo duma queda. Vulgarmente, e sómente á gente do povo, ouvi chamar fracasso a qualquer desastre ou golpe pessoalmente sofrido—perda, desgraça, desacerto, doença. Eis ao que se reduz a palavra, agora a estoirar impropriamente e desabaladamente, em descargas ridiculas e aborrecidas.

—Passemos a casos forenses, se dão licença. Dizem os fios que os acusados de tentarem assassinar aquele rei ignoto da Albania foram julgados e «as condemnações lavradas por contumacia». Qual contumacia? —a dos juizes a condemnarem os réus por teima que não por justiça? Nada disso—talvez que o leitor desprezado não reparsse que está all o mascavo duma tradução literal do francês: «être condamné par contumace». Assim se diz em Franca quando o réu se recusa a comparecer em juizo ou foge á acção da justiça, dando ás de Vila Diogo para parte incerta —chamam-lhe então «contumax» e «prevenu défiant». O julgamento e a condemnação fazem-se «à revelia»—tal a designação consagrada nos nossos

tribunais. Contumaz e contumacia—não têm circunlação.

Na sentença publicada, que se diz proferida na causa das burlas de Pombal, lê-se este trecho: «a condemnação dos réus nas *incriminações* que foram feitas... (que foram) é superfluo». *Incriminação* não é sinónimo de accusação ou de culpa, exprime exactamente o inverso; antonimo, sim, tal como a cepa latina «incriminatio»—justificação, inocencia. Possuimos «criminação, criminar, criminado, criminoso, criminal», bons e excellentes; antepôr-lhes o prefixo *in* não passaria de inutilidade, a querer-se-lhe conservar esse sentido e torna-se um contra-senso, pois que lhes empresta sentido negativo. Deixem-se esses vocabulos para os franceses—entre nós não têm cabimento. Os nossos creveres tendem a largar «reus», certamente porque não existe no francês, e a substituí-lo por «inculpados». Outro contra-senso crasso. *Inculpado* quer dizer justamente o contrario—o não culpado nem criminado, o inocente. «Culpar, culpado, culposo, culpavel», esses sim, são vocabulos autenticos e correntes. Chegam e estão certos.

—A terminologia geografica tratelam-na dia a dia ferrenhamente. Atém-se á grafia franceza, e pronto. Fala-se do arremesso heroico do leonoclasta que pela segunda vez deita abaixo a balastrada da biblioteca de «Louvain»; emende-se, é Lovaina. Gaba-se a mestria duma orquestra de ciganos—e entornam-na em «tzigana». Aquelle *d* antes de *j* e de *ch*, e aquelle *t* antes de *z* e de *ch*, acrescentos peculiares aos franceses, passam tal e quem sem atenção nem criterio. Veja-se essa Manchuria, trasladada uniformemente por «Mandchuria». Por causa do feriado camoniano, houve referencia ao naufragio na costa de «Cambodja»: Camboja é que é. E todos os dias sangra o português com tanta cutilada.

RICARDO JORGE

Academia das Ciencias de Lisboa

Último mês de trabalhos academicos, mês de ferias, todavia brilhante.

Na classe de ciencias realizaram-se as seguintes communicações:

Pelo sr. Ernest Fleury: «Sur le carbonifère du Nord, à propos de sa faune continentale et spécialement des insectes».

Pelo sr. dr. Mendes Correia sobre: «Nouveaux éléments pour la chronologie des cancheiros de Muge».

Pelo sr. dr. Bettehoourt Ferrelle: «Acerca do emprego dos corantes vitais dos protozoários».

Pelo sr. dr. Fernando Frade, apresentada pelo sr. dr. Pereira Forjaz sobre: «O Atlas e o Axis dos elefantes africanos».

Pelo sr. dr. Pereira Forjaz: a) «Análise espectroquímica da Agua de Luçô»; b) «Subsídios para o estudo do tabaco»; c) «Mecânica química oscilatoria».

Pelo sr. dr. Hugo Mastbaum: «Sobre a determinação da gordura em substancias alimenticias e forragens».

Pelo sr. professor Herculanio de Carvalho (apresentada pelo secretario): a) «Método conductimétrico de dosagem do fluor»; b) «Sobre a acção projectiva dos sais de quinino na precipitação do cloreto de prata». Pela sr. D. Branca Edméa Marques (apresentada pelo secretario): «Sobre a precipitação fraccionada do cloreto de bario radifero».

A classe de Letras viu com manifesto regozijo a estreia academica do sr. dr. Joaquim Manso que produziu

uma oração sobre *Humanismo* digna da tribuna academica.

O sr. dr. Alfredo da Cunha falou de Brito Aranha e Inocencio, do *Dicionario Bibliográfico*, fazendo um brilhante



—Se me derem uma esmolinha rezo por que vão ambos para o ceu quando morrerem.

—Reze por que vá eu, só que ainda arranha alguma coisa.

Do Primeiro de Janeiro

e documentado estudo comprovativo dos dois academicos.

Eis a summa desse trabalho: Não tratarei tambem do memorialista, nem do biografo, nem do novelista, nem do pedagogico, pois desejo só falar do academico, e, sob este aspecto, referir-me um pouco mais detidamente, á sua obra capital—a continuacao do *Dicionario Bibliográfico*—verdadeiro titulo de admissao de Brito Aranha nesta Academia, e, como tal principalmente invocado por Lopes de Mendonça, Cristovão Aires e Vicente de Almeida de Eça, na sessão desta classe, de 3 de novembro de 1914, em que se commemorou o passamento do insigne bibliografo.

Foram efectivamente os primeiros volumes dessa obra que lhe abriram as portas deste gremio. E abriram-lhas sem favor, tendo Manuel Pinheiro Chagas redigido o respectivo parecer que, por marcar o inicio das relações do recipiendario com o nosso Instituto, julggo a proposito aqui reproduzir na integra:

«Senhores—Uma das obras que a Academia mais vivamente auxilhou, recomendando-a aos poderes publicos, e dando a seu autor todas as provas de consideração, foi decerto o magnifico *Dicionario Bibliográfico Português* emprehido pelo nosso saudoso enciclopedista o sr. Inocencio Francisco da Silva.

«Ficou interrompida essa obra desde a morte de Inocencio, interrompida

porque carecia de um largo suplemento que o autor só pôde levar até ao 2.º volume. Felizmente um discípulo daquelle notável bibliógrafo, homem intelligente, consciencioso e estudiosissimo, trabalhador sr. Pedro Wenceslau de Brito Aranha, tomou a si a obra interrompida, com tão boa vontade, que já publicou quatro volumes do Suplemento.

«A rapidez do trabalho não tem prejudicado a sua perfeição.

Armado com largos estudos preliminares, possuidor dos innumerables apontamentos que Innocencio deixou, infatigável nas suas pesquisas o sr. Brito Aranha não só conseguiu manter o *Dicionario* em altura, mas ainda talvez levantar-lhe o nível.

A parte biographica dos novos artigos é muito mais desenvolvida a descrição dos livros é feita com mais cuidado nos artigos já descritos por Innocencio fazem-se largas correções e ampliações, e tudo presagia que, ao contrario do que succede quasi sempre, Innocencio encontrou no sr. Brito Aranha um continuador que o honra, e não diremos que o vence, porque a Innocencio ha-de caber sempre a gloria da iniciativa e do lançamento dos alicerces de tão vasta e importante obra.

«Deseja o sr. Brito Aranha ser socio correspondente desta Academia e, em vista das razões expostas, não pode haver a minima duvida em aceitarlo com jubilo. Iria mesmo a Academia ao encontro dos seus desejos, se o sr. Brito Aranha dando a esta corporação uma prova de consideração que ella merece, não viesse bater á nossa porta a pedir a admissoão. Honra-se a Academia concedendo-lha e dando-lhe assim não tanto uma remuneração como um testemunho do seu reconhecimento pelo valioso serviço que elle veio prestar á litteratura portugueza. Completando a obra pela qual tão sincero e patriótico empenho mostrou sempre a Academia.

«Sala das sessões, 8 de abril de 1886 — Manuel Pinheiro Chagas.

Passados dois mezes Brito Aranha dedicava á nossa agremiação sem testemunho da mais elevada consideração por seus serviços ás sciencias e ás letras, o volume XIV do *Dicionario*, em 6 de março de 1887 era-lhe assinado o diploma de socio correspondente. E é de notar que o volume, cuja oferta ou dedicatória equivalia, por assim dizer, ao anticipado e generosissimo pagamento dos direitos de mercê pela honraria ambicionada, é o primeiro desse trabalho colossal sobre Luiz de Camões, a que já alludi, e que, de per si só consagraría um notabilissimo bibliógrafo. E' o livro de que Theófilo Braga, um dos principais promotores da glorificação nacional do nosso épico em 1880, disse ficar sendo «um digno monumento da maior gloria portugueza, ficar representando o verdadeiro effluro do centenário.

Assim Brito Aranha desmentia o vaticinio, agorardo pouco depois da morte do seu predecessor, pelo periodico londrino—*Athenum*—de que «para obra do vulto do *Dicionario Bibliographico* seria uma loucura imaginar que

em Portugal appareça tão cedo outro Innocencio da Silva.»

Pois appareceu, não se limitando Brito Aranha a salvar do esquecimento os estudos e trabalhos do mestre mas intentando e realizando obra sua propria e mais vasta, e juntando aos 9 volumes de Innocencio nada menos de 13 de sua autoria pessoal.

A vocação bibliographica havia-se-lhe revelado notavelmente em vida do seu antecessor, de quem fora cooperador voluntario e tão prestadio que lhe mereceu publico testemunho de «agradecido reconhecimento, não só pelos artigos de officio recommendação que a respeito dele tem por vezes publicado, mas pela espontaneidade e diligencia com que em diversas occasões se empenhou em solicitar subsidios e esclarecimentos necessarios para completar algumas especies al contendas, São as suas textuais expressões.

Um largo tirocinio com Innocencio habilitara Brito Aranha a proseguir com exito a obra interrompida. «Durante a vida do ígredo bibliógrafo escreveu na advertencia do primeiro tomo do *Dicionario* a que ligou o seu nome) repetidas vezes estudando com elle, e não poucas lhe forneceram apontamentos e livros procurados com o intuito de o auxiliar em seus trabalhos: e habituado á sua maneira de investigar e colleccionar, chegara, pelo assim dizer, ao lado ou na penha dele, a formar colleções systemáticas de obras e papéis varios, que são dos mais importantes e indispensaveis subsidios para a bibliographia.

«Deste modo, trocavam livros e folhetos, e elle o meu prestante e leal amigo no seu amor incontestavel e profundissimo ás letras nacionaes, mais por affecto, que pelo minguado lucro que poderia ter com a minha sincera dedicacão, alegrava-se em me ver tão propenso aos livros. Persuadido-me que dal se aumentou a sua amizade para comigo, dal nasceu a minha predilecção pelos estudos bibliographicos, e o estreitamento de nossas relações litterarias».

Brito Aranha não só continuou o trabalho de Innocencio, nas bases essenciaes

que este estabelecera, mas tambem lhe introduziu modificacões que o valorizaram. Cita elle mesmo como exemplos na introducção do tomo a que ha pouco me referi, a reproducção das portadas de livros considerades raros e «cujo exame seria difficil e ás vezes impossivel para muitos bibliofilos amadores, ficando assim testemunhada pela sua imagem ou *fac-simile*, a sua existencia.» E com isto aproveitaram os que «seguem com interesse as circumstancias em que se introduziu, desenvolveu e prosperou, e introduziu, a imprensa em Portugal.»

Trinta annos agrihoado á tarefa que se impôs, não descansou um só dia, nesse empenho de auxiliar os estudiosos, poupando-lhe tempo para obras de utilidade geral, empenho em que «chaveria colleccionadores mais felizes, mas mais coraçosos não!»

E desse modo effectuou aquelle desgnio que John Ferguson assinalou á todo o bibliógrafo—«preparar o terreno ao historiador, ao escritor, ao professor», salvando do esquecimento tantos autores, e fazendo o que chamou a «bibliographia dos livros.»

Mas, para se realizar o seu intento—confessava Brito Aranha—que «enfadonhos e inglorios trabalhos de que só pode fazer ideia perfeita, quem anda nestas salas para bibliotecas e arquivos publicos e particulares, quantas vezes senti resultados satisfactorios!»

Enfadonhos trabalhos lhe chamou elle mas que se lhe tornaram em delectoso enlevo, em paixão exclusiva e absorvente, não apenas em entretenimento de amador ou em occupação lucrativa, porque nunca o foi em correspondencia com os esforços dispendiosos.

O mesmo succedea a Innocencio, que, ao iniciar o seu *Dicionario*, escrevia de si proprio:

«A bibliographia converteu-se para mim numa paixão predominante, num estimulo inextinguivel, como é para todos os que a ella se entregam e que são capazes de apreciar quanto custa e o que vale um estudo, arido em demasía e ingrato na apparencia que offerece aos seus cultores e aos espiritos avidos de instrucção uma especie de encanto irresistivel e gozos que bem compensam as fadigas e sacrificios que exige.»

Innocencio e Brito Aranha pertenceram á prestantissima classe desses cabouqueiros litterarios, desses mineiros de arquivos de que tivemos aqui meoço nesta casa, e a nosso lado, para só falar dos que já não existem, inextinguiveis modelos em Gabriel Pereira, em Pedro de Arzedo, e acima de todos, no omniafiro (perdoe-se-me o neologismo) Sousa Viterbo, que estendeu as suas investigações aos mais variados ramos de letras das sciencias, das artes, e das industrias, e «que eu tive a honra de contar entre os meus colaboradores e amigos mais queridos.

A' semelhança do que succede nos campos de cultura agricola, tambem nos de cultura intellectual a par das formigas pacificas rebuscadoras e amealhadoras obscuras dos seus mantimentos, se estabelem as cigarras ruidosas e cantadeiras de vista posta nas praiças que aquelles ajuntam com incessante labor. Mas, no invés do que succede na conhecida



A verdadeira base do pacto dos quatro.

Mucha, Varsovia

bula, em que a cigarra, querendo socorrer-se dos recursos da forma foi por esta despididamente despedida, nada mais lhe dando que o conselho de que bailasse, já que tanto havia cantado, são muitas vezes os rebucadores e amehadores dos materiais de estudo os que discreta e silenciosamente revolvem livrarias, compulsam incunábulo e deletreiam manuscritos, que reúnem e fornecem os essenciais elementos com que outros tentam aos nossos olhos ou aos nossos ouvidos os primeiros da sua escrita ou da sua oratória. São aqueles que frequentemente faltam os alcecos sobre que levantam as aparatosas construções do seus engenhos.

Nas Academias geralmente, não são os primeiros, a quem a multa luz ofusca a vista, só habituada a fixar-se de perto nos objectos da sua leitura ou das suas decifrações paleográficas, as figuras espectaculosas e ornamentais cujo prototipo é o aristocrático fundador desta

noosa; como não são também os que profundam com uma visão critica e uma faculdade evocadora que constituem o sexto sentido dum Herculano ou dum Gama Barros, os arcanos a historia, fazendo agitar e reviver o passado nem são igualmente os escritores de ficção, os que usam destimbradamente da palavra falada ou escrita—os oradores os poetas, os romancistas.

Obreiros menos em evidencia, com menos faculdades de imaginação do que de pesquisa, que se retraem sobre si proprios, ensimesmando-se num recolhimento que por vezes, os furta ao convívio e conhecimento do vulgo, não se tornam todavia menos prestados e, lidando na sombra, é dela—por paradoxo que isto pareça—que fazem irradiar a luz com que outros, de fantasia mais viva, ou de mais aguda penetração illumina e enchem de fulgor as suas obras.

Da mesma estirpe intellectual de Bar-

bosa Machado—seu avô literario—e dos seus contemporaneos Fignieri, Silvestre Ribeiro, Freire de Carvalho Costa e Silva, foi a esta familia de benemeritos e desambiciosos trabalhadores que pertenceu e deu lustre e honra Brito Aranha, erguendo a maior altura esse *Partheon das Letras*, como he chamou Tomaz Ribeiro de que foi primeiro e arrojado architecto Innocencio Francisco da Silva.

Na sessão plenaria extraordinaria de 30 de julho o eminente professor José Leite de Vasconcelos fez ainda uma communicação valiosissima sobre *Botanica Filologica*.

E a referida sessão, a ultima deste periodo academico encerrou-se com um discurso do embaixador do Brasil dr. José Bonifacio de Andrade e Silva que foi á Academia agradecer as *Palmas Academicas* de 1.ª classe, palmas doiro, que lhe conferira.

Discurso do dr. José Bonifacio de Andrade e Silva

Deveras sensibilizado com as palavras a meu respeito sempre tão generosas do illustre Presidente, Dr. Julio Dantas, apresento-lhe os meus sinceros agradecimentos e á douta Academia pela honra sublimada que me conferiu com as Palmas de ouro de 1.ª classe.

Ainda, Senhores, expressei os meus cordiais agradecimentos pela nova honra que agora me enaltece, a de ocupar neste momento, por designação do sr. Presidente a cadeira em que ha perto de 120 annos se sentára o meu antepassado José Bonifacio, Secretario Geral da Academia desde 1812 a 1819.

Tais honras, que me produzem profunda emoção, ficam registadas de modo a serem sempre recordadas em meu lar com o carinho que se tem por cousas sagradas.

Em homenagem á Academia das Sciencias dar-lhe-ei noticia, em ligeira síntese historica, da acção de sua irmã mais nova que, além Atlantico, pela pelos primeiros da lingua portugueza e pelas tradições da raça forte e intrépida que é a raça lusitana, origem da brasileira.

A Academia Brasileira de Letras foi fundada em 1896. Idéna por Lucho de Mendonça, modelada pela Academia Francesa de acórdio com a opinião de Joaquim Nabuco, em seu discurso inaugural, compõe-se de 40 imortals.

Machado de Assis, um dos seus fundadores e seu primeiro presidente, tem lugar de honra no quadro da literatura nacional. E bem o exemplo do que valem o talento e o trabalho. Proviendo de um lar humilde, cresceu rodeado de pobreza, em meio de difficuldades que desalentavam.

Aprendiz numa tipographia, e, mais tarde typografo, tirava dai os poucos recursos para a subsistencia, mas logo se recommendou á protecção dos superiores e chefes por sua vivacidade e intelligencia.

Procurou instruir-se e, com inspiração poetica, estreou com as suas «Crysalidas» e, mais tarde, publicou «Phalenas». Impregnadas de lirismo, suas poesias dão o valor de seu estro e fazem, com as americanas e as occiden-

tais, um nome consagrado nesse ramo literario.

Procedor, por ventura maior do que poeta, Machado de Assis publicou:—«Os contos fluminenses, Historia da minha vida, Ressurreição, A mão e a luva, Helena, Yayá Garcia, Braz Cubas, Quincas Borba, Don Casmurro, Esau e Jacob, Memorial de Ayres, além de muitas novelas. Foi escritor que se manteve na lige, infatigavel e assiduo, sem olvidar os deveres do seu alto cargo, em cujo desempenho se impôs ao apreço dos Ministros e ao respeito dos seus colaboradores.

Um critico de autoridade, estudando o romance naturalista no Brasil, considera Machado de Assis, o psicologo, sobrelavando aos demais escritores pela profundza da intelligencia, pelo apuro da linguagem, pela sobriedade da forma, pela ironia subtil que o aproxima da linhagem dos Sterne e Swift na Inglaterra e dos Ronald de Carvalho e Anatole em França.

Da sua obra se desprende um sentimento de constante preocupação pela beleza ou pela miseria terrenas e uma rara comprehensão da triste inutilidade a que as contingencias cotidianas reduzem o coração e o espirito do homem. Em seus romances, o *documento humano* não obedece a um plano preconcebido, a um postulado primordial, a um lei qualquer scientifica ou literaria. Reflecte-se neles um espirito investigador que a todo o instante se observa e si mesmo através os outros, e vai corrigindo, com o sorriso e a lagrima, a imagem que a vida lhe põe diante dos olhos.

Machado de Assis, é, sem favor, sob variados aspectos, o mais significativo dos escritores de ficção da lingua portugueza e, especialmente entre os brasileiros, ficará como exemplo de descrição, graça de estilo e da finura e da percepção.

Foi esse, Senhores, o poeta e escritor com no periodo mais difficil, o da organização da Academia Brasileira de Letras, soube fixar os solidos alcecos que lhe iam assegurar nos annos seguintes, prestigio e brilho.

Ela é, por esforço dele, continuado pelos presidentes que o tomaram por modelo, o centro intellectual que, pela animação, pelos premios, por sua acção constante, concorre para que a brilhante mocidade de minha Patria mantenha viva e intensa a fiamma luminosa que no dominio das letras recebe da geração anterior.

Nas palavras de agradecimento por sua eleição, Machado de Assis se extenuou. Não é preciso definir esta Instituição. Ideada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova e, naturalmente, ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação politica, a unidade literaria. Tal obra exige, não só a comprehensão publicos, mas ainda e principalmente a vossa constancia. Á Academia Francesa, pela qual se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta, ás escolas literarias e ás transformações civis. A vossa ha-de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o baptismo



—Pelo amor de Deus, Heinz, meu marido pode entrar si de um momento para o outro.

—Não tenhas medo querida. Acabo de o mandar Der Goetz von Berlichingen, prender!

Viena

das suas cadeiras, com os nomes preclaros e saudados da ficção, do lirismo, da critica e da eloquencia nacionais, é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ela perdure. Passai aos vossos successos e pensamento e a vontade inicial para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as solidas e brilhantes paginas da nossa vida brasileira.

E a Academia, Senhores, tem sido constante, persevera no seu esforço; por isso venceu as difficuldades dos primeiros tempos. Tem uma carreira de triumphos, devidos não só ao trabalho e a devoção dos que nela se congregaram e por sua eficiencia se empenham, como ainda pela herança recebida do grande livreiro, português de nascimento, Francisco Alves, que mantendo no Rio de Janeiro, por longo tempo, uma vida de opesidade activa e digna, pôde acumular consideravel fortuna.

Deixou tudo o que possuía á Academia de Letras, dando-lhe a obrigação de fazer de cinco em cinco anos dois concursos sobre o melhor modo de divulgar o ensino primario no Brasil; outro sobre a lingua portugueza, dando de premio ás monografias que obtiveram os primeiros lugares dez contos de réis a cada uma; ás que obtiverem o segundo, cinco contos; e ás que obtiverem o terceiro, três contos.

A Academia, na posse da avultada herança, val sabendo honrar o nome do doador. Homenageando a sua benemerita memoria, tem distribuido os premios Francisco Alves a inumeros autores de obras sobre a lingua portugueza e sobre a disseminação do ensino primario.

Ainda outros premios tem instituido. Ha os da propria Academia Brasileira para a poesia, o romance, os contos e fantasias, o teatro e a erudição. Ha os premios Ramos da Paz para as melhores obras originaes e ineditas de autores brasileiros ou portuguezes.

Tem-se a Academia dedicado ao dictionario bibliografico brasileiro, ao dictionario de brasileirismos e ao da lingua portugueza. São trabalhos de alto valor a que dedica o maior carinho.

Na presidencia Afranio Peixoto, resolveu a publicação de diversas obras — Classicos nacionais — sobre litteratura e historia. E foram publicados, de litteratura — primeiras letras — (Contos de Anchieta, Dialogo de João de Lery, Trovas selvagens) Proserpina, de Bento Teixeira, Lyrica, de Gregorio de Matos.

De historia foram editados — Tratado da Terra do Brasil e historia da Provincia de Santa Cruz, de Pedro de Magalhães Gondavo; Tratado da Terra e Gente do Brasil, de Fernão Cardim.

E succedem-se outras e outras publicações atestando o empenho da Instituição por difundir o conhecimento das obras primas da lingua portugueza.

A Academia mantém as cadeiras de ensino da nossa litteratura em Lisboa, Paris e Londres.

Por todas as formas se empenha pelo cultivo da lingua portugueza, pela expansão litteraria, pelos estudos da grammatica, generalizando o conhecimento de tudo quando se relaciona com as letras.

Pode-se afirmar que ella tem justificado plenamente os seus fins sociais, litterarios e culturais. Incrementando emulações, animando os espiritos novos, despertando nos meios estrangeiros o gosto pela litteratura brasileira, providenciando sobre a publicação de obras classicas, promovendo por todo o país a fundação de gremios litterarios, mantendo a Revista, já com 40 volumes, a Academia Brasileira de Letras não só tem atraído a stenção geral, como se recommenda ao apreço de todos os homens publicos, que desapassionadamente estudem a sua acção.

Cabe aqui lembrar o serviço resultante do accordo ortografico celebrado em 1931 com a Academia de Ciencias. Tive a honra de representá-la no acto da assinatura por delegação do Ilustre Dr. Fernando de Magalhães, então seu presidente, e neste mesmo edificio, com o preclaro Dr. Julio Dantas, o glorioso Presidente que tanto prestigio dá ás letras portuguezas, foi dada solução a esse importante problema, do maior alcance para o nosso idioma.

E o accordo, que simplifica e dá uniformidade á ortografia, aprovado pelo governo, que dessa forma prestigiou a acção da Academia, tem tido forte apoio dos litteratos, dos governos estaduais e da imprensa.

Dentro de seis meses, após a assinatura desse accordo, proclamou o então presidente da Academia, apereceram na nova ortografia, além das obras dos academicos, mais de vinte livros, inclusivé trabalhos didacticos. Os governos dos Estados decretaram-na, excedendo de 150 os jornais que a adoptaram e empregaram-na voluntariamente mais de 80 0/0 das provas escritas dos exames secundarios, realizados em 1932.

Houve, pois, para as duas Academias um triumpho.

Ainda em Outubro passado, o dr. Laudellino Freire, oferecendo em nome do Ministro Melo Franco um exemplar dos seus discursos, assinou o facto de estar o livro escrito na ortografia academica, que á foi respeitada com escrupulosos exactidão, sendo talvez o trabalho em que, ao lado do «Goethes de João Ribeiro, se nota a mais rigorosa observancia dos preceitos graficos da reforma.

Senhores, tudo isso representa louvavel empenho pela lingua portugueza, em prol da qual devemos sem decanço trabalhar, deendendo sempre a vernalidade.

Houre-se a memoria dos velhos clas-

sicos que, orgulhosos da origem e vitalidade do idioma, á sua pureza se consagraram como se fóra uma religião.

A Academia Brasileira de Letras está, como a vossa, resoluta nesse altissimo programs.

Louvores lhe sejam dados. Dels fazem parte homens eminentes da minha Patria. Por ella transitaram, dando-lhe fulgor, individualidades que marcaram uma época, os grandes espiritos de Bilac, Homem de Melo, Joaquim Nabuco, Araripe Junior, Silvio Romero, Ingles de Sousa, Carlos de Laet, Ruy Barbosa, Rio-Branco, Graça Aranha, Oliveira Lima, Dom Silverio, Pedro Lessa.

Ful constante arauto dos seus serviços. Na fase de difficuldades, a fass sem tecto como se denomina, em seu favor pleiteei a primeira subvenção que o orçamento lhe destinou. Foi em sessão de 6 de Dezembro de 1909 da Camara dos Deputados.

Então eu o disse: Todos conhecem os serviços prestados pela Academia Brasileira de Letras, o papel importante que desempenha, representando a cultura nacional, dando ao estrangeiro que nos visita a impressão synthetica do nosso progresso, no que elle tem de mais belo e fecundo, e é o mais caracteristico e duradouro nivel da cultura brasileira, a litteratura.

Lembro o concurso valioso que á Academia tem prestado ao governo, como ainda se deu quando aqui se reuniu o Congresso Pan-Americano, e no acolhimento dispensado a hospedes illustres, entre outros Guglielmo Ferrero e Anatole France.

Em França, a Academia Francesa é mantida pelo Estado, não é muito que a Academia Brasileira obtenha o auxilio que pleiteio.

E o meu alvitre foi aprovado. Eu d recordo, Senhores, apenas para deixar constatado que não é de hoje o meu aplauso á prestigiosa associação. Aplauso desinteressado, sem outro intuito que não seja o de culto á justiça. Ao seu gremio, embora honrosissimo, não aspiro occorrer.

A Academia Brasileira é bem o exponente da cultura litteraria no Brasil. Por força de sua função primordial é guarda e defensora da pureza da nossa lingua, da sua belleza sem par, da opulencia dos seus vocabulos, expressivos como em nenhuma outra se encontram,

Flôrça, fale, cante, ouça e viva,
A portugueza lingua, e já onde fór,
Sempre vá de si, soberba e activa.

deve ser o lema benedito da geração actual, que, recebendo o das passadas, tem a obrigação sagrada de transmitti-lo ás futuras, quiçá mais enriquecido e belo.

Senhores, eu vos agradeço a atenção com que me ouvistes e peço me deis a honra de permitir que fique consignada na acta dos trabalhos de hoje, a minha sincera veneração á Academia das Ciencias de Lisboa, que, na sua gloriosa vida de 154 anos, engrinaldada de otro, tem o seu nome, por varios recantos da terra, saudado em apoteoses de benções por seu fecundo labor.

Confesso-vos que me sinto verdadeiramente orgulhoso de haver verpaidamente o nome de Lisboa, por onde pas-



M. Hugenberg perde o seu emprego.
Cyrulik Warszawski. Varsovia

saram escritores e poetas de reputação universal, publicistas e oradores de intenso brilho, sábios de glorias imarcescíveis, e onde doutrinam e imperam, por seus talentos, sua intelligencia, e seu saber, grandes figuras deste país, o qual, se tem pequena extensão no continente, é vasto e prestigioso por sua influencia intellectual e sua acção civilizadora.

A essas grandes figuras, excelsas e nobres, que outras não são senão vós

mesmos, senhores Academicos, num aplauso fervente e entusiastico ao vosso constante labutar em que, ao serviço de Portugal, é fortalecido o brilho das letras e das ciencias, eu direi num brado que vem do fundo da minha alma:

Honral sempre, como até aqui, por vossos actos, a memoria dos benemeritos desta Casa. Segui incessantemente, como o tendes feito, os seus exemplos admiráveis.

Deve estimular-vos o canto de Oeslan, o bardo escocês de poesias dolentes e tristes, mas expressivas: os homens se succedem como as ondas do oceano ou as folhas dos bosques, mas a gloria dos benemeritos não se apagará, antes ha de crescer, como o carvalho de Morven que opõe sua copa frondosa aos vãos assaltos da tempestade.

(Muitos applausos, sendo o orador muito cumprimentado pela Presidencia e pelos senhores academicos).

MAGIA DO SILENCIO

(Discurso na inauguração da Biblioteca Municipal de Alcantara).

SE eu devesse ao destino a graça de dessempulgar da duvida o incorpovado manuscrito da «Pratica ao Senado de Lisboa», attributed a um dos muitos letrados da gloriosa familia de Aviz—D. Felipa de Lencastre, a recolhida de Odivelas, illuminarista e princesa da poesia portugueza como a cognominou D. Carlota Michaelis—ainda me propriaria levantar a voz para oração de circumstantias.

Assim hei-me de ficar por breve e descansado aviso.

Como vedes esta biblioteca não se mede com a da «Torre de Alvarrá» cujas escrituras estiveram á guarda de Fernão Lopes nem com qualquer das livrarias privadas que, pela collina de Florença, sempre disputaram á voluptuosa elegancia dos palacios embocados em rosas e ciprestes a mística paisagem de primitivos. Paisagem tão suave e inspirativa que —dizia-me D. Caramelo, compositor e genial organista do mosteiro de Fiesole—transportada para musica lembra um acorde maior perfeito.

Só a de Oisehki, com o retrato autentico de Dante, numa tela de Mantegna, os seus centenares e incunábulo, a primeira edição da «Divina Comedia» com illustrações de Donatello, o exemplar membranaceo da Biblia, feito com a pele do ventre de ovelha antes de nascer, e os preciosos codices illuminados, e uma pagina da primeira Biblia de Gutemberg que ele encontrou presa á capa de coiro que formava um dos assentos do seu proprio *chairs-à-bancs!*

E a de «De Maribus», vizinha da de Hugo Oyetti, montada em ricas madeiras seculo XVIII que apenas revestem a severidade avara e incombustivel de uma casa forte! Sem pesar o rarissimo, talvez unico, foleto pitagorico pelo qual o museu Britanico o convida a pedir o que quizer, essa biblioteca privada tem 800 contos, de pronta realização, apenas nos três ESOPo: o de Brescia, o de Florença e o de Veneza.

Mas, para nos não desconsoiar, relembramos que esses tesouros bibliograficos são bibliotecas eruditas.

Esta que estamos inaugurando, com seu parco recheio de sete mil volumes, como biblioteca popular que é não traz por missão servir investigadores nem documentar cientistas, mas muito simplesmente criar gosto pela leitura. No grande quadro da cultura, as bibliotecas populares occupam a nobre posição de preparar leitores.

Mesmo modesta, representa uma prova admiravel da compenetração com que a Commissão Administrativa val cumprindo a sua acção municipalista. Os meus primeiros cumprimentos agradecidos devo-os a V. Ex.^a, Senhor Tenente-Coronel Linhares de Lima que para essa prescencia trouxe, com o seu primor de trato e presto acolhimento das iniciativas, a sua elegante firmeza de soldado e a sua alevantada noção de Patria que já lhe devia, como ministro da Agricultura, obra gloriosa, sem par na Historia de Portugal—o país bastar-se cereali-feramente a si proprio.

Com o placet de V. Ex.^a, deve-se a biblioteca Municipal de Alcantara ao Ex.^{mo} Sr. Alvaro Nunes Frade, vereador do Pelouro das Finanças, em quem o pesadelo orçamental não logrou mirrar o culto pelas coisas belas, o amor pela cultura, a devoção pelas realizações, o *entusiasmo* que, no dizer de Kant, é a mais sublime manifestação da razão.

Desde a descoberta do local á lei dos meios, tudo é obra da sua energia realizadora, da sua infatigavel tenacidade de animador que em dois mal contados meses fez transformar uma arcação inhóspita nesta ambiencia recatada e guarnecida.

Mas como os gasalhados da Descalças, que recebem de uns o terreno, de outros o trajevamento, destes o transporte, daqueles mão de obra, a quantos não sou devedor desta alegria por que suspirei três anos! Boa e perita vontade dos sr. Engenheiros e Chefes de Serviço, do grande ao pequeno functionalismo, a todos devo muito, e mais o espectáculo dessa solidariedade dos Serviços tão consolador e que há de fazer do quadro superior deste Municipio uma falange de convictos colaboradores.

Fora e alto as duas personalidades esta Biblioteca é devedora já que pelo enriquecimento e dignificação das bibliotecas Municipais têm velado: S. Ex.^{as} o ministro da Instrução, cessante, e o senhor dr. Julio Dantas.

A S. Ex.^a o ministro devem as bibliotecas Municipais a sua participação no «Deposito Legal», a representação na Junta Consultiva das Bibliotecas e o direito de opção nos leilões de especies respeitantes á historia ullisiponense, justamente condicionada ao direitof preferencial do Arquivo e Biblioteca Nacional de Lisboa.

A S. Ex.^a o senhor dr. Julio Dantas, além da sua concordancia, como Inspector das Bibliotecas e Arquivos, devemos-lhe a deferencia na partilha do espulso bibliografico das congregações, e a sua aquiescencia ao pedido de duplicados da Biblioteca Nacional de Lisboa, apenas atendido e que virá, sou certo, a efectivarse com vulto.

Para mais devemos-lhe ainda a sua presença hoje aqui, trazendo á inauguração duma pequena biblioteca popular o brilho da sua alta categoria de Inspector das Bibliotecas e Arquivos e de Presidente da Academia das Ciências, e o esplendor do seu nome glorioso e mundial, de primeiro escritor português do nosso tempo, grande entre os maiores das literaturas estranhas, completa organização de homem de letras que dolra com elegancia oitocentista o eruditismo de um mestre do seculo XVI.

Veja-se quão inter-dependente é a obra humana, por tanto valimento a que ficamos obrigados.

Eu é que não fiz ainda coisa alguma. Mas quero tambem dar-me ao rol dos colaboradores. Aqui virei, com descabidos intuitos de conferenciaista, fazer praticas que nortearão por este apagado objectivo: ensinar ao povo o que e como deve ler. E outros mais illustres me secundarão, que a função das bibliotecas populares dá suas parecerenças com a missão das igrejas paroquias, na formação dos caracteres, da, al-

ma, e a mais no encaminhamento da cultura e do gosto. Dotada e a biblioteca Central também com verba necessária para literatura nocturna—ainda acção do sr. Alvaro Frade!—a Biblioteca Municipal de Alcântara será, como templo, aberta de dia e de noite.

Seguir-se-lhe-á, e para muito breve, a Biblioteca Municipal do Poço do Bispo.

Para começar por esta duas razões houve: o ter aqui o Município um organismo industrial, colmeia de operários, e o ser o bairro de Alcântara o que é. Tem historia, tem tradição, tem beleza bucólica e marinha. Entre as suas sombras lhamadas do estuário pateado, ha nichos de santas, pousadinhos reais, celas de sabios. Aquil acabou D. Francisco Manuel de Melo, e começou Nun'Alvares a ensaiar Aljubarrota, correndo um bando de castelhanos dos que siliam Lisboa e haviam saltado dos batises para saquear pelo vale vinhas e pomares. Nessa mesma noite, faz agora anos em chegando agosto, a temeridade fa-lhe custando a vida, logo all adelante, em Santos onde lhe surdiram, á desforra, duzentots homens a que sosinho fez frente á lançada e a montante, até chegarem reforços.

A este trecho da urbe, com cicatrizes heroicas e velhos redutos do trabalho, bairro historico e bairro laborioso, que melhor presente a cidade de Lisboa podia trazer-lhe do que uma biblioteca?

O ritmo do trabalho tem oscilações misteriosas. Quer nos movimentos coordenados de uma actividade muscular quer na concatenação das ideias de um proletário mental, ao cabo de certo tempo de applicação projecta-se a sombra da fadiga, a principio

indecisa, depois mais densa, até se tornar sediciosamente invasora.

Para subjugar a fadiga, a psicotécnica emprega esta arma: a pausa. E a eficiencia atinge estes numeros maravilhosos: sete minutos de descanso em cada hora, a um metalurgico inglés, e a produção aumenta 13 0/0.

O metodo psicotécnico reconhece também o velho principio do combate á monotonia. O mecanico desvanece á nevoa psiquica lendo um jornal, o sedentario descansa passeando.

Por isso mesmo, á população operaria nada mais aconselhavel para a reconquista da alegria e da saude produtora do que um retiro espirital nas tranquillas naves que são as bibliotecas.

Como ritmo que é o trabalho exige pausas, e a pausa é o silencio.

Até os mortos precisam dele!

Ravena acaba de desafrontar o monumento á Dante repellido para longe a vizinhança profanadora. As sombras vigilantes da bisantina catedral agregou novas rondas de silencio, gradeando-a de jardins matizados pela flora dantesca, pelos quais se vêm marmores e mosaicos prosternados e repetirem em extase passos da «Divina».

Quando o povo português, por seu talento, houver erguido, em qualquer das sete colinas, um monumento a Camões, desentaipado de beirais, respeitado pelo rumpo terreno e all for dar as graças do Passado e jurar o Futuro, a magia do silencio das nossas bibliotecas terá cumprido o milagre: a alma colectiva continuar o Poema Nacional com estrofes que cantem a Patria nova.

JOAQUIM LEITAO

BIBLIOTECA POPULAR DE ALCANTARA

A sua inauguração

Um facto de relevo marcou este mês a acção do Municipio de Lisboa e da Comissão Administrativa que actualmente preside aos seus destinos — a inauguração da Biblioteca Municipal de Alcântara, no dia 28 de julho.

Sem barulhosos programas, a Comissão Administrativa da Camara Municipal de Lisboa, no seu proposito de se aproximar do povo, acaba de dar realidade a uma iniciativa das mais simpaticas e das que mais directamente visam as classes proletarias: uma Biblioteca popular e profissional.

Para que se aquilote do alto significado do facto bastará assinalar que é o Municipio de Lisboa o primeiro, em todo o país, que se resolve a fundar bibliotecas populares.

A do populoso bairro de Alcântara, está instalada num dos pavilhões dos proprios Armazens Gerais da Camara, proximo do portão central, prestando-se assim a ser utilizado não só pelos operarios, como pelo publico.

Às 18.30 horas precisas, Sua Ex.^a o sr. Presidente da Comissão Administrativa, tenente-coronel Henrique Linhares de Lima, passava revista á guarda de honra, prestada por uma companhia de Sapadores Bombeiros.

Em seguida, desocorreu a taboleta da Biblioteca, que estava coberta com a bandeira do Municipio, aparecendo um precioso azelejo, D. Maria I, cartão do illustre artista sr. Battistini (Fabrica Constancia). Dai, os convidados e elemento official deu entrada no salão da Biblioteca, que offerencia um grato aspecto de nave, convidando á leitura,

toda forrada por estantes corridas e enceradas, contendo para mais de 7 mil volumes. Longas mesas, cada uma das quais com elementos de Hemeroteca — jornais, illustrações, revistas scientificas, de engenharia e de industrias, e o todo decorado com falançãs portuguezas com avencas.

Formada a mesa, pelo sr. tenente-coronel Linhares de Lima, que assumiu a presidencia e dava a direita aos sr. dr. Julio Dantas, Inspector geral das Bibliotecas e Arquivos; ao sr. dr. Almeida Eusebio e vereador engenheiro Perez Durio e á esquerda aos srs. Joaquim Leitão, Alvaro Frade e capitão Gaspar de Oliveira, vereadores. O sr. Linhares de Lima deu a palavra, inicialmente, ao academico e inspector das Bibliotecas, Arquivos e Museus Municipais, sr. Joaquim Leitão, cujo discurso publicamos em destaque noutra pagina do nosso mensario.

O discurso do sr. dr. Julio Dantas

Foi depois concedida a palavra ao eminente academico sr. dr. Julio Dantas, que pronunciou o seguinte e brilhantissimo discurso:

«Agradeço a v. ex.^a sr. presidente, o ao illustre Inspector das Bibliotecas Municipais o convite com que me honraram e as palavras de extrema deferencia com que quiseram distinguir-me.

Quando se inaugurou a Biblioteca Municipal Central no Palacio Galvães, biblioteca de conservação, cuja função

principal é a de recolher e guardar tudo quanto respeita, quer, dum modo geral, á vida, actividade e progresso das urbes modernas, quer, duma maneira especial, á historia e á arqueologia omissipennse, fiz ca melhores votos para que a Camara Municipal de Lisboa, depois do dado aquele primeiro e indispensavel passo, se occupasse da organização duma rede, quanto possivel vasta, de bibliotecas populares com ou sem caracter profissional, fixas ou circulantes, acompanhadas ou não de hemerotecas, porquanto se fazia e se faz ainda sentir entre nós a falta dessa poderosos instrumentos de educação do povo, cuja criação depende de iniciativas que, não deixando de pertencer ao Estado, tradicionalmente incumbem ás autarquias.

«Pouco tempo se passou, e já hoje tenho a oportunidade de saudar a illustre Comissão Administrativa do Municipio pela organização e instalação da primeira biblioteca popular, levada a efeito em condições que honram o zelo e a competência dos tecnicos que nas respectivas operações intervieram, e, em especial, o superior e culto espirito do sr. Joaquim Leitão, Inspector das Bibliotecas Municipais, cuja actividade tenho acompanhado de perto e a cuja admiravel acção mais uma vez presto homenagem. Alcântara fica dotada duma biblioteca profissional com hemeroteca anexa, que, embora modesta—porque as mesmas possibilidades não se harmonizam com as proporções das «free libraries» e das «bucher hallen» do modulo americano e alemão—vão

prestar ao publico e, designadamente, ao operariado, relevantes serviços.

«Nenhuma solemnidade é tão grata ao meu espirito como a inauguração duma biblioteca popular. Não basta afirmar, como Sécilias, que a instrução é um direito do povo; é preciso dar ao povo os meios que lhe permitam o uso desse direito. Embora o acto que se está realizando se revista duma tocante simplicidade, a abertura destas portas constitui uma verdadeira festa de intelligencia e de civismo. A essa festa me asocio, como inspector geral das Bibliotecas e Arquivos, certo de que a obra do Municipio de Lisboa no sentido da diffusão do livro e da cultura, obra que hoje se inicia no dominio da leitura popular, terá a necessaria continuidade, de que são desde este momento penhor o zelo meritorio da Co-

mmissão Administrativa da Ilustre presidencia de v. ex.^a e da alta categoria intelectual do homem que o Municipio de Lisboa, numa hora feliz, collocou á frente das suas bibliotecas, do seu arquivo e do seu museu.»

O sr. dr. Julio Dantas foi vivamente aplaudido pela assistencia.

Palavras de presidente da commissão administrativa, sr. tenente-coronel Linhares de Lima

Por fim, o sr. presidente da Commissão Administrativa levantou-se para proferir algumas palavras de merecido elogio ao esforço e á intelligente orientação do sr. Joaquim Leitão no exercicio da alta missão de cultura que lhe está confiada e disse do valer educad-

tivo das bibliotecas populares, salientando que o Municipio procura demonstrar praticamente, através delas, o muito interesse que consagra á instrução do povo.

E depois de agradecer a presença do sr. dr. Julio Dantas, inspector geral das Bibliotecas e Arquivos, do seu antigo colega de Governo sr. dr. Almeida Eusebio, do sr. tenente-coronel Costa Velha, director da Bibliotheca Nacional, e á assistencia, na qual se viam directores e funcionarios dos diversos serviços municipaes, representants da Bibliotheca da Ajuda e da Marinha, o director do Arquivo Historico Militar, sr. coronel H. Ferreira Lima, Frazão de Vasconcelos, representando o Instituto Português de Arqueologia, Historia e Ethnografia, artistas e senhoras, encerrou a sessão.

O primeiro centenário da Bibliotheca Municipal do Porto

A Bibliotheca Publica do Porto, criada ha cem annos por decreto régio de D. Pedro IV assinou, comemorou no dia 8 o seu primeiro centenário de existencia.

Organizou-se para tal uma sessão solene que decorreu na ampla sala de leitura, e á qual assistiram elementos de categoria do nosso meio intelectual.

Representantes de varias associações culturais e de todas as associações economicas do Porto bem como muitas senhoras.

Presidiu e abriu a sessão o sr. Antonio Domingues de Freitas, da Commissão Administrativa da Camara, que justificou a ausencia do presidente da mesma Commissão.

Depois, o sr. dr. Mendes Correia, Director da Faculdade de Ciências proferiu um discurso alusivo ao acto

raferindo-se a personalidades que ao estabelecimento prestaram o seu melhor concurso, entre os quais sobresalou o nome de Rocha Peixoto, que foi seu director e que muito se distinguio como enegrafo e folclorista notavel.

Em seguida falou o sr. João Grays, que fez o elogio das Bibliothecas.

Diz que a partir da fundação da Bibliotheca do Porto se entrou numa fase nova traducida numa melhor marcha para o futuro. Disertou sobre a função das Bibliothecas e do papel que o livro desempenha na formação e equilibrio dos espiritos, afirmando:

—O seu influo estético, filosófico e científico, é duma enorme extensão.

Se focas possível extinguir-lhe subitamente, retem as proprias fontes de trabalho á falta de renovação permanente.

Depois, falando propriamente sobre a Bibliotheca, diz:

—Os seus longos annos de existencia tem prestado relevantes serviços de ordem cultural.

Attingiu um grau (tu o etao) etaoi que causa o orgulho da terra.

Fala das suas dotações e aquisições de valor, para justificar que ella está em dia com o movimento científico e literario de todo o mundo. A acção social das Bibliothecas, bella e curiosaissima. Foi o tema duma conferencia que o sr. dr. Joaquim Costa proferiu seguidamente ao orador anterior.

Nela se faz a historia das Bibliothecas, citando o conferente, a proposito, ditos e factos interessantes, e se allude á influencia do livro sobre a disciplina do espirito.

Necrologia

No dia 6 faleceu na Amadora, Delfim Guimarães, poeta, escritor illustre, e socio da casa editora Guimarães e C.^a Autor de varios livros e da theoria litteraria de que Bernardim Ribeiro era Cristóvão Falcão, Delfim Guimarães foi um autentico valor e a sua morte entulou as letras portuguezas.

Enterrou-se no dia 10 o dr. Guimarães Pedrosa, lente jubilado da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

—Faleceu em Madrid, com 83 annos, o dr. Carreles, federalista, que a republica espanhola de 1873 condenou á pena ultima.

Bibliografia

HERNANI CIDADE—*Ligões sobre a cultura e a litteratura portuguezas*—O sr. dr. Hernani Cidade, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, reuniu neste volume as suas ligões sobre *Fernão Lopes*, sobre a *Cultura portuguesa no seculo XVI* e sobre a *Cultura no seculo XVII*. São desenvolvimento, anotação e critica dos estudos feitos, com pontos de vista novos e interessantes. 305-3 pag. da Coimbra editores, de Coimbra, por 16 estudos.

MANUEL RODRIGUES LAPA — A

politica do idioma e as Universidades

—E uma separata da *Seara Nova*, com a conferencia que tanta celebridade produziu. Magnifica, moderna, desempolpada á conferencia. Sobria, elegante, correcta, a edição.

ANTONIO EÇA DE QUEIROZ — *Crustade* — É um romance moderno, de prosa empolgante, de enredo curioso que nos encanta e perturba. Marca este livro de Antonio Eça de Queiroz, sendo A?

BIBL. — No 1 e 4, Janeiro a Abril do vol. IX-1933. Magnifica publicação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Inapreciavel valiosos e subsideios notaveis para a cultura portuguesa dos seculos XVI e XVII, a flora campaneana, o Cavalheiro de Oliveira. O poema de Amadis de Gaula, etc.

BOLETIM DA ACADEMIA DAS CIENCIAS DE LISBOA — Publicações os n.ºs de Março e Abril e de Maio de 1933. Tambem o *Arquivo Academico* de 1933 está publicado contendo interessantes e copiosas informações sobre a vida academica.

Publicações periodicas

Em Paris começou a publicar-se um novo jornal, *Realismo*, reportagem e estudo de costumes. É curioso o interessante. É o nosso *Detective* ou *Reporter X* sem crimes.

—No dia 1 saiu o n.º 1 da revista *Lisboa*. É' seu director Nogueira de Brito.

—Saiu no dia 2 *A Voz da Graç*, dirigida pelo dr. José Bonito. Intuitos patrioticos.

Varias

A escritora Coleite foi nomeada commendador da Legião de Honra. É' a segunda mulher a receber esta honra. Foi a primeira a condessa de Noailles.

—Foram nomeados gran-cruzes de S. Tiago da Espada os drs. Caero da Mata e Sabino Coelho.

—A Academia das Ciencias de Lisboa conferiu as palmas academicas aos era. ministro da Instrução, dr. Gustavo Cordeiro Ramos, reitor da Universidade de Coimbra, embaixador do Brasil e á «Revista Militar».

—No dia 9 faleceu o romancista inglés Anthony Hope. Em 1894 publicara o seu primeiro romance, *O prisioneiro de Zenda*.

—Enlouqueceu, no Rio de Janeiro, o poeta Da Costa e Silva, autor do *Sangue, Zedicoe e Pandora*. Entrou numa casa do saude.

Durante o mês o *Diario de Lisboa* e o *Diario Liberal* tem mantido uma discussao scientifica sobre o *Infante de Sagres* e a sua *Escola Nautica*.

VI -- Arte

Belas Arte — Teatro — Cinema — Música

Belas Artes

Renovação na arte religiosa

(Conferencia de D. Frei Paulo Belot no Museu das Janelas Verdes)

A convite do dr. José de Figueiredo, director do Museu de Arte Antiga, realizou, no Museu das Janelas Verdes, D. Frei Paulo Belot, architecto, uma notavel conferencia sobre os «Aspectos duma tentativa de renovação na Arte religiosa», tentativa sua, no fundo, pois a ele devem Holanda, Belgica e França algumas das suas mais lindas e modernas igrejas.

Se é possível darmos, ainda que em síntese, o relato dessa palestra, e assim poderem os nossos leitores ajuizar das ideias e da cultura desse monge-artista, mesmo leve, do que ela foi, como entretem de quantos houveram o prazer de a escutar, D. Frei Paulo Belot não foi apenas o conferencista brilhante, a douta personalidade que nos expôs alguns curtos problemas e opiniões de arte, mas um perfeccionador que seduziu todo o seu escolhido auditorio com primores de palavras elegantes, e, sobretudo, de idéas, principalmente com as suas convicções em materia de architectura, transmitidas de maneira muito espiritual, e, com frequencia, toçadas dum ligeiro humorismo.

A apresentação de D. Frei Paulo Belot fé-la o sr. dr. José de Figueiredo, que depois de cumprimentar o conferente, formulou esta interrogação preliminar:

— Existe e pode existir uma arte religiosa com características essenciais, fundamentalmente diversa da Arte profana?

«A resposta, a meu ver, não oferece duvidas. A Arte com a grande, a unica que vale a pena considerar, é sua, uma só e indivisivel na sua mesma essencia, embora diversa pelos diversos meios de expressão que lhe impôs as suas diferentes modalidades.

«E hoje, como ontem, o artista verdadeiramente digno desse nome, quando se trata de architectura, vistó ser esse o ramo de arte de que val falar-se esta noite, deve poder, como é o mesmo resultado, ou edificar uma habitação, ou levantar uma cathedra, ou construir outros edificios de mais diversa natureza. Era assim que succedia nos periodos romantico e gótico, e ainda em plena Renascença. Miguel Angelo, sem ser necessario lembrar a sua obra de escultor e pintor, é disto um exemplo tipico. E em nossos dias, Augusto Perret, embora com pouco resultado, procurou tambem afirmar esta mesma suprema unidade quando, depois de ter construido o seu celebre templo das Champs-Élysées, fez a sua tão discutida Igreja de Raincy.

«Mas se isto é assim, o que é tambem verdade é que hoje, mais do que nunca, com o utilitarismo que infelizmente tem raizes em tudo, nem todos os

que têm tabuletas de artistas são capazes de dar á Casa de Deus a dignidade que conseguem attribuir ao abrigo do homem. E isto porque, vivendo mais da Arte do que para ella, lhes falta consequentemente o espiritalismo indispensavel, ou seja o poder sem o qual o divino se não revela nunca. Não sou dos que creem que Fra Angelico tivesse pintado de joelhos as suas madonas, segundo dessa forma a tradição consagrada para o retrato da Virgem, por S. Lucas. O que é, porém, indubitavel é que, sem a fé que iluminava o celebre dominicano de Fiesole, as suas criações picturais não teriam nunca o encanto místico que é a sua melhor pedra de toque. E o mesmo se poderia dizer de Memling, cujas paisagens são, pela sua calma excepcional e pelo imponderavel das suas atmosferas, verdadeiras antecamaras do Paraíso.

«Em Portugal, ha diversos exemplos typicos do facto. Lembrarei o que nos fornecem a obra dos nossos pintores quincentistas: Frei Carlos, Gregorio Lopes e Cristovão de Figueiredo. Compare-se, no primeiro, os seus painéis anteriores á sua profissão no convento do Espinho, em 1517, com os que lhe são posteriores, e ponham-se em paralelo as composições do segundo destes nossos artistas, que foi pintor régio de D. Manuel e de D. João III, com as de Cristovão de Figueiredo, que foi pintor do cardinal-infante D. Afonso.

Se é admiravel o realismo dos retratos dos dois principes que figuram no triplice que Frei Carlos pintou cerca de 1512, a Virgem e o Menino, que constituem o centro dessa composição, estão longe de ter o sentimento e encanto que revelam as figuras analogas feitas pelo artista após a sua entrada no convento. E pelo que respeita á superioridade de sentimento religioso dos painéis de Cristovão de Figueiredo sobre os de Gregorio Lopes, não pode esquecer-se que este ultimo viveu sobretudo, na Corte e pintou para ella, enquanto Cristovão de Figueiredo, como pintor que era do cardinal-infante, devia viver num meio todo impregnado de religiosidade.

Refere-se, então, particularmente, ao rev. D. Frei Paulo Belot, de quem diz:

«Ora é a este particularismo e nobilissimo gosto que pertence o rev. padre D. Paulo Belot. Filho de architecto e criado, por assim dizer, entre as construccões a cargo de seu pai, D. Paulo Belot, ainda muito novo, alcançou o diploma de primeira classe na grande e celebre escola da especialidade, de Paris, para, poucos anos após, fazer o sacrificio de si proprio e do seu curso á ordem de S. Bento, em que

professou. E quando, volvido mais tempo, voltou a praticar a architectura, fé-lo não por interesse proprio, nam para honra do seu nome, mas para lustre da sua comunidade e para maior gloria de Deus. Simplesmente, como o anonimato em arte é hoje impossivel, a consagração da sua obra de architecto deu-lhe, por aquele facto, mais especial relevo á sua figura de artista-monge.

«Foi na Holanda, onde D. Paulo Belot se foi encontrar com os beneditinos ali exilados, que o architecto iniciou os trabalhos da sua arte. Daí o emprego do tejo, que D. Paulo Belot utilizou combinando, de começo, esse material com a pedra, para, depois, o empregar quasi exclusivamente. A utilização do cimento-armado é muito mais recente. Data dos ultimos anos. Com as projecções que D. Paulo Belot vai dar-nos, ver-se-á o que elle conseguiu com aquella primeira materia, tanto, que foram essas suas obras que lhe mereceram o titulo, honrosissimo, de *poete de la brique*. Do cimento armado, materia mais ingrata neste campo, desde que elle seja utilizado no ponto de vista artistico em toda a sua mais rigorosa lógica constitutiva, tambem D. Paulo Belot nos mostrará exemplos que são uma nova prova de quanto é grande o seu saber e poderes a sua sensibilidade.

«Ha ainda outro aspecto a considerar em D. Paulo Belot, o de ser um dos principais admiradores do grupo «L'Arche», fundado durante a guerra para a renovação da arte religiosa em França, e de que fazem parte artistas com o grande valor do escultor Charlier, discipulo de Rodin e de Bourdelle, e Mile. Reyre, um dos mais notaveis e mais modernos artistas vidreiros que conheço. A luta que esse grupo, como o grupo de que faz parte Maurice Denis e outros analogos, tem sustentado contra os industrialistas de Saint-Sulpice, tem sido das mais tenazes e profricas. E o facto, que não pode de forma alguma ser indifferente a quem dá á Arte o lugar a que ella tem direito, interessa-nos ainda pelo muito que ha a fazer nesse ponto, em Portugal, onde a dignidade de alguns dos nossos templos tanto tem soffrido do mau gosto daquêl e de outros analogos mercantilismos artisticos. Os exemplos são, infelizmente, evidentes de mais para que seja necessario citá-los.

«Por ultimo, quero ainda dizer que me apraz verificar na obra, tão moderna, de D. Paulo Belot, o respeito que ao artista merece a tradição. Rodin, de quem teve a honra de ser amigo durante largos anos, dizia que nada ha para olhar de frente o futuro como o

conhecimento seguro do passado. E tinha razão o genial artista. A Arte não pode ser o campo dos que, nada sabendo do que se fez através dos séculos, consideram por isso como geniais e completas afirmações as suas tentativas, ainda as mais medocres. Nada há para orientar como a lição dos grandes mestres. Nenhuma outra mesmo a pode igualar como fonte de energia e sugestão de humildade.

«E, depois, não pode também esquecer-se de que a Arte, embora haja quem a julgue o contrario, não tem apenas finalidade utilitaria, nem cabe em formulas, nem estas lhe bastam, por mais completas e rigorosamente scientificas que sejam. A Arte é outra coisa, e consiste precisamente naquilo que, vivendo ainda a dentro dos processos da especialidade que o artista se propõe servir, não é, entretanto, o simples produto desses processos, não tendo nela outro papel que não seja o de servirem para vestir e apresentar.»

Em seguida o conferente, depois de agradecer estas palavras, de recordar o prazer que teve quando visitou a Exposição de Arte Portuguesa, em Paris, há dois annos, e assim estabelecer o primeiro contacto com Portugal, diz-se, agora que nele se encontra, plenamente agradado da nossa terra e nossa gente.

Depois, entra na materia da sua conferencia e frisa que a architectura re-

ligiosa, hoje em dia, sofre da atracção de dois polos bem opostos. Dum lado estão os que, sobre o pretexto do tradicionalismo, sonham apenas com o romano ou com o gotico. Do outro, aqueles que se dizem modernos, negam o passado, e só buscam a novidade por ser novidade.

Faz comentarios de critica ás indicações dos primeiros. Imitadores, afinal, lembram-lhe tocadores de pianolas, quando se lhes requeria talentos de compositores e de organistas. Os segundos, por sua vez, recordam-lhe os negros, inventores de instrumentos de três cordas, para neles interpretarem somente ritmos bizarros.

D. Frei Paulo Bellot condensa as duas tendencias. Entende que, especialmente em Architectura religiosa, há só que «inovar — mas segundo a tradição». Tanto mais que, em seu entender, esta palavra significa evolução, e nunca estagnação.

Serve-se, depois, dum versículo da Biblia que diz respeito a Adão e seu trabalho, para, filosoficamente, mostrar que há uma relação normal entre a obra e o artista, visto que toda a manifestação de arte se exprime sempre em materia, a que o seu criador fornece alma, entusiasmo, a projecção da sua ideia.

Enunciado este principio, com ele mostra que, em todos e nas obras dos que trabalham o falso gotico e o falso romano, essa relação normal não exis-

te. A ideia essencial não é deles, mas de outro.

A mesma relação, no caso dos que replem a tradição e não consideram mais do que o lado material da obra, enferma doutra molestia, em seu dizer. Então, o pensamento do artista, que tem corpo e alma, se com esta não conta, só pode comunicar ao seu trabalho uma ideia incompleta, decapitada.

Sobre Arte cristã defende o rev. D. Frei Paulo Bellot a teoria de que ella só pode ser assim classificada quando a pratiquem verdadeiros crentes.

À margem destas considerações faz também uma análise do expressionismo, em pintura, e recorda, para isso, Rembrandt, pondo-lhe Giotto em confronto.

Ainda aponta, espiritualmente, a situação do architecto, hoje ao sabor de imposições e gostos dos que lhe dão incumbencias.

Por fim, em projecções de algumas fotografias de igrejas por si construidas, mostra a evolução das suas tentativas da renovação da Architectura religiosa, que lhe grangearam nos meios artisticos e catholicos do estrangeiro grande fama.

O publico, onde se viam figuras de alto destaque na vida social de Lisboa, e muitas senhoras, ouviu com interesse esta conferencia, viu com agrado a reprodução dos belos templos edificadros por D. Frei Paulo Bellot, e aplaudiu-o efusivamente.

Teatro, Cinema e Musica

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES—No Teatro Nacional, companhia de Camilla Quiroga, Margarita, Armando y su padre, Anacleto se divorcia, El diablo fué antes angel, La conquista, Todo Madrid lo sebia, El hombrecito, Conquista, Aimer, Safo, Baile de trajes; no Avenida, o centenário da revista Fogo de vistas e a estrela da Fetra da alegria, revista; no teatro Maria Vitoria, a revista O Pagode e O Fandango; no Politheam, Cabeças no ar.

—No dia 1 inaugurou-se em Lisboa no Parque Eduardo VII, O Luna Park recinto de diversões á semelhança dos congenères do estrangeiro.

—Por decreto do teatro de S. Carlos passou a denominar-se Teatros Nacionais de S. Carlos.

—No dia 2 despediu-se no Teatro Variedades a companhia brasileira de revistas. Auro Abranches fez um pequeno discurso.

—No dia 9 foi oferecido ao dr. Jorge de Faria critico teatral do «Diário da Manhã» um banquete de homenagem.

CINEMA

Passaram nos cinemas lisboetas O Estado, Recrutas do amor, Tess, no país das edios, O fidalgo ladrão, Testemunho impressivo. A aranha.

Varias

Mary Pickford e Douglas Fairbanks divorciaram-se. Divorciaram-se para se casarem e agora divorciaram-se para se separarem.

—Casou-se em Berlim, no dia 6,

Any Ondra com o pugilista Schmelting. —Richard Dix separou-se, dizem de Hollywood, de Winifred Coe.

Necrologia

Faleceu em Milão, no dia 2, o actor italiano Rogerio Lupi. Lupi foi o grande actor da companhia Dario Nicodemini.

—Morreu em Paris o actor Charles Prince, «O Bigodinho».

—No dia 13 faleceu de febre de Malta a grande actriz Rosario Pino.

—Faleceu em Barcelona, Francisco Viñas grande intérprete de Wagner

Como a Republica Espanhola protege a Arte Teatral

«O ministerio da Instrução, do país vizinho, a fim de promover a renovação do teatro nacional, concede, este anno, as seguintes subvenções:

Primeira—A Margarida Xilgu e D. Henrique Borrás, directores da companhia do teatro espanhol, a subvenção de 50.000 pesetas para que no teatro romano de Merida representem com a companhia que dirigem, a tragedia de Seneca, Medea, tradução de Miguel Unamuno. Neste espectáculo utilizar-se-ão todos os elementos artisticos que lhe possam dar um verdadeiro sentido teatral: orquestra, coros, etc. As representações devem repetir-se em agosto no teatro grego de Barcelona, terminando o ciclo em Madrid com um espectáculo gratuito.

Segundo—Ao presidente da Federação espanhola de Espectáculos pu-

blicos, D. Joaquim Varela, a subvenção de 25.000 pesetas para que a companhia Experimental, criada pela referida Federação, realize no teatro espanhol uma temporada de teatro para crianças, teatro social e teatro classico. Periodicamente a companhia dará espectáculos gratuitos para as crianças das escolas do Estado e para os operarios.

Terceira—A D. Ricardo Calvo a subvenção de 15.000 pesetas, para que, no teatro Maria Guerrero, organize um ciclo de representações de teatro classico e romantico espanhol. O ministerio da Instrução disporá três dias por semana, da terça parte da lotação do teatro, para a oferecer a elementos populares e de poucas posses.

No dia 2 do Outubro proximo estreia-se em Londres, no «Prince Edwards», a celebre Josefina Baker.

Quasi ao mesmo tempo Douglas Fairbanks, pai, e Douglas Fairbanks, filho, resolveram divorciar-se das suas queridas esposas: Mary Pickford e Joan Crawford.

Ninguém imagina a tristeza que esta resolução provocou na America, que encarava, quasi com orgulho nacional, o par Doug e Mary—imagem da fidelidade num terreno provido de divorcios.

Segundo elle, muita gente não se divorciava, para seguir o exemplo moral de Doug e Mary.

Mas agora?

VII -- Vida Social

O homem e a mulher—Desporto e educação física—A moda—Vida religiosa—O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro

Desportos e Educação Física

Terminou no passado domingo, 3 de julho, a época de *foot-ball*, o desportado da multidão, com a final do campeonato de Portugal, que teve como adversários o Club de Foot-Ball «Os Belenenses» e o Sporting Club de Portugal, ambos de gloriosas tradições na vida desportiva portuguesa. O sensacional desafio teve lugar no Estádio do Lumiar, com a assistência do sr. general Carmona, Presidente da Republica, tenente-coronel Luiz de Moura, Governador Civil de Lisboa, e demais entidades oficiais.

O encontro despertou um enorme interesse na *fleição* lisboeta que lá se tem frente a frente dos seus melhores clubes, um dos quais, o Sporting, numa brilhante jornada, conseguira eliminar o favorito da prova, o Foot-Ball Club do Porto. Mais de vinte mil pessoas acorreram ao Estádio do Lumiar, emprestando ao campo um aspecto interessante, vendo-se os adeptos ferrenhos dos clubes adversários, com as suas bandeirinhas, o que dava uma nota de cor bastante curiosa. Pelas 17,30 horas Eduardo Palhinhas, de Setúbal, deu início ao encontro de que saiu vencedor o Club de Foot-Ball «Os Belenenses» por 3 goals a 1. Os goals campeões foram marcados na segunda parte por Rodolfo (2) e José Luiz (1). O do Sporting foi marcado por Abrantes Mendes na primeira parte.

CICLISMO—Realizou-se no Bombaral a III Prova Velocipedica 12 Voltas da Gafa, no percurso total de 100 quilómetros. A ordem da chegada foi a seguinte: 1.º Nicolau, do Benfica, 3 h. 15 m. e 14 s.; 2.º Trindade, do Sporting; 3.º Conceição, do Bombaral; 4.º Ezequiel Lino, do Sporting; 5.º Eugénio Martins, do Campo de Ourique; 6.º Gomes dos Santos, do Bombaral; 7.º Gil Moreira, do Benfica; 8.º João Francisco, do Campo de Ourique; 9.º Joaquim Jorge, do Rio de Janeiro; 10.º António Bernardo, de Beja; 11.º Cesar Luiz, do Benfica; 12.º Becco, do Bombaral. Cortaram a meta mais 8 concorrentes.

A classificação por *équipes* deu o 1.º posto ao Benfica e o 2.º ao Sporting. José Maria Nicolau ganhou a «Taça Aníbal Rosado» e Trindade a «Taça António Mil Homens».

O Benfica conquistou a «Taça 12 voltas à Gafa» e o Sporting a «Taça Sport Club Bombaralenses». O Benfica ganhou ainda a «Taça dr. Alberto Martins dos Santos» por a sua *equipe* ter sido a primeira classificada nas 6 voltas iniciais e ter completado percurso.

Organizada pelo Atletico Club Lisbonense disputou-se uma prova para principiantes de 3.ª e 4.ª categorias, entre o Campo Grande e Loures. Os três primeiros classificados foram, respectivamente: Armino Quirino dos Santos, do Parede F. C., em 39 m.; Joaquim

de Sousa, do Sporting, e Estevão dos Santos, do Parede, com pequenas diferenças. A classificação por *équipes* foi: 1.º Sporting, que ganhou a «Taça Alvaro Cruz»; 2.º Parede; 3.º Gimnasio; 4.º Benfornoso.

Promovida pelo Atletico do Campo de Ourique e patrocinada pelo nosso colega A Bola, realizou-se a importante corrida Lisboa-Bombaral-Lisboa, para principiantes, fracos e fortes. Foram os seguintes os três primeiros classificados nas três categorias: *principiantes*, 1.º Fernando de Almeida (S. C. P.), 1 h. 36 m. e 3 s.; 2.º Adelinha da Cunha (S. L. B.), a 53 s.; 3.º Afonso Vigarig (G. C. P.), a 1 m. e 15 s.; *fracos*, 1.º João Rainha (C. A. C. O.), 3 h. 31 m. 43 s.; 2.º Lucas Venancio (S. C. P.), a 1 m. e 28 s.; 3.º Americo Alves Vieira (S. L. B.), a 1 m. e 45 s.; *fortes*, 1.º José Maria Nicolau (S. L. B.), em 5 h. 2 m. e 30 s.; 2.º Alfredo Trindade, a 1 s.; 3.º Eugénio Martins (C. A. C. O.), a 47 s. O Sporting obteve a primeira classificação geral da corrida.

Os ciclistas portugueses foram disputar a Volta a Pontevedra, organizada pelo jornal *Sprint*, de Vigo, fazendo o seu baptismo internacional. A União Velocipedica Portuguesa indicou os seguintes corredores: José Maria Nicolau, Alfredo Trindade, Gil Moreira, João Francisco, Ezequiel Lino, Prudencio Carneiro e Fernandes da Silva.

O percurso total da prova foi de 476 quilómetros, divididos por 4 etapas.

A prova concorriam bons estradistas bons estradistas espanhóis, profissionais, como os irmãos Montero, Cañardo, Cepeda, Bachero, Meaña, Esqueria e outros. A classificação final foi a seguinte:

1.º Esqueria, 15 h. 50 m. 42 s.; 2.º Luciano Montero, 15 h. 51 m. 28 s.; 3.º Cardona, 15 h. 55 m. 58 s.; 4.º Bachero, 15 h. 58 m. 7 s.; 5.º Cañardo, 16 h. 4 m. 51 s.; 6.º Ricardo Montero, 16 h. 5 m. 33 s.; 7.º Dermitt, 16 h. 8 m. 51 s.; 8.º Meaña, 16 h. 9 m. 42 s.; 9.º Escuriet, 16 h. 9 m. 48 s.; 10.º Trindade, 16 h. 15 m. 09 s.; 11.º Gonzalez, 16 h. 29 m. 25 s.; 12.º Cepeda, 15 h. 29 m. 32 s.; 13.º Ferradas, 16 h. 34 m. 26 s.; 14.º Tuero, 16 h. 35 m. 31 s.; 15.º João Francisco, 16 h. 51 m. 30 s.; 16.º Figueroa, 17 h. 01 m. 01 s.; 17.º Ferrer, 17 h. 3 m. 21 s.; 18.º Rosales, 17 h. 9 m. 58 s.; 19.º Prudencio, 17 h. 38 m. 42 s.; 20.º Ribatula, 17 h. 41 m. 31 s.; 21.º Fernandez, 17 h. 53 m. 22 s.

Como vemos, a classificação de Trindade foi a melhor dos portugueses.

Nicolau, Gil e Ezequiel desistiram; Fernandes da Silva não chegou a embarcar.

Realizou-se o III Circuito de Lisboa, promovido pelo jornal *Os Sports*. As primeiras classificações registadas

em todas as categorias foram: *fortes*, 1.º Diamantino Cordeiro do Comercio e Industria, de Setúbal; *fracos*, 1.º Luiz Caramelo, do União Lisboa; *principiantes* medalhados, 1.º Adelinha Aguiar da Cunha, do Benfica; *principiantes não medalhados*, 1.º Ismael Ferreira Machado, do Sporting; *meninos sem abono*, 1.º Antonio Pereira, de Cascais; *meninos com abono*, 1.º Fernando Alegria, do Benfica; *rapazes*, 1.º Jorge de Oliveira Pereira, do Sporting.

—Disputaram-se em todó o País os campeonatos distritais de ciclismo, 100 quilómetros, organizados pela U. V. P. Os vencedores foram: Lisboa, Alfredo Trindade (Sporting), 3 h. 07 m. 05 s.; Porto, José de Sousa (Salgueiros), 3 h. 20 m.; Evora, Antonio José Afonso (Lusitano G. C.), 3 h. 17 m.; Faro, Afonso Rodrigues (S. L. F.), 3 h. 12 m. 5 s.; Setúbal, Manuel Albuquerque (Victoria P. C.), 3 h. 32 m. Em Beja, o campeonato ficou adiado.

MOTOCICLISMO—Alexandre Black triunfou brilhantemente no Circuito de Guadalajara, Madrid, organizado pelo Moto Club de Espanha, em competição com os melhores áses espanhóis como Ortueta e Aranda. Jorge Teixeira conseguiu arrancar com valor a segunda classificação:

Os resultados técnicos da prova foram os seguintes: 1.º Alexandre Bické, cobrindo as oito voltas do percurso (457,142 quilómetros) em 5 horas 3 minutos e 13 segundos. A sua volta mais rápida foi dada em 36 minutos 27 segundos 8/10, ou seja à media de 95,500 quilómetros; 2.º Antonio Jorge Teixeira, em 5 horas 23 minutos 42 segundos; 3.º Jam, em 5 horas 45 minutos 53 segundos; 4.º Alegre.

Nas categorias 350 c. c. e 250 c. c. venceram respectivamente Juan Gilli, em 5 horas 5 minutos e 32 segundos, e José Iglesias, em 4 horas e 10 minutos.

AUTOMOBILISMO—Em Guimarães efectuou-se a IV Rampa da Penha, uma das mais difíceis provas de automobilismo. Triunfou o esplendido volante Vasco Semeiro, seguido de Alberto Costa e Frazão Gonçalves.

BASKET-BALL—Começou a disputar-se o torneio preparatório do campeonato de Portugal, organizado pela Liga Portuguesa de Basket-ball, recentemente fundada e que vem realizando um trabalho valioso em prol deste desporto. Ficou apurado representante de Portugal o Campolide Atletico Club.

WATER-POLO—Terminou o campeonato de Lisboa de *water-polo*, em 1.ª categoria, de que saiu vencedor o Sport Algas e Dafundo.

HOCKEY EM PATINS—O torneio de Iniciação, de hockey em patins, terminou com a victoria da *equipe* A do Benfica, sendo-lhe conferida a «Taça Preparação».

ATLETISMO—Disputaram-se os campeonatos de Lisboa e de Portugal de atletismo.

Os campeonatos de Lisboa forneceram-nos os seguintes campeões:

100 metros—Rendas (Sporting), 11".

200 metros—Carvalhosa (Sporting),

24" 2/5.

400 metros—Domingos Pinto (Tre-

za), 54" 4/5.

800 metros—Anibal Rodrigues (Ben-

fica), 2' 8" 1/5.

1.500 metros—Carmo (Sporting), 4'

22" 5/5.

4.000 metros—Dias (Benfica), 16'

28" 4/5.

10.000 metros—Dias (Benfica), 33'

44".

110 barreiras—Palhares (Sporting),

16".

400 barreiras—Vieira (Benfica), 64"

1/5.

Altura—Vieira (Benfica), 1^o 72.

Comprimento—Cabrira (Clif), 5^o 91.

Vara—Cristóvão (Benfica), 3=23.

Tripo—Vasconcelos (Clif), 12=65.

Peso—Garnel (Sporting), 11=48.

Disco—Garnel (Sporting), 36=92.

Dardo—Garnel (Sporting), 47=71.

Martelo—Borges (Sporting), 28=06.

4×100—Sporting C. P., 45" 4/5.

4×200—Os Treze, 1' 38".

4×400—S. L. Benfica, 3' 46".

4×800—S. L. Benfica, 8' 41" 3/5.

4×1.500—S. L. Benfica, 18' 13" 2/5.

Os campeonatos de Portugal, a que

concorreram atletas de Lisboa e Porto,

indicaram-nos os seguintes campeões:

100 metros, Antonio Sarsfield (S. C.

Porto), 10 = 4/5; 200 metros, Antonio

Sarsfield (S. C. Porto), em 23 s. 4/5;

400 metros, Silveira (C. L. F.), 53 s.

3/5; 800 metros, Silveira (C. L. F.),

2 m. 5 s.; 1.500 metros, Carmo (Sport-

ing), 4 m. 29 s.; 5.000 metros, Manuel

Dulas (Benfica), 15 m. 35 s. 2/8; 10.000

metros, Adelino Tavares (Vendedores de

Jornais), 33 m. 50 s.; 110 metros (bar-

reiras), Palhares (Sporting), 16 s.; 400

metros (barreiras), Vieira (Benfica), 662

s.; 4×100 metros, Academico (Xavier,

Prata, Tavares e Lima Marques), 4 s.

8/8; 4×400 metros, G. D. «Os Treze»,

(Pinto, Duarte, Helder e Soeiro), 3 m.

49 s. 5/5; peso, Garnel (Sporting),

11=95; disco, Herculan Mendes (Aca-

demico), 37=14; dardo, Cadete (Aca-

demico), 45=35; altura, Pascoal (Sport-

ing), 1=73; comprimento, Tavares Ju-

nior (Academico), 5=49; vara, Saravia

(Gaia), 3=20; tripo, Vasconcelos (C. I.

F.), 12=87.

ESTRANGEIRO—Terminou a Volta

à França em bicicleta, a prova mais

importante do ciclismo internacional.

A classificação geral da formidável cor-

rida foi:

1.º—Spelcher, francês, 147 h. 51 m.

27 s.

2.º—Guerra, italiano, 147 h. 55 m.

38 s.

3.º—Martano, italiano (1.º dos indi-

viduais), 147 h. 56 m. 45 s.

4.º—Lemaire, belga; 5.º, Archamb-

aud, francês; 6.º, Trueba, espanhol

(individuo); 7.º, Level, francês (ind.);

8.º, Magne, francês; 9.º, Aerts, belga;

10.º, Stoepeel, alemão; 11.º, Fayolle,

francês (ind.); 12.º, Geyer, alemão; 13.º,

A. Buschi, suíço; 14.º, Rebry, belga;

15.º, Rinaldi, francês (ind.); 16.º, Le

Goff, francês (ind.); 17.º, Le Calvez;

18.º, Scheppers, belga.

A classificação por nações ficou

assim estabelecida:

1.ª, França—444 h. 32 m. 50 s.

2.ª, Bélgica—445 h. 53 m. 46 s.

3.ª, Alemanha—447 h. 13 m. 14 s.

4.ª, Suíça—448 h. 45 m. 33 s.

5.ª, Itália—449 h. 51 m.

ESGRIMA—Para disputa da «Taça

Conde de Penha Garcia», inscreveram-

se os nossos melhores esgrimistas. De-

pois dos assaltos das eliminatórias,

procederam-se aos das meias-finais que

indicaram a seguinte classificação para

finalistas:

1.º Henrique da Silveira, do Centro

Nacional de Egrima, com 6 vitórias e

1 derrotas.

2.º Dr. Gustavo Carinhas, do Centro

Nacional de Egrima, com 5 vitórias e

2 derrotas.

3.º Dr. Rui Ferro Mayer, do Centro

nacional de Egrima, com 4 vitórias,

3 derrotas e 12 toques recebidos.

4.º João Sasseti, do Centro Nacional

de Egrima, com 4 vitórias, 3 derrotas

e 16 toques recebidos.

Na final triunfou Henrique da Sil-

veira.

—Começou a disputar-se o campeo-

nato nacional de Espada.

—O Sport Lisboa e Benfica levou a

efeito, no Coliseu dos Recreios, um

grandioso sarau desportivo.

—O Sporting Club de Portugal inau-

gurou, com toda a solenidade, as lu-

xuosas instalações da sua nova sede,

no Palácio Foz da Praça dos Restau-

radores.

—Na piscina do Club Desportivo de

Pedrouços efectuaram-se dois impor-

taes festivais a que concorreram os

nossos melhores nadadores.

—O Ateneu Commercial de Lisboa

continuou a comemorar com varias

provas o seu **Mês Desportivo**.

—O Boavista F. C. ficou impossibili-

tado de se deslocar ao Brasil.

—O Foot-Ball Club do Porto apre-

sentou um protesto sobre o jogo de

Colmbra que perdeu com o Sporting,

alegando que as balizas não tinham a

medida regulamentar. A Federação

Portuguesa de Foot-Ball não aceitou

como bom o protesto do clube norte-

nho.

—No Montijo o Aldegalense Sport

Club levou a efeito varias provas des-

portivas e ofereceu um jantar de ho-

menagem ao Mestre Carlos Gonçalves

e ao sr. dr. José Pontes.

—A Associação de Foot-Ball de Lis-

boa levou a efeito uma sessão solene

para distribuir, aos seus jogadores, os

premios da epoca 1932-33.

—No Gimnasio Club Português, em

sessão solene, fez-se a distribuição de

premios aos vencedores das diferentes

provas efectuadas durante o ano lectivo

findo.

—No encontro Porto-Lisboa, em

fennis, Serra e Moura bateu Alberto

Machado por 6/2 6/ 6/1 e Horta e

Costa venceu Avik : por 6/4 8/6 6/4.

—A Inglaterra ganhou a Taça Dav-

nis em fennis, o que não se verificava

ha vinte e um anos.

—O F. C. Porto perdeu na Coruña

com o Desportivo daquela cidade por 2-0.

—O Congresso da Federação de Foot-

Ball rejeitou o protesto do C. P. F.

acerca da irregularidade das balizas do

campo do Arradene, em Colmbra.

—Organizadas pelo S. A. e Defundo

incriminaram-se regatas de vela para a

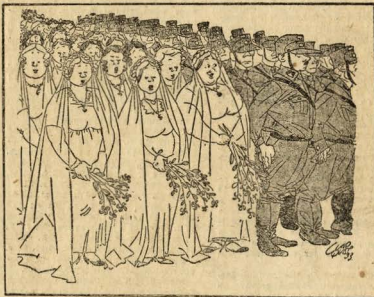
disputa das taças: Eugenio Neves Vi-

riato Portugal, capitão Luciano Barra-

das e Tio Florencio.

MARIO ROSA

Haja alegria, toca a casar ...



O casamento em serie, segundo o rito hilleriano

Dagens Nyheter, Stockholm

A CARICATURA EM PORTUGAL



— Que massada! Peço o numero do capitão e dizem-me que está o impedido!



— E' um snob! Usa chapéu só para dar nas vistas...



ELA — Vamos lá a saber: compras-me ou não o anel?
 ELE — E' um "ultimatum".
 ELA — Não; é um topazio.



— Estes estrangeiros andam em Lisboa como se estivessem em casa deles, elas quasi nuas, eles em mangas de camisa, Se fossemos nós eramos presas.



O profes-
 sor: — Dé-me
 um exemplo
 dum animal
 feroz.
 O aluno:
 — O "cavalo-
 marinho",
 que o meu pai
 tem lá em
 casa....

(Do Sempre Fixe)

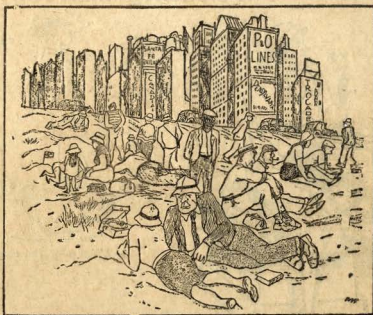
A CARICATURA NO ESTRANGEIRO

SINAL DOS TEMPOS



Estamos entalados. O cofre esta cheio de café do Brasil. Só nos resta... suicidar-nos.

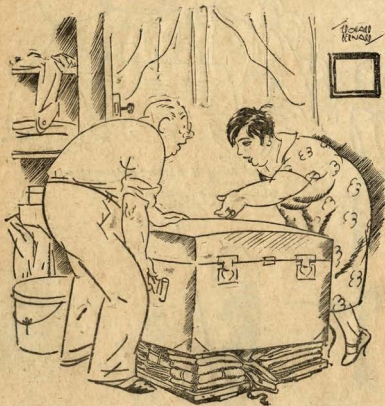
Gutierrez, Madrid



Entre gangsters:

— Não meu velho. Eu não sou tão tolo que vá arrombar o City Bank agora que o dolar está pela hora da morte...

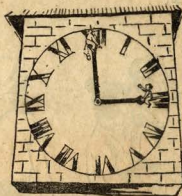
Nebelspalter, Berne



Olhá!... está menos pesada do que eu julgava.

Eu não te disse que ainda se podia encher um pouco mais?...

Do Le Journal Paris



— Dis-me lume?
— Agora não posso. Só daqui a um quarto de hora.

De Kuryer Coozienny

VINGANÇA RUDE



— Foi aqui me indicaram a cozinheira?

— Eu proprio!

— Ah, foi? Pois ha de ir hoje jantar comigo!

De l'Intransigeant, Paris

EDIÇÕES DA "RENASCENÇA GRAFICA"



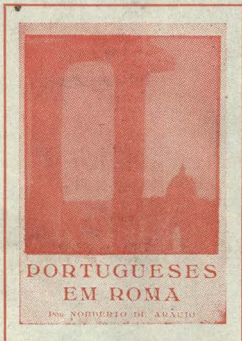
«Este livro foi escrito sobre o mar. No recolhimento da camarã de um navio de guerra, à hora em que as embarcações dormiam sobre os túrcos, ia traçando rapidamente as minhas impressões num diário de viagem. Por vezes, nas tardes lentas do Egipto, da Tunísia ou da remota Palestina, sentava-me à mesa de um «café» árabe e sentia invadir-me docemente o encanto do Islam. O meu caderno enchia-se então de apontamentos copiosos do natural. Guardo com sauidade a recordação de algumas notas de côr, de certo perla hieraticos de mulheres egipcias, de duas ou três ruas melancolicas da velha Jerusalem. De toda a viagem, a impressão que ficou mais nitidamente gravada no meu espirito foi aquella que recebi em contacto com as populações submetidas do Islam, com os longos albornozes que desde seculos inclinam a fronte diante do «mir-hab», ao sol poente. E quando regressava a bordo, depois destas rapidas peregrinações pelos lugares santos da Historia e da Religião, sonhava horas inteiras—diante do Mediterraneo azul—com os dias longinques em que a gloria de Carthago florescia sobre a colina de Byrsa e o mar da Galiléa reflectia o sorriso doce de Jesus. No silencio da noite, quandois transmitindo, febrilmente, ao papel os meus apontamentos, o relógio batia a uma hora da madrugada e ouvia-se na ponte, invariavelmente, a voz do oficial de quarto:

—Cabo de quarto! Cinzas!

Ainda tenho no ouvido a toada dessa voz—que era sempre a mesma. Ao lado do meu camarote, gemia uma engrenagem de roldana e dois marinheiros, com os olhos ainda cheios de sono, começavam lentamente a deitar as cinzas ao mar...

Recordações do tempo que se viveu, cinzas do passado—que ainda conservam muito chegadoinho ao peito o calor da saudades».

(Do prefacio do autor)



«Este livro não é obra de um literato: é obra de um jornalista. A literatura caberia dentro destas crónicas, ainda a literatura das viagens—a mais bela, por ser mais espontanea de todas—mas não houve tempo de a tentar.

Por muito que o autor nelle tenha posto a sua sensibilidade, o certo é que pela natureza do acontecimento não ha nestas paginas intimismo ou sedução original: tudo é fotografia de factos, vistos na sua exactidão exterior pela objectiva desempoçada e sincera do cronista.

É a Peregrinação sempre, a viver, a ouvir a palavra de Deus, a rezar, a sentir a majestade da Igreja, a passear no seu tumulto, na sua indole, no seu portuguesismo; abraçada á sua Pá, ao seu amor á terra patria, que ficou cá longe a três mil quilometros de estrada de ferro e de saudades.

A Peregrinação portuguesa, a primeira, no mês de maio, foi linda e foi altamente espiritual. Não apenas por ser uma afirmação de Pá, mas mais por ser uma afirmação de beleza.

Depois da embalxada de Tristão da Cunha, opulenta e deslumbrante, plena de efeitos politicos e reflectora de um grande poder temporal—não voltara a Roma dos Papas outra embalxada portuguesa.

Escrevi estas crónicas na lufa-lufa do dia e da noite, umas vezes afinado na mesa do meu quarto de hotel, ouvindo cá em baixo o tumulto da Roma de Vitorio Emmanuel, outras vezes nas mesas dos cafés, no convívio da beleza livre e luxuriante, envolto na ligeira poalha de ouro, tomado da sensação profana da frescura que ali anda no ar e á superficie das coisas, ouvindo cantar as fontes pagãs do Renascimento e tocar os sinos misticos de trezentas igrejas».

(Do prefacio do autor)

O Diário de Lisboa (edição mensal)

procura elucidar o publico de uma maneira sintetica e completa de todos os factos, acontecimentos e ideias, inventos, modas, de tudo enfim o que acontece e val pelo mundo. Procura preencher uma lacuna, como é uso dizer-se, procura ser util e, para isso, se o publico o ajudar, melhorará todos os numeros as suas secções. Colaboração especializada, advogados, professores, medicos engenheiros, literatos, artistas, musicos, homens da finança e homens do comercio, homens do mar e da guerra, aviadores e industriais, todos enfim que representem um sector da vida moderna, todos serão buscados para darem o seu saber, iluminarem o seu sector com as luzes da sua experiencia e o saber de uma vida a ele devotado. Este numero é um ensaio. Bom? Procurará melhorar. Mau? Faremos o possivel por que seja bom.

O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) divide-se á nas seguintes secções:

- I -- Ciencias sociais e politicas. Direito.
- II -- Comercio, Industria, Tecnologia, Agricultura.
- III -- Ciencias.
- IV -- Historia e Geografia.
- V -- Letras.
- VI -- Arte.
- VII -- Vida social.

O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) receberá de bom grado informaçoes e sugestões dos seus leitores, indicações de nomes para a sua expansão, etc.

Desenvolverá as suas secções, procurando evitar o desequilibrio que é obvio os seus primeiros numeros não de ter; procurará enfim servir de orgão orientador e Informativo dos nomes que desejam uma vida retrospectiva que mês a mês os ponha a par de tudo, e lhes preencha as lacunas que o tempo, os afazeres, ou o dinheiro, a todos estabelece.

Toda a correspondência e assuntos de redacção devem ter bem legivelmente - Redacção do DIARIO DE LISBOA (edição mensal).

Todos os assuntos de administração apenas á Administração do DIARIO DE LISBOA. Os preços do assinatura são:

Um ano (12 numeros) 25\$00

Um semestre (6 numeros) 15\$00

Numero avulso 2\$50

Africa Ocidental, India, Macau e Timor Um ano 27\$00, um semestre 16\$00

Africa Oriental e Estrangeiro Um ano 28\$60, um semestre 16\$80

Publicidade:—O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) feito para pessoas cultas, servindo um publico especial e durante 30 dias, alem da sua incorporação em colecções, é util a livrarias, collegios, papelarias, imprensas, etc. Estabelecemos preços convencionais e equitativos, no proposito de prestarmos ao publico que nos lê, com os nossos anuncios, uma honesta e segura fonte de informaçoes. Dirigir á Administração do DIARIO DE LISBOA, Rua da Rosa, 57. Telefones 2 0271 2 0272 e 2 0273.

